Abril

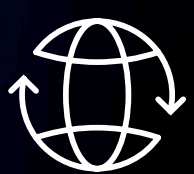
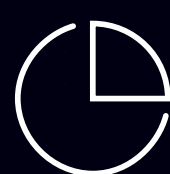
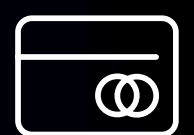
Editora ABRIL
edição 2907 - ano [illegible] - nº 34
23 de agosto de 2024

veja

www.veja.com

A POLÍTICA DA LACRAÇÃO

Candidato conhecido pelas propostas rasas, além de uma extensa ficha de rolos na Justiça, o coach Pablo Marçal sobe nas pesquisas e desnorteia os adversários na eleição em São Paulo. Sua fórmula: golpes baixos, mentiras e agressividade

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO
DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 907 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 34. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

COMO ESCOLHER O SEU HOSPITAL?

Rede D'Or, maior empresa de saúde da América Latina, aposta em indicadores técnicos e mais transparência para pacientes e familiares · **REDE D'OR**

O oncologista dr. Paulo Hoff enfatiza que a excelência da Rede D'Or é fruto do compromisso de disponibilizar tecnologia de ponta e equipes qualificadas para a busca de tratamentos avançados.

De forma repentina, o coordenador de implantação de sistemas Anderson Lima, de 45 anos, começou a passar mal, em março de 2024, com problemas no fígado. Morador da Grande São Paulo, ele procurou o Hospital São Luiz São Caetano e descobriu que sofria de uma hepatite fulminante. Ele foi transferido e fez o transplante de fígado no Hospital São Luiz Itaim. "Fui muito bem atendido em todos os âmbitos do meu diagnóstico, principalmente na UTI. Me senti seguro com todos os procedimentos e fui muito bem instruído sobre o que estava acontecendo comigo", diz.

Para escolher um hospital em situações decisivas como a de Anderson, ter acesso aos indicadores de qualidade da instituição faz diferença.

QUALIDADE TÉCNICA COMO GUIA

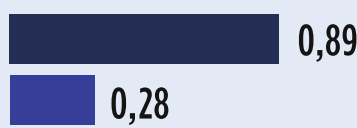
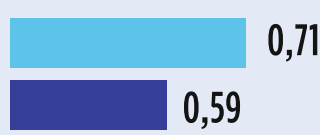
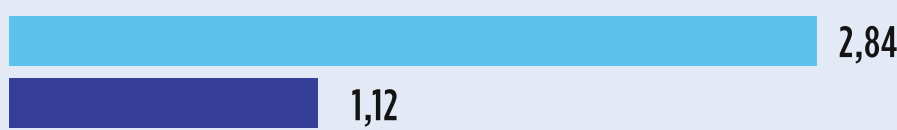
A Rede D'Or se destaca pelo seu Programa de Qualidade Técnica, iniciativa baseada no monitoramento de 50 indicadores, como acreditação de excelência e auditorias internas."A criação de bancos de dados, padrões e manuais utilizados como referência em todos os estados pela Rede D'Or tem acelerado o processo de elevação da segurança dos processos assistenciais e vem retroalimentando o sistema continuamente", ressalta Franklin Lindolf Bloedorn, avaliador da Joint Commission International, com sede nos Estados Unidos.

LEIA O QR CODE E SAIBA MAIS

INDICADORES DE QUALIDADE TÉCNICA

Quanto menor o número, melhor
Dados: 2º semestre de 2023

Legenda: Epimed/JCI · Rede D'Or · Anahp

Indicador	Epimed/JCI	Anahp	Rede D'Or
Taxa de letalidade padronizada do hospital	0,65		0,40
Taxa de reinternação em UTI adulto em até 24 horas	0,89		0,28
Infecção do trato urinário associada ao uso de sonda*		0,71	0,59
Pneumonia associada à ventilação mecânica*		2,84	1,12
Infecção primária da corrente sanguínea associada ao uso de cateter*		1,36	0,63

*por mil pacientes

Como é o Programa de Qualidade Técnica da Rede D'Or:

24 indicadores monitorados para pacientes adultos;

26 indicadores monitorados na linha materno-infantil (3 para maternidade, 12 para UTI neonatal e 11 para UTI pediátrica)

A Rede D'Or tem **1 em cada 3 das suas UTIs premiadas** com a distinção Top Performer, ainda que só represente 9% do total das UTIs participantes do programa.

Total: 234
Rede D'Or: 78

UTI dos hospitais da Rede D'Or reconhecidas
UTI Top Performer + UTI Eficiente

Ano	UTIs
2022	120
2023	180

Dos 73 hospitais da Rede D'Or, 64 (88%) são acreditados por diferentes instituições:

- **30** pela Organização Nacional de Acreditação (ONA);
- **21** pela Joint Commission International (JCI), EUA;
- **7** pela Qmentum International, Canadá;
- **5** pela Agencia de Calidad Sanitaria de Andalucía (ACSA), Espanha;
- **1** pela National Integrated Accreditation for Healthcare Organizations (Niaho), EUA.

86% dos hospitais da Rede D'Or são acreditados com excelência (ONA 3 ou certificação internacional).

39% dos hospitais acreditados pela JCI no Brasil são da Rede D'Or.

Rede D'Or em números

- **70** hospitais próprios e **3** sob administração
- Hospitais da Rede em **13** estados + DF
- **50** Indicadores monitorados, somando adulto e materno-infantil.
- **11,7** mil leitos
- **64** acreditações

PRODUZIDO POR ABRIL BRANDED CONTENT

A FORÇA DE UM PAÍS Chegada de italianos ao Porto de Santos, no início do século XX: movimento saudável para o Brasil

O DIREITO DE IR E VIR

A CAMINHADA da humanidade nasceu de um fluxo migratório. Há 130 000 anos, o *Homo sapiens* deixou a África a caminho de Papua-Nova Guiné e da Oceania, e depois em direção à porção do planeta onde hoje está a Europa. Viver fora da terra de nascimento — em busca de comida e paz — é a gênese da civilização. É movimento que ajudou a construir a beleza da diversidade das nações, ainda que a razão dos deslocamentos seja o beco sem saída de quem busca apenas

MEMORIAL DO IMIGRANTE

sobreviver ou fugir do jogo viciado da colonização. Os Estados Unidos, construídos em sua origem por ingleses e depois por cidadãos de todas as partes do planeta, são fruto dessa história. O Brasil tem a marca inicial de portugueses, com a chegada de grupos de imigrantes em outros momentos de sua história. Parece não haver dúvida: o mundo é costurado pela rica colcha de retalhos de permanente vaivém, e a única resposta possível a esse balé de lá para cá é respeitá-lo em nome da dignidade humana.

Em decorrência de uma mescla de mazelas econômicas e tremores políticos, os êxodos modernos vêm tomando contornos superlativos e rachando as sociedades embebidas em polarização. Não por acaso, o tema da migração virou peça central no xadrez da sucessão de Joe Biden. O republicano Donald Trump, que nunca escondeu o pendor xenófobo, fez da construção de um muro na fronteira com o México um dos pilares de seu primeiro mandato e slogan da atual campanha. A vice-presidente Kamala Harris, o nome dos democratas para a eleição de novembro, foi designada a seguir de perto o assunto. Espinhoso, claro, por pressupor, ao menos no campo teórico, a perda de votos de americanos que demonstram ojeriza pelo que vem de fora. De fato, a rejeição ao vizinho (na verdade, ao vizinho diferente) é uma realidade americana. Atualmente, os latinos representam 18% da população do país, o equivalente a mais de 62 milhões de pessoas, força econômica irrefreável e necessária, mas muitas vezes discriminada.

É triste constatar que a entrada de estrangeiros, que jamais deveria ser condenada em nenhum canto, serve de alimento para a estupidez discriminatória, como se viu na temporada de Trump na Casa Branca. Recentemente, aliás, o pleito para o Parlamento Europeu elegeu um imenso contingente de deputados na contramão da bonita ideia de unificação — o que eles pretendem é erguer grades, dificultar a acolhida, em passos que ecoam em países como a França e a Itália. Ironicamente, muitos que hoje espalham esse ódio se esquecem de que seus antepassados também não nasceram naquelas nações. Foram tentar a sorte e por lá ficaram. No Brasil, o tom é diferente — embora despontem ruídos em torno da chegada de mais de 30 000 venezuelanos atingidos pela derrocada imposta pelo regime de Nicolás Maduro.

O acolhimento não pode ser segregativo. Como mostra a reportagem a partir da pág. 52, o chauvinismo é atalho para o radicalismo, para o desrespeito aos direitos humanos. O escritor e poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321) pontuou o perigo: “Da pequena faísca pode surgir uma chama poderosa”. Foi o que vimos, para ficar com apenas um exemplo, na eclosão do nazismo de Adolf Hitler. Ele elegeu os judeus, a maioria com ascendência de muitas gerações na Alemanha, como inimigos da nação ariana. Deu no que deu. O melhor é olharmos para o lado bom de casos como o do Brasil, país que na virada do século XIX para o XX abrigou italianos, alemães e japoneses, o cimento para uma sociedade mais rica, tanto do ponto de vista da economia quanto da cultura. O direito de ir e vir é inalienável. ■

PAULO MUMIA

“PIADA NÃO TEM PARTIDO”

O comediante, que ajudou a renovar o humor no Brasil, fala de excessos do politicamente correto e, em meio à mesmice de Brasília, aposta no “show de horrores” das eleições para fazer rir

SOFIA CERQUEIRA

INTEGRANTE de uma turma que renovou o humor nacional, o publicitário, roteirista e ator Antonio Tabet, 50 anos, alcançou uma proeza em um país cindido pela polarização: arrebanhou público à direita e à esquerda com o hoje famoso sargento-tenente-major Peçanha. Criado há mais de uma década, nos tempos do Kibe Loco, site que marcou a estreia solo de Tabet no rol dos comediantes, e consagrado no Porta dos Fundos, canal do qual é sócio-fundador, ao lado de Gregório Duvivier e Fábio Porchat, seu caricato policial tem os pés fincados na corrupção e é um poço de dicotomias. "A contradição em pessoa", resume. Às vésperas de subir ao palco na pele de sua criatura preferencial, o carioca de Botafogo, que já fez da condição de flamenguista um ofício — ele foi vice-presidente de comunicação do clube —, recebeu VEJA em seu apartamento, de frente para o mar de Copacabana, onde refletiu sobre o humor na era da internet, cutucou o vespeiro da patrulha politicamente correta e avaliou que Brasília não anda abastecendo como ele gostaria seu arsenal para fazer rir.

Em tempos de acirrada polarização, como conseguiu a proeza de agradar à esquerda e à direita com seu mais conhecido personagem, o Peçanha? Todo mundo já esbarrou com um Peçanha na vida, é um tipo popular. Pode ser aquele policial com quem você cruzou numa blitz à noite ou o segurança do shopping. Pessoas de direita veem nele uma caricatura e uma homenagem. Já a turma mais à es-

querda o enxerga como uma sátira, uma crítica engraçada. Ele é todas essas coisas.

A intenção ao criar o personagem, a quem dará vida agora no teatro, é divertir ou provocar? A ideia é que o público ria do início ao fim, mas também quero deixar uma pulga atrás da orelha. O Peçanha aborda futebol, política, racismo, machismo, hábitos modernos e a hipocrisia. Ele espelha uma sociedade desigual, rachada, preconceituosa e que, ironicamente, condena tudo isso. Defende que uma pessoa pode namorar quem quiser, mas, quando o filho se relaciona com alguém do mesmo sexo, deixa aflorar a homofobia. É um personagem muito brasileiro, a contradição em pessoa.

"O problema do politicamente correto é que, em meio à polarização, certos segmentos progressistas, sem qualificação, se acham no direito de encabeçar uma patrulha ostensiva"

É mais difícil a vida do humorista na era do politicamente correto? Cresci nos anos 1980, época em que era normal fazer piadas racistas. O politicamente correto surgiu como uma depuração, para que se entenda o que ofende e faz o outro sofrer. O problema é que, em meio ao caldo da polarização, certos segmentos mais progressistas, sem qualificação, se acham no direito de encabeçar uma patrulha ostensiva.

Em que medida isso afeta o humor? A patrulha desqualificada põe a comédia na mira e não aponta o dedo para os políticos. Mas a onda do politicamente correto é positiva. Ela obriga os profissionais a se debruçar sobre um humor mais inteligente. Agora, não há como tratar de machismo sem ser machista. É preciso mostrar o comportamento condenável para justamente fazer humor sobre a estupidez contida nele. Uma nuance que a patrulha de plantão nem sempre compreende.

Tem piada que gostaria de fazer, mas pensa duas vezes e desiste? É natural ter um filtro. Todos os textos do Porta dos Fundos passam por outras pessoas. Houve um caso em que eu mesmo vetei uma piada depois de gravar. Era a cena de um cara que transava e pedia para a mulher ir embora porque sofria de depressão pós-sexo. O tema é até engraçado, explora a hipocrisia do machismo. Quando vi pronto, porém, me sensibilizei com a mulher e não achei divertido. Se não faz rir, não é humor.

Em seu início, no site Kibe Loco, houve piadas que não faria hoje? Com certeza. Ao longo do tempo, fui aprendendo, ouvindo, me dando conta do que não é apropriado. Lá atrás, fiz piadas com políticos, apresentadores e participantes de reality shows que falavam errado. Não faço mais. O Brasil é um país com uma deficiência de educação enorme, um assunto sério.

O senhor volta e meia conta piadas abordando a população LGBTQIA+. Já pisou na bola? Devo ter pisado, como muitos. Há uma década, a gente assistia no *Zorra Total,* programa humorístico de maior audiência da TV, a piadas do cara que olhava para o outro e comentava: "Hum, isso é uma bichona". Imagina isso agora.

O Porta dos Fundos errou na mão com o polêmico especial de Natal em que levaram às telas um Jesus homossexual? De jeito nenhum. Os especiais de Natal têm sempre alguma ligação com religião. Já fizemos uma sátira do filme *Se Beber, Não Case* com um Jesus festeiro e ganhamos o Emmy. Para nós, o fato de o personagem ser ou não gay não faz diferença e não deveria fazer para ninguém. Talvez esse seja o ensinamento. O humor não é só anestésico, é uma maneira empática de contar uma história. Ele educa. Em 2019, o ataque à sede da nossa produtora foi um ato terrorista, movido a intolerância e homofobia.

O senhor e o então presidente Jair Bolsonaro trocaram farpas nas redes. Ele era um prato cheio para o humor? Todo político é. Bolsonaro era, Lula é. Neste ano vamos ter eleição e será, de novo, um show de horrores. Agora, o governo Bolsonaro foi *sui generis*. Toda semana promovia uma bizarrice, como perguntar no Twitter *(hoje X)* o que era golden shower e mostrar cloroquina para um grupo de emas no Palácio da Alvorada. O fato de ele se dirigir a mim, em tom até meio infantilizado, só confirmou o que já imaginava: o presidente tinha bastante tempo para ficar na internet.

Chegou a temer uma reação raivosa dos simpatizantes de Bolsonaro? Nem um pouco. Embora se diga que as redes são terra sem lei, e sejam mesmo, há ali um fenômeno quase esquizofrênico. O cara faz ameaças e, quando encontra você na rua, tira selfie. Por incrível que pareça, as duas únicas vezes em que procurei a polícia não foram casos envolvendo política, mas torcedores que não gostaram de me ver fazendo piada com o time deles. No final, pediram desculpas.

A esquerda reclama de piadas com a mesma intensidade que a direta? Claro. O fanatismo e a estupidez estão dos dois lados. A diferença é que na extrema direita, e não estou falando de todas as pessoas desse grupo, há um DNA mais radical, de partir para a violência armada. É algo que não consigo detectar na extrema esquerda.

Quem rende mais piada no espectro ideológico? Não há diferença, e o Peçanha é a prova disso. Piada não tem partido.

Alguma figura da atual República atiça sua verve cômica? Olha, Brasília está pior do que há vinte anos. Tem muito bandido, pilantra, e ficou mais pobre de caráter, valores, qualificação, o que se reproduz país afora. Em São Paulo, um coach charlatão aparece com 10% das intenções de votos. A política anda mais sem graça. Como diria Jô Soares, já fui roubado por gente melhor.

O fato de estar namorando a jornalista Natuza Nery, da GloboNews, o aproximou mais do mundo da política? Não falo de vida pessoal. Só comentaria sobre um relacionamento se a pessoa estivesse ao lado.

“O Porta dos Fundos é um grupo heterogêneo, no qual não somos todos exatamente amigos, mas sócios. Racha não houve. Mas temos visões distintas de mundo, negócios e até de humor”

Humor dá dinheiro? Ele me proporciona uma vida confortável, mas estou longe de ser rico. Percebo que os comediantes que ficaram muito bem botaram os pés em outros lugares. O Casimiro, da CazéTV, fazia graça na internet e agora tem um canal esportivo com sócios robustos. O Whindersson Nunes foi lutar boxe. Ainda chego lá.

Em 2023, o senhor também lançou um canal de esportes e logo saiu do negócio. Não deu certo? Deu, sim, tanto que segue fazendo transmissões. A questão é que o negócio sobrevive da compra de direitos esportivos e requer investimentos acima da minha alçada.

Como vice-presidente de comunicação do Flamengo, colecionou atritos. O que não funcionou? Fiquei três anos lá, período em que o clube deixou de ser terra arrasada nas redes e virou líder em todas elas. Em geral, as polêmicas brotam do fanatismo e de mal-entendidos. Lembro de uma história com o jogador Felipe Melo, que achou que eu tinha falado dele e me atacou. Havia feito mesmo um post, mas não tinha nada a ver com o Felipe.

O que o motivou a entrar no elenco de uma novela como *Elas por Elas*, na Globo? Desde que o Porta dos Fundos começou a fazer sucesso, recebia convites, mas não aceitava porque não dava tempo. Aí percebi que minha trajetória como ator não estaria completa se não fizesse novela. Ado-

rei conhecer aquela estrutura e contracenar com grandes atores. Repetiria.

Recentemente, especulou-se sobre um racha no Porta dos Fundos. Procede? É um grupo heterogêneo, no qual não somos todos exatamente amigos, mas sócios. Racha não houve. Evidentemente temos visões distintas de mundo, de negócios e até de humor. É uma união de doze anos, o que já seria tempo demais para um relacionamento, imagina para uma sociedade. Sou o mais pé no chão. Não venho da classe artística. Meus pais eram médicos e só passei a ser reconhecido nas ruas aos 38 anos.

Não faz muito tempo que o humor se resumia a poucos programas da TV, como os de Chico Anysio, Jô Soares e Os Trapalhões. A internet foi uma virada de página? Não há dúvida. Antes, para conquistar espaço, era preciso ter um programa na Globo, no SBT ou passagem pelo teatro. Hoje, basta a pessoa pegar o celular, filmar, e tem a chance de viralizar. Ficou tudo mais democrático e diverso.

Com o avanço do streaming, sobrou espaço para a TV aberta? Claro. Ela é ainda o grande canhão de divulgação e de audiência no Brasil. Mas, como se consome conteúdo de forma tão variada, se fosse o Boni da Globo de hoje, investiria no tripé jornalismo, evento ao vivo e novela, que a emissora sabe fazer como ninguém.

O uso da inteligência artificial pode transformar a área do humor? Estamos distantes disso. Ela é ainda muito literal, útil para quem quer escrever um relatório ou uma receita de bolo. Para fazer rir, é preciso ter uma sensibilidade a mais.

O que faz, afinal, alguém ser bom humorista? Não existe receita. O humor pode ser físico, aquele em que o cara diverte pelo jeito de andar, ou feito por alguém mais sério e debochado, como eu. Teve uma época, nos anos 2000, que o bom comediante precisava ser polêmico, belicoso e ofensivo. Eu não gosto disso. Para mim, o humor só precisa ser engraçado. ■

DE BRAÇOS ABERTOS PARA O FIRMAMENTO

É UM ESPETÁCULO de rara beleza quando Terra e Lua ficam de rostinho colado em sua eterna dança cósmica. O ponto alto desse tango aconteceu na segunda-feira 19, exatamente às 15h26, no horário de Brasília. Do lado de baixo do Equador, onde estamos, os observadores tiveram

PABLO PORCIUNCULA/AFP

de esperar o entardecer para melhor contemplar e registrar o fenômeno que os astrônomos chamam cientificamente de **perigeu ou superlua.** E então vimos cenas como a do **Cristo emoldurado pelo círculo alaranjado.** Funciona assim: a lua cheia de agosto surgiu acima do horizonte, a leste do pôr do sol, e se pôs no oeste pouco antes do amanhecer. Dos dias 18 a 20, bastava olhar para cima e ver um disco lunar grande e redondo. A distância média entre o nosso planeta e o satélite natural é de 384 400 quilômetros, mas a diferença varia ao longo do ano. Quanto mais próximos um do outro, as superluas aparecem 7% maiores e 16% mais brilhantes do que as comuns. O termo superlua foi cunhado pelo astrólogo Richard Nolle em 1979 para descrever a posição de nossa amiga em seu ponto mais próximo de nossa imensa rocha. Esta foi, aliás, a primeira de quatro consecutivas de 2024. Outras virão em setembro e outubro. Nenhuma, contudo, extraordinária e reluzente como a que acabamos de vislumbrar. Astrônomos profissionais e amadores aproveitaram a oportunidade para realizar diversas observações e estudos — e nós, em movimento de genuína epifania, largamos o smartphone (alguns pelo menos) e olhamos um pouquinho para o céu. ■

Luiz Paulo Souza

“O AYRTON NÃO É MINHA VIDA”

Aos 51 anos, a apresentadora abre a intimidade no reality *Barras Invisíveis*, do Universal+, em que expõe trajetória pessoal e carreira – e fala como sua história foi além do namoro com o piloto da F1

SEGURA DE SI
Adriane Galisteu: “Me sinto plena – no auge dos meus 51 anos, ainda namoro de luz acesa”

DANILO BORGES

Por que decidiu expor sua vida íntima no reality show *Barras Invisíveis?* Minha vida sempre foi superexposta, e numa época sem redes sociais. Mas, no fundo, sempre a mantive dentro de casa só para mim. Agora, completei quarenta anos de carreira, nos quais passei por tanta coisa que ninguém viu, tantas barras que segurei, que senti que seria bom mostrar que todos nós somos feitos de defeitos e qualidades.

A série relembra a morte de seu pai, em decorrência de alcoolismo, e de seu irmão, que foi vítima da aids. Teve dificuldade em revisitar essas memórias? Apesar de eu não ser uma mulher saudosista, acho importante revisitar certas dores. Eu não carrego meu passado com peso. Qualquer outra dor é mais leve que a dor do luto, porque essa não tem conserto, e por isso acho que precisamos aprender a lidar melhor com o luto.

Tem medo de morrer? Como dizia Hebe Camargo: "Eu não tenho medo de morrer, tenho pena de morrer". Quando você ama tanto a vida — experimentar, os desafios —, o tempo passa mais rápido. E hoje eu olho para meu filho, Vittorio *(com o empresário Alexandre Iódice),* que já tem 14 anos, e queria segurar o tempo para curtir e viver mais, porque me sinto plena — no auge dos meus 51 anos, ainda namoro de luz acesa.

***Barras Invisíveis* também fala da morte de Ayrton Senna, com quem namorou no início de sua carreira. Foi comovente relembrar aquele episódio?** Essa história é só mais uma barra invisível que eu segurei, mas o *Barras Invisíveis* não é sobre essa história. Porque o Ayrton passa pela minha vida, e ela continua. Ele não é a minha vida. Essa minha história com ele pode ser contada em outro momento, de outra forma, com exclusividade.

Você diz que atenderia a irmã dele, Viviane Senna, caso ela a procurasse. Por que a família dele sempre a renegou? Eu nunca consegui entender direito, mas tantas coisas aconteceram naquela época, eu era uma menina muito diferente da mulher que sou hoje. E, durante o ano e meio que eu vivi com ele, a gente esteve no Brasil muito pouco. Convivemos pouco com a família dele, que não sabia direito quem eu era, de onde eu vim, para onde eu ia e do que seria capaz. Eu era enigmática, acho que faltou conversa e me conhecer de fato. Mas o tempo passou, e eu sempre respeitei a família dele.

Sua vida foi perpassada por muitas perdas e tragédias, mas você não se abateu. De onde vem essa resistência? Veio da necessidade. Eu sempre precisei trabalhar para me manter — minha mãe passou por

muitas dificuldades financeiras no passado. Quando a necessidade já não era mais um problema, o amor me fez continuar, porque eu amo muito o que eu escolhi, então me sinto privilegiada de ser feliz com o que eu trabalho.

Está casada com Iódice há catorze anos. Qual o segredo? Além do amor e do tesão, nosso relacionamento está baseado em uma admiração mútua e muito respeito — que, se não tiver, não daria nem para começar. ■

Kelly Miyashiro

BELEZA SEM DELICADEZA

SUNSET BOULEVARD/CORBIS/GETTY IMAGES

AQUELE OLHAR... O ator francês: inigualável ícone sexual dos anos 1960 e 1970

Era inevitável que a beleza magnética de **Alain Delon** fosse tema de entrevistas e críticas em torno de suas atuações. Em 1990, em um programa de imensa audiência da televisão francesa, ele fez cara feia para uma pergunta e mandou ver, malcriado como sempre: “A beleza é um problema se você é bonito e burro, o que não é o meu caso. Na verdade, esse é um problema para os outros, não para mim. Minha mãe me fez como eu sou. Obrigado, mãe”. Não demorou — desde o primeiro grande sucesso no cinema, com *O Sol por Testemunha*, de 1960, no papel do contrafeitor Tom Ripley, criado por Patricia Highsmith — para se transformar em ícone sexual, o macho por excelência, o rosto bonito como atalho para interpretações memoráveis. Inteligente na escolha de diretores com os quais trabalharia, atuou em *O Eclipse*, de Michelangelo Antonioni, em 1962, *Rocco e Seus Irmãos*, em 1960, e O *Leopardo*, em 1963, ambos de Luchino Visconti. Nas décadas de 1960 e 1970, era uma das pessoas mais famosas do mundo.

Foi um dos raros casos de personagem global que não exigia explicações atreladas ao nome. Era Delon, e ponto. Fazia mágica nas telas, na pele de *latin lovers* a justiceiros, os olhos azuis a emoldurar sutilezas, e aprontava muito fora dos sets de filmagem. Nunca escondeu a proximidade com grupos de pegada mafiosa, de negócios escusos, e meteu-se em brigas com frequência, como esporte — um de seus guarda-costas foi

assassinado, e a investigação, depois abafada, chegou a cenas de orgia na mansão do artista. Fazia questão de exibir a amizade com figuras do extremo político, como Jean-Marie Le Pen, criador do Front National, o partido hoje chamado de Rassemblement National, de ideias xenófobas e racistas.

Sem travas — quem sabe, em tola postura para reafirmar as qualidades de quem não era apenas uma face linda e inesquecível —, disparava palpites tortos e preconceituosos. Em 2015, na maior cara de pau, pressionado pelos novos e bons humores da sociedade, disparou: “Não sou contra o casamento gay, pouco me importa; as pessoas fazem o que querem. Mas sou contra a adoção por duas pessoas do mesmo sexo... Já falei que dei um tapa em uma mulher? Sim. E deveria ter acrescentado que recebi muito mais tapas do que dei. Mas nunca assediei uma mulher”. Dizia, com frequência, preferir cenas de socos e tiros diante das câmeras a cenas de amor. “Sexo eu faço em casa”, resumia.

Nos últimos meses, porque o lugar-comum diz que a vida imita a arte, seus três filhos viviam brigando pela herança da fortuna estimada em 300 milhões de euros, construída com o cinema e campanhas de produtos de beleza. Delon morreu em 18 de agosto, aos 88 anos, em Douchy-Montcorbon, na França. “Ele era mais do que uma estrela, era um monumento francês”, resumiu o presidente da França, Emmanuel Macron. ■

“Devido às exigências do ‘ministro’ Alexandre no Brasil, que nos obrigariam a violar (em segredo) as leis brasileiras, argentinas, americanas e internacionais, o X não tem escolha a não ser encerrar nossas operações locais no Brasil.”

ELON MUSK, sempre mercurial, ao pôr nos outros a responsabilidade pelas dificuldades de gestão de seus negócios. Os funcionários brasileiros do X foram demitidos por e-mail

BEATA ZAWRZEL/NURPHOTO/GETTY IMAGES

"O ministro Alexandre Moraes é um grande democrata, o responsável pela estabilidade das instituições republicanas, prestou um papel relevantíssimo para a história do próprio país (...) A meu ver, ele agiu, do ponto de vista formal, dentro dos limites da lei."

RICARDO LEWANDOWSKI, ministro da Justiça. Em 13 de agosto, a *Folha de S.Paulo* divulgou mensagens que mostravam Moraes pedindo que a Justiça Eleitoral elaborasse, de forma não oficial, relatórios para embasar decisões no inquérito das *fake news* contra aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro, em 2022

"Demandas por direitos iguais, para que o Estado simplesmente trate todos os indivíduos igualmente, independentemente da cor da pele. Demandas por direitos individuais básicos, para não ser morto pela polícia. Chamar isso de identitarismo é vergonhoso."

STEVEN LEVITSKY, sociólogo americano, que acaba de lançar *Como Salvar a Democracia*

"Cada dia que passa sem uma solução política, a economia do país se deteriora cada vez mais."

EDMUNDO GONZÁLEZ, candidato à Presidência da Venezuela, que alega ter vencido o pleito de julho — cujo resultado teria sido manipulado pelo governo de Nicolás Maduro

"Sou um cara sério, faço humor, mas nunca foi um humor debochado."

LUIZ FERNANDO GUIMARÃES, ator, que interpreta o personagem Coronel Parker em *Elvis: A Musical Revolution,* dirigido por Miguel Falabella

"A gente está aqui na frente, dando a cara a tapa, justamente para mais meninas se sentirem representadas."

NATÁLIA LARA, locutora esportiva da TV Globo

"O amor adulto precisa dar espaço ao jogo."

MONICA BELLUCCI, atriz italiana

"Sair do armário sempre afeta as pessoas ao redor, incluindo a ex-mulher com quem você teve um filho. Me sinto usada durante o casamento. Sinto que desperdicei os melhores anos da minha vida."

CORA BRINKMANN, ex-mulher de Ralf Schumacher, ex-piloto de Fórmula 1 que revelou recentemente um relacionamento homoafetivo

"Os olhos já não são os mesmos, os ouvidos já não são tão bons. Todo o sistema motor também já não está tão bem, mas ainda está sujeito, verbo e predicado inteirinho aqui dentro, entendeu?"

FERNANDA MONTENEGRO, 94 anos, depois de ler *A Cerimônia do Adeus,* de Simone de Beauvoir (1908-1986)

“Parabéns para mim.”

MADONNA, em suas redes sociais, ao completar 66 anos

INSTAGRAM @MADONNA

FERNANDO SCHÜLER

O PODER E A LEI

"BELEZA, só não envia a foto que dá pra ver que foi obtida pelo TSE", diz a autoridade, em um daqueles diálogos. Havia uma manifestação na frente de um evento com autoridades brasileiras em Nova York. Protestar na frente de um evento com figuras públicas nunca foi crime em uma democracia. Ao contrário, é uma expressão da própria democracia. Mas não tem jeito. Nosso "estado de direito" estava lá, mandando ver. Tira foto, pega o tuíte do cantor que está divulgando, faz um relatório, bloqueia. Incrível isso. A coisa era feita por um tribunal, mas devia "aparecer" como sendo de outro. As eleições haviam terminado, o funcionário encarregado de cumprir as ordens vacilava, dizendo que não havia "menções às urnas, pleito ou instituição", e que por isso poderia ser esquisito a Justiça Eleitoral tratar daquilo. Mas tinha a ordem lá de cima, o que fazer? Daria para ter ido um pouco adiante, perguntado qual era exatamente o "crime" cometido por aquelas pessoas. Mas seria demais. E muito "inglês", como me sugeriu, com algum bom humor, um colega.

O ponto aqui são as relações entre a lei e o poder no Brasil de hoje. O ministro Barroso acerta quando diz que "em cada país se aplica a lei daquele país. Está no Brasil, tem que cumprir as regras do direito brasileiro". Barroso se referia à questão de o X, o antigo Twitter, cumprir ou não ordens que considera ilegal, vindas de uma autoridade brasileira. O problema aqui é outro: e se for a autoridade que não cumpre as "regras do direito brasileiro"? Isso não deveria acontecer. Mas e se tivermos que dar a mão à palmatória, ecoando o incômodo daquele funcionário da Justiça Eleitoral, e reconhecer que foi exatamente isso que aconteceu, em ampla escala, no Brasil dos últimos anos? O que fazer? Reconhecer, por exemplo, que não há lei legitimando os banimentos de indivíduos "de ofício", da internet, e a prática em larga escala da censura prévia. Não se trata de saber se alguém vai agir como a Rosa Parks, se recusando a dar o lugar a um branco naquele ônibus em Montgomery por achar aquelas leis injustas e contrarias à Constituição. Ou levar a ferro e a fogo a sentença do ministro Maurício Corrêa, nos anos 1990, dizendo que "ninguém é obrigado a cumprir ordem ilegal". Trata-se apenas de pensar. Preservar a distância. Entender que o poder pode obrigar à obediência. Mas jamais tomar conta da cabeça das pessoas.

Por esses dias, escutei de um jornalista que estaríamos vivendo em um "estado de exceção". Algo que, na visão ele, era necessário dois ou três anos atrás, mas que agora teria perdido a utilidade. Há uma montanha de problemas aí. Há

EFFIGIE/LEEMAGE/AFP

RISCO Norberto Bobbio: o “governo dos homens”, que não funciona pelo respeito às leis

dois anos, um grupo de pessoas foi banido (sete pessoas, para ser preciso), com direito a contas bloqueadas e ação policial, porque uma delas, em um papo-furado no WhatsApp, sugeriu preferir um golpe ao candidato A ou B. Revelar preferência por uma ditadura, uma monarquia absoluta ou um governo ao estilo Kim Jong-un nunca foi um crime em nosso ordenamento jurídico. Qual teria sido exatamente

“Minha visão é simples: devíamos renovar o pacto republicano”

a “necessidade” daquela atitude? Ou isso tudo não passou de uma imensa mesquinharia e abuso de poder? Quem exatamente decide sobre isso em um Estado republicano? A mesmíssima pergunta surge agora. Qual seria exatamente o critério para desmonetizar uma revista? “Só encontrei matérias jornalísticas”, diz, de um jeito prosaico, o investigador. Mesmo assim, a revista foi desmonetizada. Devido processo? Tipificação legal? Direito ao contraditório? Bobagem. No fundo, é essa teoria do nosso jornalismo simpático ao “estado de exceção”. Não importa do que se trata. Mover uma operação internacional para prender um humorista irrelevante no Paraguai? Banir o PCO, com seus 120 likes? Ou quem sabe o youtuber Monark, com sua defesa de jardim de infância de uma regra da Primeira Emenda americana? Quem dirá se qualquer esquisitice dessas era crucial para salvar nossa democracia?

Outro problema é a ideia ingênua de que um “estado de exceção” possa ser desligado, de uma hora para outra, quan-

do alguém achar que ele já tenha cumprido sua função. A tese é ingênua por muitas razões. A primeira delas é bastante simples: porque o poder é sedutor e sua imaginação é fértil. Para saber disso, é só observar o caso brasileiro. Por volta de março de 2019, o " Inquérito das Fake News" era necessário pelos "ataques" à Suprema Corte. Depois, novos inquéritos eram necessários em razão das "milícias digitais", das "*fake news*" sobre a pandemia, da "desinformação" sobre o processo eleitoral, sobre um "desfile de tanques", em Brasília, e logo aquela frase patética do presidente, seguida de seu pedido de desculpas, em um 7 de setembro. E logo em razão da "desordem informacional", nas eleições, e dos "discursos de ódio", e dos "ataques" ao sistema de votação. E logo da "tentativa de golpe", naquele domingo de janeiro. E ainda agora tudo se renova diante da "mais terrível de todas as ameaças, que vem do uso da inteligência artificial". E por aí seguimos. Pela simples razão de que um "estado de exceção" não demanda apenas que se aceite a quebra das normas do estado de direito. Demanda também as justificativas produzidas por parte de quem detém o poder. Algo que por muito tempo foi designado, na teoria política, pelo conceito elegante das "razões de Estado".

É possível pensar que a simpatia pela ideia de "estado de exceção" seja um traço comum na vida brasileira, à esquerda e à direita. Dias atrás um bom jurista me lembrava sobre isso. "O que pretendiam exatamente aquelas pessoas acampadas à beira dos quartéis depois das eleições?" Não era

exatamente um “estado de exceção provisório”? A tese nebulosa sobre a utilidade de uma quebra do estado de direito em nome de sua própria preservação? Quem sabe vai aí uma herança. A sedução do “golpismo democrático” foi uma constante na República brasileira de 1946 a 1964. Muita gente, entre as quais me incluo, imaginou que a transição dos anos 1980 havia enterrado de vez aquela tradição. Mas talvez tenhamos sido um pouco otimistas. Talvez a sedução do “estado de exceção benevolente”, com suas boas razões, seu suave e bom ditador, ainda esteja por aí, como um espírito que não desencarna.

Minha visão é simples: devíamos renovar nosso pacto republicano e não abrir mão disso. A democracia deve ser defendida lançando mão de suas próprias regras. Ponto. E não há demonstração nem evidência de que isso não poderia ter sido feito no Brasil dos últimos anos. Norberto Bobbio chamou de “governo dos homens” aquele que funciona não pelo respeito à lei. Mas pela presunção de que a lei é boa porque “os governantes são sábios”. Porque eles eventualmente “sabem” quando e como é necessário produzir exceções à regra que todos definimos na democracia. Presunção tola. Uma democracia liberal não conhece atalhos. É essa a lição que a vida brasileira vem nos oferecendo, nos anos recentes, e que deveríamos aprender de uma vez por todas. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

IBOVESPA

Depois de um período de muitas baixas, o principal índice de ações da bolsa de valores bateu nos últimos dias sucessivos recordes.

ENERGIA RENOVÁVEL

O Brasil é o país do G20 com maior participação de fontes não esgotáveis na produção de eletricidade, de acordo com dados da think tank Ember.

FERNANDA MONTENEGRO

Em mais uma admirável demonstração de seu prestígio, a atriz de 94 anos levou 15 000 pessoas a uma apresentação em São Paulo na qual ela leu textos de Simone de Beauvoir.

DESCE

WANDERLEI BARBOSA

O governador do Tocantins foi um dos alvos de uma operação da PF por desvio de recursos públicos em cestas básicas durante a pandemia.

RENATO DUQUE

Condenado pela Lava-Jato por corrupção e lavagem de dinheiro, o ex-diretor da Petrobras foi preso novamente no dia 17. Ele se encontrava foragido em Volta Redonda, no Rio.

MICHAEL MADSEN

Presença marcante em vários filmes de Quentin Tarantino, o ator acabou sendo levado à cadeia devido a uma acusação de violência doméstica.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Nicholas Shores e Pedro Pupulim

Um trocado pro leite

Com as contas bloqueadas pelo STF, o senador **Marcos do Val** achou um jeito inusitado de constranger Rodrigo Pacheco e outros colegas da Casa a defendê-lo. Nos últimos dias, dizendo que estava passando fome, pediu dinheiro emprestado ao presidente do Senado e a outros caciques como Davi Alcolumbre. Imagine a situação.

Chama o mito

Um colega de Do Val, que não deu dinheiro, achou

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO

FOME ZERO Do Val: o bolsonarista agora pede dinheiro aos colegas no Senado

graça no pedido. “Ele defende tanto aquele Jair Bolsonaro. Bem que poderia pedir uma compra de mercado para o nosso colega Flávio.”

Em alerta

A escalada bolsonarista contra Alexandre de Moraes — a partir do ato convocado para o dia 7 de setembro na Avenida Paulista — levou o STF a ampliar o monitoramento de segurança sobre discurso de ódio contra a Corte.

Vida que segue

Apesar do aumento de ataques contra Moraes, a rotina de segurança do ministro segue a mesma. Não houve reforço na quantidade de agentes nem em Brasília nem em São Paulo.

É só espuma

O avanço da CCJ da Câmara na análise de textos contra o STF não intimida ministros da Corte. Apostam que Arthur Lira vai segurar a bronca.

Nem adianta pedir

Petistas cogitaram resgatar o caso dos kits de robótica na PGR, como forma de retaliar Lira nessa briga das emendas. O inquérito está enterrado no STF.

Muito barulho por nada

Na segunda, o país vai completar dois meses sob nova legislação em relação ao porte de maconha. “E o mundo não acabou”, diz um ministro do STF.

E o jogo mal começou

Bolsonaro foi denunciado ao MPF por propaganda

VALDENIO VIEIRA/SEAUD

FÉ Alckmin: “Tabata é promessa de modernidade para São Paulo”

eleitoral irregular em Angra, o reduto praiano dele no Rio.

Fiel à cartilha

Eduardo Bolsonaro esteve com Ricardo Nunes na sexta passada e leu para ele as pautas bolsonaristas que o prefeito deve defender na campanha.

Follow the money

O TCU informou à Câmara que apura o uso indevido da Lei Rouanet num evento em que Lula pediu voto a Guilherme Boulos em SP, mas o foco não é o crime eleitoral — um assunto do TSE.

É ela!

Geraldo Alckmin está encantado com o desempenho de Tabata Amaral e considera que a deputada tem chance de avançar na disputa. “Tabata é promessa de modernidade. É a melhor escolha que temos a oferecer a todos os paulistanos”, diz o vice-presidente.

Vai mofar

Condenado por corrupção na Lava-Jato, Renato Duque, preso na semana passada, deve ter vida dura para sair da cadeia. É que ele deu um calote nos próprios advogados.

Dinheiro vivo

Alvo da PF nesta semana, o governador do Tocantins, Wanderlei Barbosa, é suspeito de usar propina para pagar despesas dele e de terceiros. A PF achou parte do dinheiro e boletos pagos numa gaveta dele no gabinete.

Tudo em família

Além do governador, os dois filhos dele e até a primeira-dama do TO são acusados pela PF de lucrar com a propina obtida com as cestas básicas.

Ex é pra sempre

A fraude ruiu no TO depois que a ex-mulher de um empresário do esquema foi à delegacia, após uma briga, contar tudo ao delegado. Um clássico.

Dona Flor

Um dado exótico, descoberto pela PF, é que, além do governador, o ex-marido da primeira-dama também recebeu mais de 500 000 reais do esquema.

Que presentão

O coronel de artilharia do Exército Eduardo Moraes acaba de ser enviado a Caracas para cumprir missão como adido na Venezuela. Que "sorte"...

Como nos velhos tempos

Presidente da Petros, Henrique Jäger pode perder o

cargo nos próximos dias por causa de uma articulação de João Vaccari Neto no governo.

Gincana da reforma

O Senado foi tomado, nos últimos dias, por uma legião de lobistas preocupados com a reforma tributária. Todos, claro, querendo pagar menos imposto.

Somos sociais

O Nubank, por exemplo, acha que não deve estar no mesmo bolo dos bancos, por causa dos projetos sociais.

Que pecado

A Coca-Cola acha injusto estar na lista do imposto do pecado, ao lado do uísque e do cigarro.

Fila grande

Também procuraram os senadores nomes do Mercado Livre, de galerias de arte, da Uber, da Avon, de hospitais privados e santas casas...

É muita gente

"Todos estão fazendo contas e entendendo que seus impostos vão aumentar. Querem ser exceção à regra", diz o senador Oriovisto Guimarães, um dos procurados.

Novos rumos

O Itamaraty ainda busca um novo posto para alocar o diplomata Breno de Souza, expulso da Nicarágua por Daniel Ortega.

Briga na delegacia

O MPF abriu uma investigação para acompanhar uma crise entre a PM e a PRF sobre operações policiais nas estradas do DF.

Liderança folgada

Governadora de Pernambuco, Raquel Lyra, do PSDB, é a única a já ter licitado todas as obras do PAC de Lula previstas para o estado. Governadores aliados estão comendo poeira e já foram cobrados.

“Sonia Viajajara”

Ministra dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara levou uma bronca de Lula por causa das muitas viagens que já fez na pasta, mas não mudou. Nos próximos dias, vai palestrar em Cartagena, na Colômbia. O apelido dela entre ministros já é “Sonia Viajajara”.

Na luta

Além de Cartagena, aliás, Sonia já passou por Roma, Vaticano, Dubai, NY, Los Angeles, Paris, Cannes e Vancouver para “divulgar a causa indígena”.

Vitória!

Depois de uma longa briga judicial, a atriz **Deborah Secco** venceu na Justiça um empresário que lhe deu um calote de cerca de 500 000 reais. Vai receber tudo direitinho. ■

FIM Deborah: juiz mandou empresário pagar uma dívida de publicidade com a atriz

INSTAGRAM @DEDESECCO

O PERIGO DA ANTIPOLÍTICA

Candidato conhecido pelas propostas rasas e por uma extensa ficha de rolos na Justiça, o coach Pablo Marçal desnorteia adversários na disputa pela maior cidade do país com golpes baixos, mentiras e agressividade. Resultado: crescimento nas pesquisas eleitorais

RAMIRO BRITES, BRUNO CANIATO
E **ISABELLA ALONSO PANHO**

BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

POPULARIDADE O candidato do PRTB em ação: galhofas, tática do confronto e uso de redes sociais

CAPA: FOTO DE ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

A disputa pela maior cidade do país tem um tom inegável de nacionalização, sendo vista como uma espécie de tira-teima entre Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro — respectivamente, os principais cabos eleitorais do deputado federal Guilherme Boulos (PSOL) e do prefeito Ricardo Nunes (MDB), que tenta a reeleição. Nas últimas semanas, no entanto, um barulhento outsider bagunçou a disputa por São Paulo, o coach Pablo Marçal (PRTB). Pouco conhecido até então no mundo da política e apoiado por um partido pequeno, ele não era levado em conta, até começar a chamar atenção e ganhar espaço. Mesmo com propostas exóticas, como a de construir teleféricos para melhorar o trânsito, conhecimento raso sobre a metrópole e uma extensa ficha de rolos na Justiça (são mais de 100 processos), o coach virou um competidor sério e se tornou mais que um fenômeno local. No pleito municipal deste ano no país, passou a representar uma nova e perigosa encarnação de um candidato antissistema ao desnortear adversários com golpes baixos, mentiras e uma campanha maciça nas redes sociais.

Embora alguns concorrentes enxergassem Marçal no início como alguém que só faria alguma marola na disputa, a campanha do coach parece um tsunami. Segundo levantamento da AtlasIntel de quarta, 21, ele passou de 11,4% das intenções de voto para 16,3% em poucas semanas. Com isso, diminuiu a distância para os líderes Nunes e Boulos — os dois oscilaram para baixo. Dois outros novos levanta-

mentos confirmaram o cenário. Segundo o último Datafolha, Boulos lidera, com 23%, enquanto Marçal passou para a segunda colocação, com 21%, superando numericamente Nunes, que tem 19%. Os três estão empatados dentro da margem de erro, de 3 pontos. No Paraná Pesquisas, divulgado na sexta, 23, Nunes está ainda na frente (24,1%), seguido por Boulos (21,9%) e Marçal (17,9%). Enquanto os dois líderes caíram, o coach cresceu mais de 5 pontos.

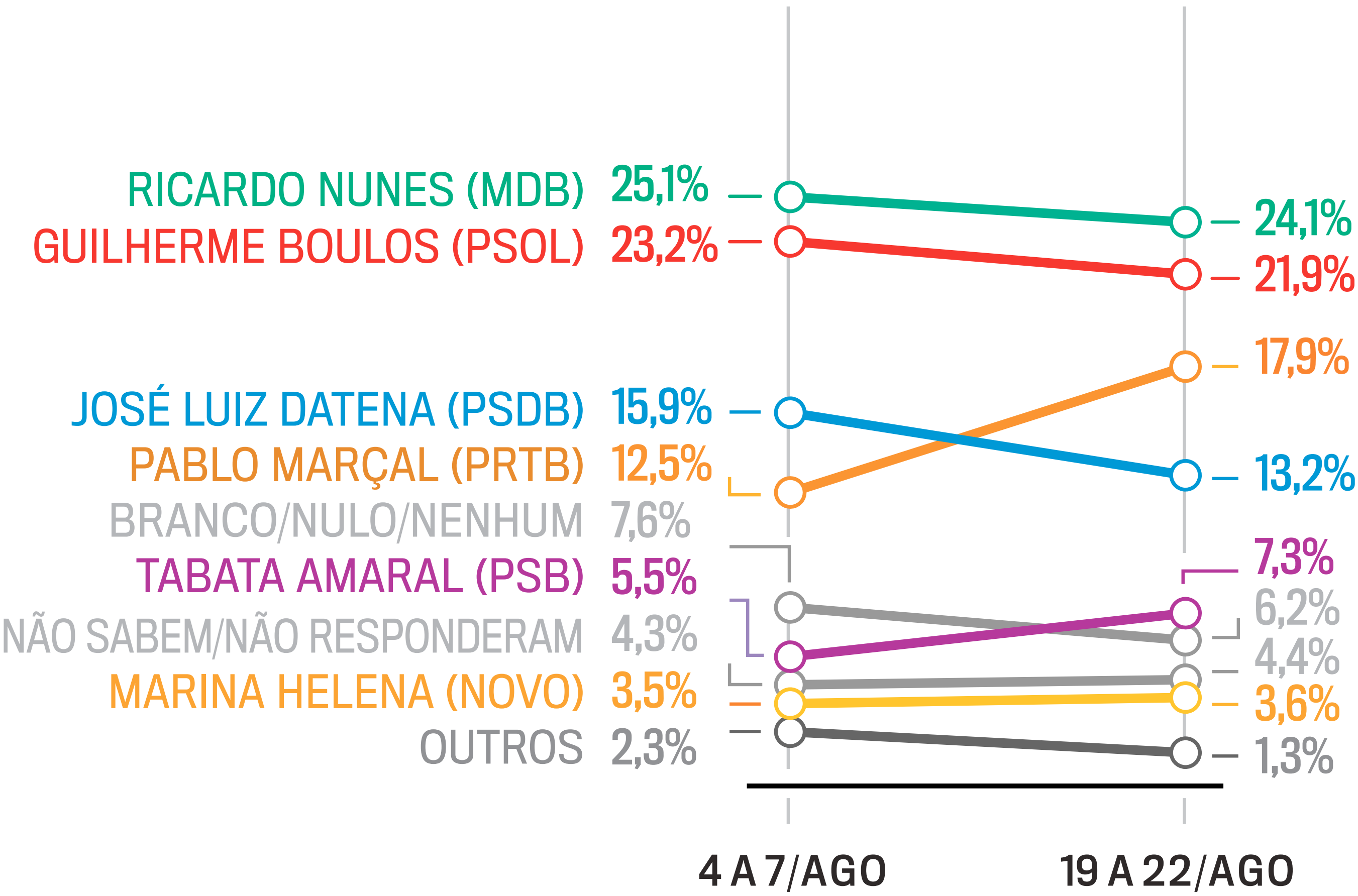
PÁREO EMBOLADO

Como está a disputa pelo comando da maior cidade do país

PARANÁ PESQUISAS*

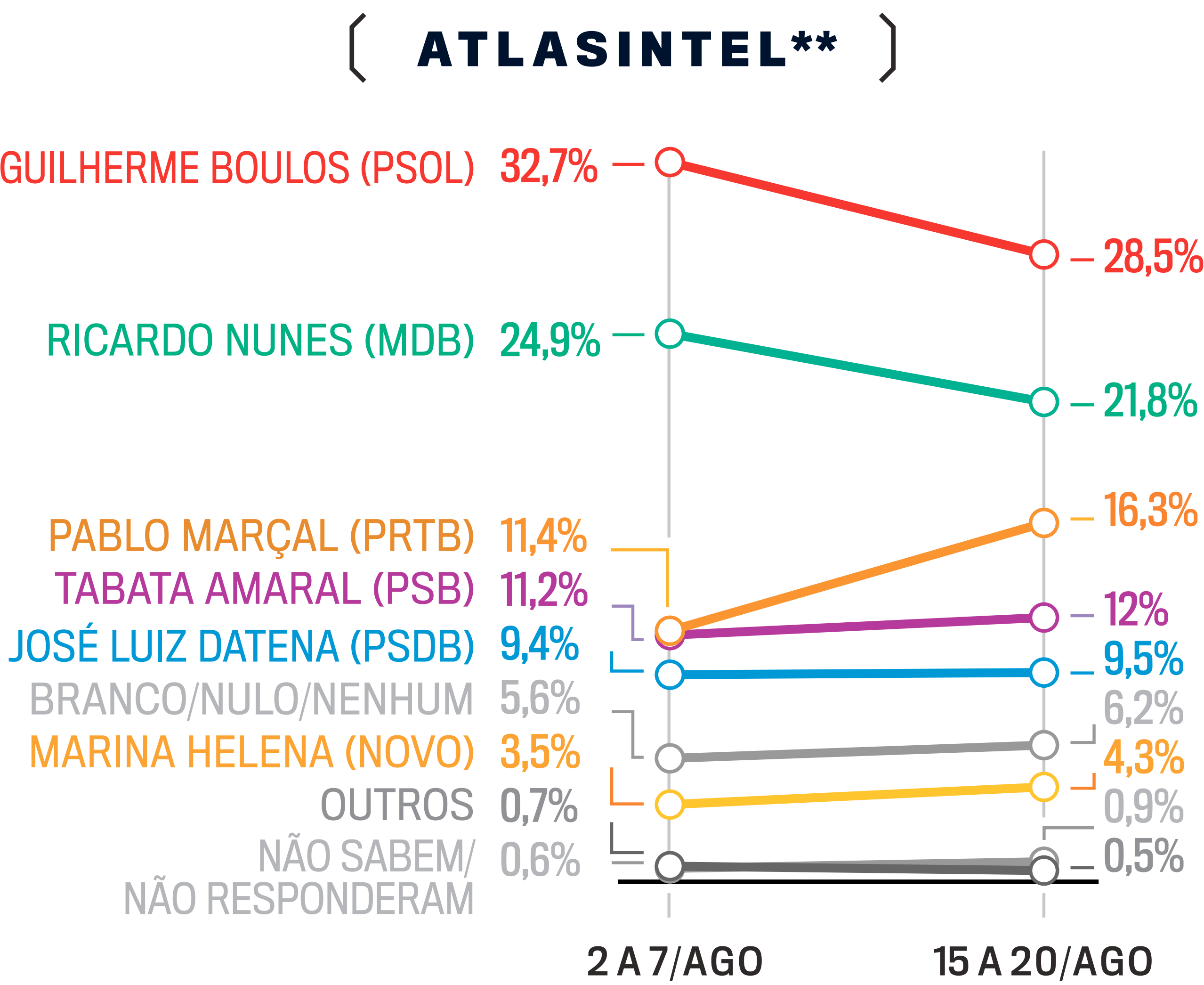
RICARDO NUNES (MDB) 25,1%
GUILHERME BOULOS (PSOL) 23,2%
JOSÉ LUIZ DATENA (PSDB) 15,9%
PABLO MARÇAL (PRTB) 12,5%
BRANCO/NULO/NENHUM 7,6%
TABATA AMARAL (PSB) 5,5%
NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM 4,3%
MARINA HELENA (NOVO) 3,5%
OUTROS 2,3%

24,1%
21,9%
17,9%
13,2%
7,3%
6,2%
4,4%
3,6%
1,3%

4 A 7/AGO
19 A 22/AGO

*Margem de erro de 2,6 pontos percentuais

Uma das principais razões para a ascensão foi o comportamento dele nos três debates realizados até aqui, nos quais mostrou muito despreparo para discutir a cidade, mas uma atitude imprevisível e, nas palavras de seus aliados, "disruptiva". Nesses encontros, disparou contra adversários uma lista enorme de ataques pessoais, *fake news* e provocações variadas. Embora critique muito o prefeito Ricardo Nunes, a quem chama de "bananinha", sua vítima predileta se tornou Guilherme Boulos. Marçal não perde a chance de fazer insinuações, sem apresentar provas, de que o adversário conso-

ATLASINTEL**

	2 A 7/AGO	15 A 20/AGO
GUILHERME BOULOS (PSOL)	32,7%	28,5%
RICARDO NUNES (MDB)	24,9%	21,8%
PABLO MARÇAL (PRTB)	11,4%	16,3%
TABATA AMARAL (PSB)	11,2%	12%
JOSÉ LUIZ DATENA (PSDB)	9,4%	9,5%
BRANCO/NULO/NENHUM	5,6%	6,2%
MARINA HELENA (NOVO)	3,5%	4,3%
OUTROS	0,7%	0,9%
NÃO SABEM/ NÃO RESPONDERAM	0,6%	0,5%

**Margem de erro de 2 pontos percentuais

me drogas e, em determinado instante do evento realizado pelo Estadão/Terra, no último dia 14, depois de provocado por Boulos, que o chamou de "novo Padre Kelmon", sacou uma carteira CLT para "exorcizar" o psolista, a quem acusa de não gostar de trabalho. Boulos quase partiu para a briga, tentando arrancar o documento da mão do coach.

Por essas e outras, Marçal parece lutar *mixed martial arts* (o vale-tudo) diante de adversários que tentam reagir à base de velhos golpes de boxe. No Instagram, é seguido por 12,8 milhões de contas e é de lá que ele viraliza os cortes pinçados dos debates, como as imagens de um Boulos atônito diante de uma carteira de trabalho. Na política brasileira, ele só tem menos adeptos na rede social do que Jair Bolsonaro, que reúne 25,7 milhões de seguidores, e Lula, com 13,5 milhões. Segundo Tassio Renam, CEO da Holding Marçal Corp, advogado e faz-tudo da campanha, Pablo deve ultrapassar o petista em breve e agora se desafia para percorrer as ruas. "Um dos nossos objetivos é justamente explodir as bolhas que nos cercam. No digital, a gente já domina", afirma. Na disputa paulistana, os adversários não fazem sombra a ele no Instagram. Nunes tem 967 000 seguidores, Boulos, 2,2 milhões. Tabata Amaral (PSB), que apostou as fichas em uma campanha digital, depois de José Luiz Datena traí-la para concorrer pelo PSDB, tem 1,5 milhão de seguidores. "A internet é onde está sendo discutida a política hoje em dia, é a grande arena", reconhece Pedro Simões, marqueteiro da candidata do PSB.

VIRALIZOU Na provocação a Boulos: o coach quer ser o antiesquerda no pleito de 2024

As mudanças que a internet trouxe à forma das propagandas eleitorais não são novas, tampouco sua apropriação pelos candidatos como ferramenta bélica contra rivais. Os diferenciais de Marçal são o conhecimento técnico e os investimentos colossais no uso dessa arma, cujo potencial político veio à tona no Brasil com a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. Quase na mesma época, alguns grupos passaram a usar a tática de enviar integrantes para tumultuar protestos e sessões legislativas. As represálias são gravadas, editadas e publicadas como relatos de "hostilidade" contra seus membros, montando uma narrativa de censura e perseguição. O confronto permanente é o grande combustível dessa turma. Guardadas as devidas proporções, estratégia parecida é empregada por Pablo Marçal quando busca enfurecer

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

EM QUEDA Nunes: confiança em reverter queda nas pesquisas com o horário eleitoral gratuito

os oponentes ao vivo. "A imagem de um político tradicional perdendo a calma com um sujeito 'comum', de boné e camiseta, apela a um sentimento de antielitismo entre o eleitorado", avalia João Guilherme Bastos, diretor de tecnologia e estudos temáticos do Instituto Democracia em Xeque.

Outra aposta do coach é a geração ininterrupta de declarações falaciosas nas redes sociais, de maneira a impossibilitar que uma mentira seja desbancada antes que a próxima viralize — a manobra, conhecida nos Estados Unidos como *firehose* ("mangueira de incêndio"), tornou-se célebre após ser popularizada por Donald Trump em sua primeira corrida à Casa Branca. A reboque das novas tecnologias, os principais adversários do coach nas urnas paulistanas ainda direcionam seus esforços às velhas ferramentas de campanha,

como composição de jingles, organização de carreatas e produção de peças para o horário eleitoral gratuito. "As regras eleitorais existentes ainda são fracas para comportar candidatos antissistema, que conseguem encurralar a Justiça, a imprensa e o eleitorado menos acostumado ao ambiente digital", diz Ana Claudia Santano, diretora-executiva da Transparência Eleitoral Brasil e professora de direito eleitoral.

Diante das investidas e da ascensão de Marçal, as campanhas de Nunes e Boulos estão desnorteadas. A primeira tentativa de neutralizar o coach em debate foi desastrosa, com os marqueteiros de Nunes, Boulos e Datena combinando literalmente fugir do confronto às vésperas do evento realizado por VEJA, na segunda 19. Detalhe: as campanhas dos principais candidatos — o prefeito e seu opositor de esquerda — haviam assinado um termo de participação e concordado com todas as regras do encontro. Desastroso para ambos, o movimento foi encabeçado por Duda Lima, marqueteiro do prefeito, e criticado por alas importantes da campanha pelo amadorismo da decisão. O resultado da tática? Pablo ficou ainda mais à vontade para atacar a dupla Nunes e Boulos. Na ocasião, Tabata Amaral confrontou com firmeza o coach, enfatizando em vários momentos o vazio de ideias do adversário. Saiu de lá vencedora e subiu, ainda que discretamente, nas pesquisas. Ou seja, basta coragem e preparo para encarar Marçal. No caso dos "fujões", rótulo dado durante o debate, o tiro saiu pela culatra, como ficou evidente nos levantamentos posteriores.

A PLATEIA DO COACH

Pablo Marçal tem tanta audiência quanto Lula no Instagram (em número de seguidores)

INSTAGRAM

JAIR BOLSONARO .... 25,7 MILHÕES

LULA .... 13,1 MILHÕES

PABLO MARÇAL .... 12,8 MILHÕES

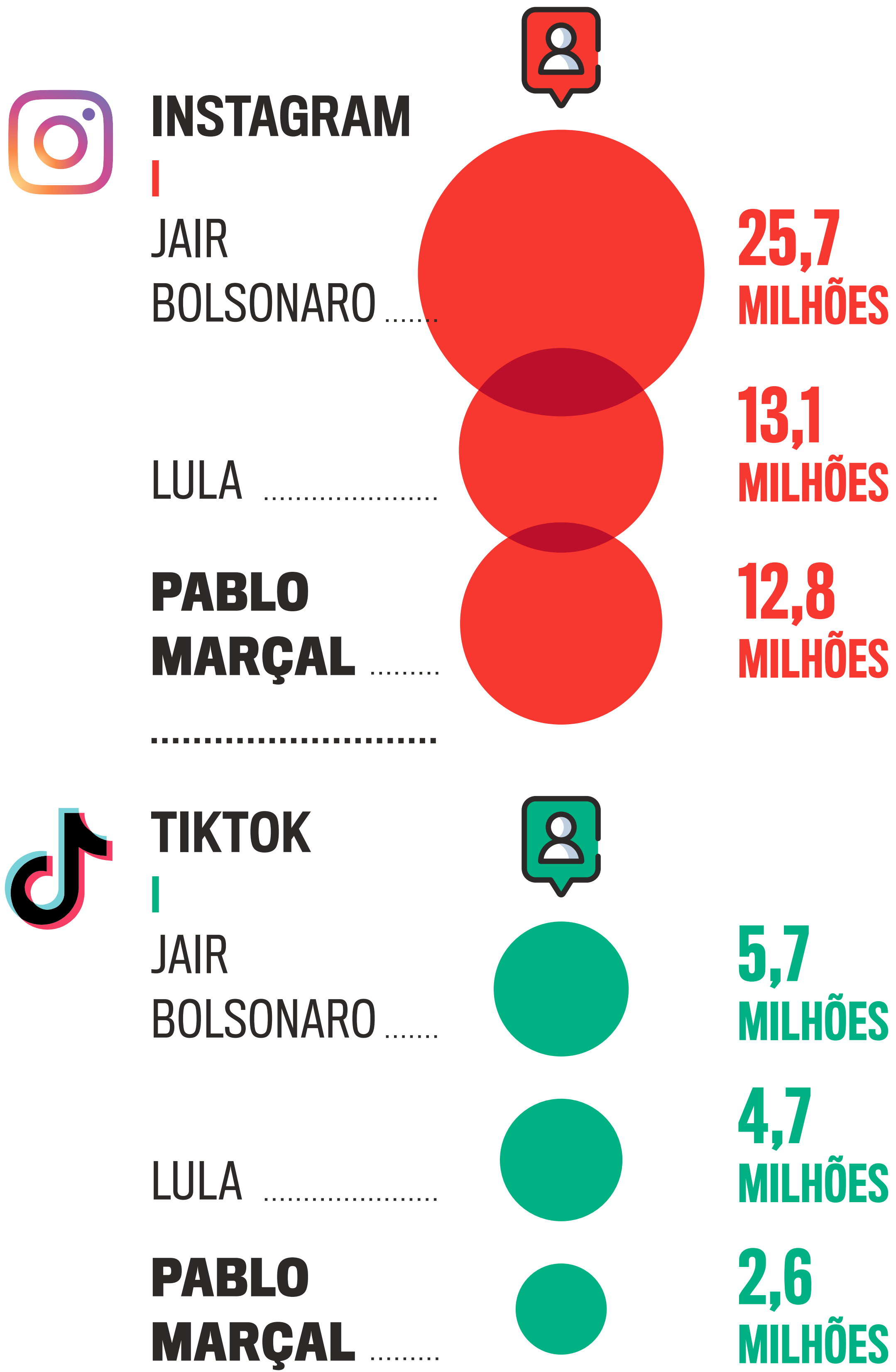
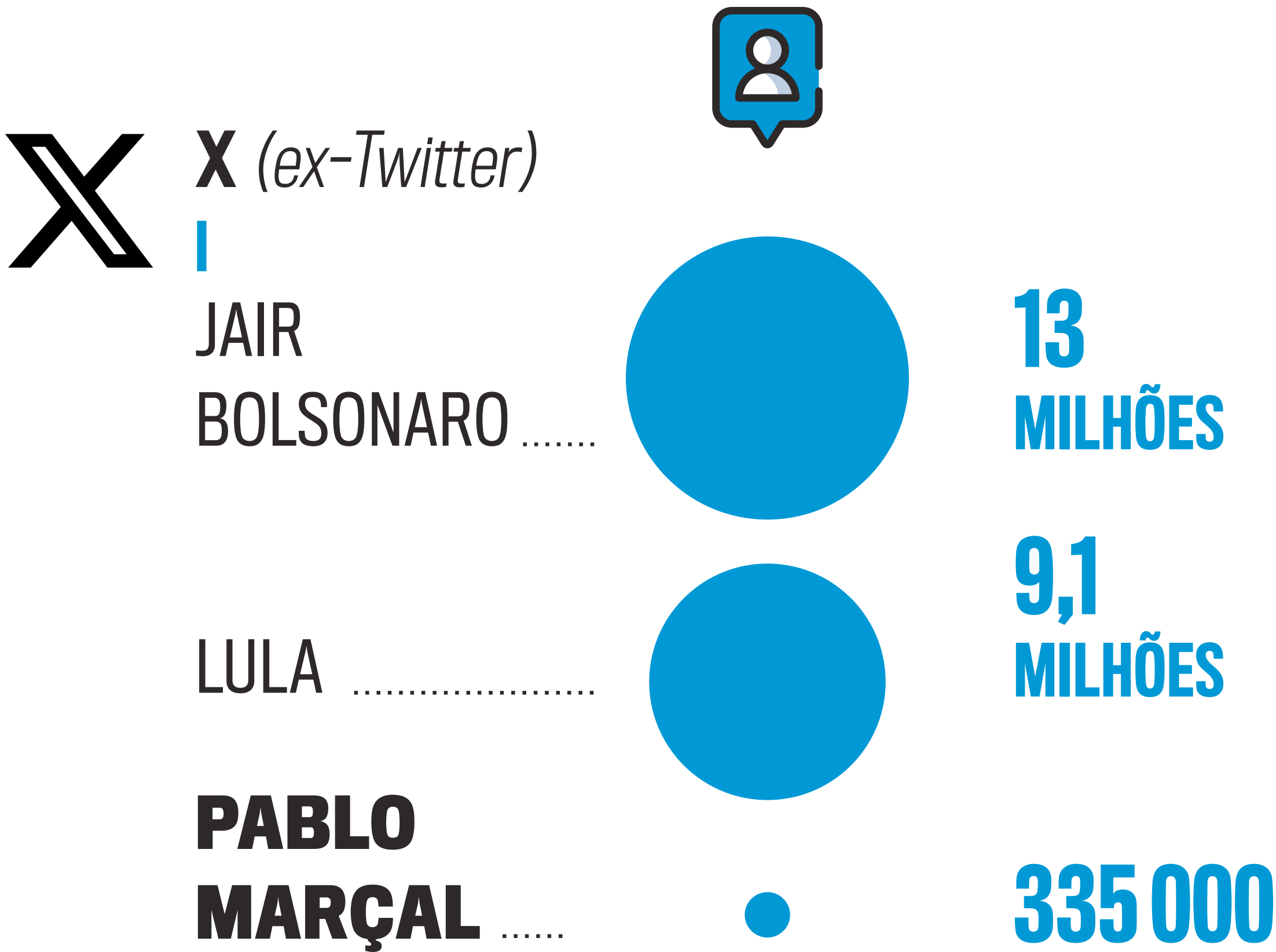
TIKTOK

JAIR BOLSONARO .... 5,7 MILHÕES

LULA .... 4,7 MILHÕES

PABLO MARÇAL .... 2,6 MILHÕES

X *(ex-Twitter)*

JAIR BOLSONARO	13 MILHÕES
LULA	9,1 MILHÕES
PABLO MARÇAL	335 000

3,6 MILHÕES DE VISUALIZAÇÕES

TEVE UM POST DELE NO INSTAGRAM SOBRE OS TRÊS CANDIDATOS QUE NÃO COMPARECERAM AO DEBATE DE *VEJA*, NA SEGUNDA 19

Fonte: *redes sociais*

Há outros oito encontros do tipo agendados e, com a subida contínua de Marçal, é pouco provável que Boulos e Nunes repitam o erro de se esconder (embora não se possa subestimar a falta de inteligência na condução do problema). O psolista tem uma equipe montada apenas para combater notícias falsas e também quer judicializar todos os ataques que Marçal não conseguir provar. Desde o último dia 12, o candidato lulista teve cinco decisões favoráveis na Justiça Eleitoral contra ataques do coach — são quatro determinações para a remoção de vídeos nas redes sociais e a concessão de direitos de resposta. Na noite de quarta, 21, o TRE acatou liminar da campanha de Marçal e suspendeu os direitos de resposta. Há um mês, Boulos se reuniu com a presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Cármen Lúcia, em Brasília, e pediu celeridade na análise de ações no pleito deste ano. Enquanto isso, a estratégia de Nunes é a de se aproximar do bolsonarismo para conter o adversário lacrador, principalmente nas redes. O núcleo duro no entorno de Jair Bolsonaro deve participar mais ativamente das decisões políticas daqui para frente. "O bolsonarismo é decisivo em eleições. Quem não enxergar e respeitar isso está fadado a perder", afirma o advogado Fabio Wajngarten, um dos mais fiéis aliados do ex-presidente.

Segundo as pesquisas, Marçal rouba público de todos os seus adversários, mas o mais penalizado, sem dúvida, é o prefeito Ricardo Nunes (MDB), que divide com o coach o eleitorado mais à direita, indeciso sobre quem é o efetivo escolhido de Bolsonaro. Ocorre que Marçal também tira votos

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

DIVULGAÇÃO

FUGA Lula Guimarães e Duda Lima: acordo de marqueteiros de Boulos e Nunes para fugir de Marçal revelou-se um grande tiro no pé para as duas campanhas

de Boulos, sobretudo os dos jovens (16 a 24 anos), público mais afeito às redes sociais. Com a disputa cada vez mais embolada, o psolista passou a correr riscos diante da possibilidade de o coach ultrapassá-lo e ele simplesmente não chegar ao segundo turno. Exemplo disso é a última sondagem do Paraná Pesquisas, na qual ambos aparecem empatados dentro da margem de erro.

Evidentemente, ainda falta uma eternidade até a eleição. Até lá, um dos maiores obstáculos para Marçal será a Justiça, algo reconhecido pela própria campanha. Há denúncias a respeito de que os temidos cortes de vídeos estariam sendo impulsionados na internet por apoiadores cooptados sob promessa de lucros — o coach já disse em entrevistas que faz uma espécie de competição com premiação em dinhei-

ro para quem consegue espalhar essas peças. Outra suspeita é a de que as empresas dele despejam ilegalmente recursos na campanha. São tantos riscos, que o candidato vem investindo em advogados experientes e com trânsito político, a exemplo de Paulo Hamilton Siqueira Júnior, ex-juiz do TRE de São Paulo.

Fora as ações eleitorais, há mais de uma centena de rolos na Justiça. Os mais cabeludos envolvem a investigação iniciada por causa da expedição fracassada ao Pico dos Marins, que colocou em risco a vida de 32 pessoas no começo de 2022, a morte de um funcionário durante uma "maratona-surpresa" no meio de 2023 e uma investigação, em curso na PF, pela suposta prática dos crimes de falsidade ideológica, apropriação indébita eleitoral e lavagem de capitais quando tentou se lançar à Presidência em 2022 pelo PROS. Em julho de 2023, no bojo dessa apuração, a PF fez operações de busca e apreensão na casa do coach e em três empresas dele. Na ficha de Marçal consta ainda uma condenação de quatro anos e cinco meses de prisão por furto qualificado e associação criminosa por fazer parte de uma quadrilha que aplicava golpes digitais, mas a pena prescreveu antes de ser cumprida.

Sem mostrar nenhum constrangimento por esse currículo da pesada, Marçal circula hoje por São Paulo com ares de popstar, com carros buzinando quando ele está nas ruas e fãs imitando o gesto com três dedos de forma a emular o "M", que virou sua marca registrada. Trata-se de um espetáculo patético, galhofeiro e sem qualquer conteúdo, uma

ANTONIO MILENA

DEBATE No evento de VEJA: apenas Tabata Amaral e Marina Helena enfrentaram o coach

imagem mais comum em programas de auditório do que na disputa para prefeito da maior cidade do país — mas que vem ganhando corpo nas pesquisas e nas redes. Na internet, empresas como o Mercado Livre vendem cópias de bonés usados por ele na campanha. As meninas que o seguem, não por acaso, foram apelidadas de "marçaletes". "É um fenômeno espontâneo, nunca vi nada igual", afirma Wilson Pedroso, coordenador da campanha. "Os eleitores não querem mais o político tradicional."

Apesar de todo esse "assédio", o candidato diz que a rotina de político é "chata" porque "se perde muito tempo". Numa linha de raciocínio bem particular, ele explica sua opção pela campanha eleitoral e as consequências práticas em sua situação financeira: "A vida está normal, mas está

(sic) precisando de dinheiro. Sabe qual foi a última vez que eu falei que não tinha dinheiro? Tinha 11 anos. É ruim, cara", reclamou. Aparentemente, Marçal diz que não vai usar verba do fundo eleitoral — até porque o PRTB não dispõe de um caixa vultuoso —, não vai fazer doações por meio de suas empresas e só vai receber dinheiro "dos outros". Até a última quinta, 22, a campanha tinha arrecadado pouco mais de 550 000 reais, conforme dados do TSE.

Nascido em Goiânia, Marçal chegou a cursar o bacharelado em direito, mas nunca exerceu a profissão. Quando ainda trabalhava como atendente em um call center, começou a faturar com conselhos de prosperidade dados aos colegas. Posteriormente, fez fortuna vendendo livros, e-books, cursos de autoajuda e mentorias que ensinam desde como ganhar di-

nheiro na internet até como ter uma vida pessoal equilibrada, manter bons hábitos alimentares e cultivar um casamento longevo. Ao todo, afirma já ter escrito mais de cinquenta livros e declarou à Justiça Eleitoral um patrimônio de 169 milhões de reais — o triplo da soma de todos os seus rivais. Até recentemente, vivia em uma casa no Alphaville Industrial, condomínio de luxo nos arredores de São Paulo. Trocou o endereço por um apartamento alugado no Jardim Europa, bairro de alto padrão na capital, um dia antes do prazo do registro eleitoral. Casado com Carol Marçal, que se classifica como especialista em relacionamento, ele tem quatro filhos.

O programa de governo do coach é tão raso quanto sua cartilha de autoajuda, com "propostas" confusas e extravagantes, como a de construir o prédio mais alto do mundo. Na verdade, sua única e perigosa plataforma é a antipolítica, disseminada por ele nas redes sociais. Uma réplica à adversária Tabata Amaral, em um minuto recheado de ataques pessoais à deputada, ao presidente Lula, à ex-presidente Dilma Rousseff e à imprensa, atingiu quase 9 milhões de visualizações no TikTok. "Esses tumultos nos debates televisivos transformam a campanha eleitoral paulistana numa 'anticampanha', onde o espaço que serviria para a construção de uma pauta coletiva é usado para promover os interesses de um personagem digital", afirma Ana Claudia Santano. O coach não é apenas um problema hoje para os adversários. Para uma cidade com gigantescos problemas e desafios como São Paulo, a ascensão de Pablo Marçal é uma grande ameaça. ■

“NÃO FUI AGRESSIVO COM NINGUÉM”

Em entrevista a VEJA, Pablo Marçal falou sobre a ascensão nas pesquisas, o comportamento dele nos debates e as críticas às suas propostas.

A que atribui seu crescimento nas pesquisas? Falar a verdade. O povo na rua diz que falo o que está entalado na garganta deles. Eu estou sendo triturado pelos adversários. Eles vão fazer de tudo para frear meu crescimento.

Quem é hoje seu principal adversário? Eu não tenho eles como concorrentes. Eles é que estão me tendo como concorrente. Por isso, juntou três fracos para ver se dava um. Juntou Datena, o Boulos e o Banana Nunes pra ver se aguentavam a pressão de um cara igual eu em um debate. Eu fiquei encantado com aquela manobra idiota de não aparecerem no último debate. Mais duas daquelas lá, eu passo Boulos e Nunes.

Não é um golpe baixo fazer tantas provocações nos debates? Não fui agressivo com ninguém. Só na resposta. O Nunes vira e fala: “O que o Marçal está falando é impossí-

MARIA ISABEL OLIVEIRA/AGÊNCIA O GLOBO

ALERTA Marçal: “O povo diz que falo o que está entalado na garganta deles”

vel". Então tá, então toma. Olha o Datena. Ele foi respeitoso comigo. Eu fui agressivo com ele? Nada. E ele não foi no debate, ou seja, ele estava mancomunado com o Boulos. A Marina Helena não foi agressiva comigo. Eu fui agressivo com ela? Não fui.

"Exorcizar" o Boulos com uma Carteira de Trabalho ou insinuar consumo de drogas não são atitudes agressivas? É, mas a pessoa chama o outro de ladrão, sendo que eu não sou. Isso também não estava nas regras. Naquele debate, eu pedi o direito de resposta e não deram. Mas por que não deram? Eu pedi, cinco vezes.

Como quer ser prefeito sem conhecer a fundo São Paulo? Eu conheço mais de gente, ajudei mais gente na minha vida, e você falar que conhece a cidade? Ninguém conhece as 28 000 quadras que tem na cidade. Falam isso para tentar dizer que sou incompetente.

Propostas como a de um teleférico para melhorar o trânsito ou de um prédio de 1 quilômetro de altura são dignas de discussão? O teleférico vai ser o transporte aéreo de cabo, que é o mais seguro. O prédio será um símbolo, vai romper a construção civil do país e vai marcar o mundo, para as pessoas virem e visitarem. A gente transforma as comunidades em centros gastronômicos, olímpicos, com empreendedores e hotelaria, e as pessoas iam querer vir visitar. Você imagina uma favela reorganizada, tudo lindo? Eu imagino e eu vou fazer isso.

AS APARÊNCIAS ENGANAM

A descontração que antecedeu o acordo entre o governo, o Congresso e o Judiciário sobre as emendas do Orçamento camufla conflitos que ainda não terminaram **DANIEL PEREIRA** E **MARCELA MATTOS**

TRANSPARÊNCIA Acordo entre os Poderes: parlamentares não poderão mais enviar recursos para onde bem entenderem

HENRIQUE RAYNAL/CASA CIVIL

A FOTO que abre esta reportagem mostra representantes das cúpulas dos Três Poderes num momento de harmonia, quase de confraternização, como sugerem alguns rostos sorridentes. Ela foi tirada na última terça-feira, 20, antes do início de uma reunião organizada pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Luís Roberto Barroso, para tratar da decisão do STF que suspendeu o pagamento de emendas parlamentares e, na prática, obrigou governo e Congresso a negociarem novas regras para a liberação de recursos do Orçamento da União. Após o encontro, Barroso declarou que os participantes chegaram a um consenso sobre a questão das emendas. “Foi uma reunião muito produtiva, de muito bom diálogo, com o propósito comum de solução”, ratificou o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que comanda o Legislativo. À frente do Executivo, Lula — que não esteve na conversa, mas mandou dois ministros para representá-lo— reforçou o coro e, numa solenidade no Palácio do Planalto, enalteceu a capacidade de entendimento entre as autoridades como um “testemunho da força e da maturidade da nossa democracia”. A paz, aparentemente, reina na Praça dos Três Poderes. Aparentemente.

Longe das lentes dos fotógrafos, a reunião teve momentos de tensão. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), queixou-se de uma tabelinha entre o governo e o Supremo na decisão sobre as emendas, que foi elogiada por Lula e despertou instintos de retaliação por parte dos par-

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

REAÇÃO Pacheco e Lira: congressistas alertaram para desmandos, inutilidades e privilégios envolvendo ministérios

lamentares. A alegação do deputado tem como pano de fundo o fato de o presidente ter adotado como estratégia, desde o início de seu terceiro mandato, recorrer ao STF para reverter derrotas sofridas no Congresso, como ocorreu no caso da desoneração da folha de pagamento. Outro momento de constrangimento ocorreu quando o ministro Flávio Dino, relator do caso na Corte, usou o termo “rachadinha”, popular na crônica político-policial brasileira, para se

referir às emendas de bancada, recursos indicados por congressistas para as unidades da federação pelas quais foram eleitos. Houve quem interpretasse a fala de Dino como uma tentativa de criminalização desse tipo de emenda, mas nada que interditasse o debate. Também causou especial irritação o fato de o ministro da Casa Civil, Rui Costa, debochar do formato atual do gasto dos deputados, chamado por ele de “aerossol”. Em resposta, Lira e Rodrigo Pacheco apontaram desmandos, inutilidades e privilégios envolvendo as verbas de ministérios, deixando um climão no ar.

Em linhas gerais, o STF decidiu que todos os tipos de emendas têm de ser transparentes e rastreáveis. Ou seja: é obrigatória a divulgação de qual parlamentar indicou a

FONTE DE POLÊMICA...

...e também de escândalos que há décadas envolvem tanto o Legislativo quanto o Executivo

1993

ANÕES DO ORÇAMENTO

Foi o primeiro grande esquema de corrupção com emendas descoberto após a redemocratização. Deputados cobravam propina para aprovar recursos do Orçamento

verba, qual projeto e localidade foram beneficiados e quem executou o serviço. Esses requisitos não eram cumpridos, por exemplo, nos casos do notório orçamento secreto e das chamadas “emendas Pix”. O Supremo também estabeleceu que os recursos não podem mais ser pulverizados, ou indicados por deputados e senadores para onde bem entenderem, mas terão de contemplar projetos estruturantes definidos em comum acordo com o Executivo. Daí a euforia de Lula. Daí também a ameaça de retaliação dos parlamentares contra o governo e o Judiciário. “O Planalto promoveu um motim para tentar ficar com as emendas, viu que era uma ‘Operação Tabajara’ baiana e acabou recuando”, diz um político que acompanhou as tratativas. Com as mudanças adotadas nos últimos anos, parlamentares tornaram obrigatório o pagamento da maior parte das emendas, que chegaram à casa dos 50 bilhões de reais no Orçamento deste ano *(veja o quadro).*

2006

SANGUESSUGAS

No fim do primeiro mandato de Lula, a PF descobriu uma quadrilha que direcionava emendas para a compra de ambulâncias a preços superfaturados

Na última campanha, Lula disse que acabaria com a farra nessa seara, mas, em minoria no Congresso, pouco fez, e a remodelagem das regras acabou viabilizada agora pelo Supremo. “A decisão devolve ao Executivo a execução do Orçamento aprovado pelo Congresso. As emendas terão de se adequar tecnicamente ao que o Executivo determina como prioridade e, no caso do valor, terão de respeitar também a situação fiscal do país”, afirma um ministro da cozinha do presidente. Depois de adotarem como reação inicial a ameaça de revide, integrantes da cúpula do Congresso dizem agora que, com a janela de negociação aberta pela Justiça, será possível chegar a bom termo. Afirmam ainda que a maioria das emendas continuará impositiva, um direito adquirido e irrevogável. De novo, as aparências enganam. Nas conversas reservadas, sobram especulações de que o episódio foi uma espécie de emboscada para atingir Arthur Lira, que controla boa parte da destinação das verbas.

2011

MÁFIA DO ROJÃO

Mais de 30 pessoas foram presas por participar de um esquema que se apropriava de recursos de emendas destinadas ao Ministério do Turismo

No atual governo, Lira rompeu relação com o ministro da articulação política, Alexandre Padilha, por entender que ele era o autor intelectual de regras adotadas pelo Ministério da Saúde para dificultar a liberação de emendas parlamentares. O presidente da Câmara aos poucos foi se aproximando do chefe da Casa Civil, Rui Costa, a ponto de estabelecerem um canal privilegiado de diálogo. Foi assim até a decisão do Supremo. Agora, nos gabinetes mais importantes do Congresso, afirma-se que Rui Costa — o mais sorridente na foto — está por trás da suspensão dos pagamentos das emendas. A menção a projetos estruturantes, por exemplo, seria uma maneira de forçar os parlamentares a destinar recursos para obras do novo Programa de Aceleração do Crescimento, bandeira com a qual o ministro pretende se cacifar como candidato a presidente da República quando Lula não concorrer mais ao posto. A ofensiva sobre as emendas, portanto, também estaria inserida

2015

EMENDAS IMPOSITIVAS

O Congresso tornou obrigatório o pagamento das emendas individuais, passando a controlar um montante de recursos que chegava a 12 bilhões de reais

no contexto da disputa interna do PT entre o chefe da Casa Civil e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, pelo posto de sucessor natural do presidente.

Esse diagnóstico não é propriamente uma novidade. Desde o ano passado, em razão das restrições orçamentárias, o governo tentava convencer deputados e senadores a incrementarem o PAC com suas emendas. Não deu certo. Também no ano passado, Lira recomendou a Lula que anunciasse sua candidatura à reeleição como forma de encerrar as brigas e as disputas de poder entre seus ministros que sonham com o Planalto. Na reta final de seu segundo mandato à frente da Câmara, Lira tem como prioridade fazer o seu sucessor no cargo. O candidato de seu coração é o líder do União Brasil na Casa, Elmar Nascimento, que enfrenta a concorrência de outros nomes, como Marcos Pereira (Republicanos-SP) e Antonio Brito (PSD-BA). Segundo o roteiro original, Lira anunciará o concorrente es-

2019

ORÇAMENTO SECRETO

Os parlamentares tornaram impositivas também as emendas de bancada e instauraram o chamado orçamento secreto, que alcançou mais de 50 bilhões de reais

colhido por ele ainda em agosto, em tese optando por aquele que se mostrou mais forte para vencer o páreo. Essa tarefa já é delicada naturalmente. Para aliados de Lira, a decisão do Supremo também foi pensada para fragilizar a posição dele nesse assunto, o que, garantem, não ocorreu.

A VEJA, um ministro próximo a Lula declarou que o Executivo, mesmo com a tendência de ganhar protagonismo no caso das emendas, não pretende confrontar Lira em sua jornada para fazer o próximo presidente da Câmara: "A sucessão na Câmara está cada vez mais embolada, mas o governo não tem nada com isso. Acho que o Lira não conseguirá costurar um nome de consenso e os candidatos disputarão no voto". Grande parte do prestígio que Lira e o senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), favorito para assumir a presidência do Senado no ano que vem, desfrutam decorre do poder que eles tiveram nos últimos anos para distribuir emendas parlamentares. Ancorado pelo Su-

2024

EMBATE

O STF suspendeu o repasse das emendas, cobrou critérios e disse que não existe transparência na transferência dos recursos

INSTAGRAM @DEPUTADOELMARNASCIMENTO

SUSPEITA Elmar: eleição na Câmara estaria na raiz da investida do governo

premo, Lula pretende recuperar as prerrogativas que os presidentes da República perderam nesse terreno nos últimos anos. As negociações nos próximos dias dirão qual o resultado final desse cabo de guerra. Mais importante do que saber quem levará a melhor, se Executivo ou Legislativo, é garantir que o uso do dinheiro público seja transparente e eficiente — e não combustível para uso eleitoreiro, deleites pessoais e corrupção. ■

EM TERRITÓRIO INIMIGO

A estratégia do presidente da República para vencer as resistências nos estados governados por adversários políticos **MARCELA MATTOS** E **RICARDO CHAPOLA**

OBJETIVO Ratinho Junior sobre evento com Lula: "Participo de qualquer agenda em que o interesse público esteja em jogo"

RICARDO STUCKERT/PR

A CENA, isolada, pode confundir a cabeça de muitos eleitores: na traseira de um carro conversível, o presidente Lula e o governador do Paraná, Ratinho Junior (PSD), desfilaram lado a lado numa solenidade em São José dos Pinhais na semana passada. No chão, operários se amontoavam para registrar a cerimônia que celebrava um investimento bilionário de uma montadora de automóveis. Lula e Ratinho, como se sabe, são adversários políticos — e não só. Nas eleições de 2022, o petista foi derrotado por Jair Bolsonaro no estado, viu a ascensão política de desafetos como o ex-juiz Sergio Moro e o ex-procurador Deltan Dallagnol, e até hoje acumula altíssimos índices de rejeição entre os paranaenses. Uma pesquisa divulgada recentemente mostra o fosso que existe entre o presidente e o governador. Enquanto Ratinho, um dos nomes cogitados para enfrentar o próprio Lula em 2026, contempla índices de aprovação que chegam a 70%, o presidente registra apenas 35% de avaliações positivas. Essa aproximação dos dois, dividindo o mesmo palanque e até trocando afagos em alguns momentos, em tese não faz muito sentido. Mas ela é parte de uma estratégia do governo.

Desde que foi eleito, Lula se comprometeu a abrir as portas do Planalto para os 27 governadores do país, independentemente de suas colorações partidárias. “Um presidente da República não pode ter inimigo, não pode gostar de um estado e não gostar de outro”, sintetizou. Para mostrar que não era apenas discurso, pediu aos governadores

que indicassem obras para serem incorporadas ao PAC, programa vitrine do PT. Quando a obra é concluída, o cerimonial do Planalto organiza tudo para permitir que os envolvidos possam colher dividendos eleitorais da inauguração. Todos são lembrados: o presidente que entregou, o governador que prometeu, o senador que mandou a verba, o deputado que se empenhou, o vereador que teve a ideia... Em geral, esses eventos são planejados por políticos do PT, que reúnem sindicalistas e militantes em uma claque que garante a animação da solenidade e os aplausos necessários. O problema é quando esse roteiro se passa em território inimigo.

Sob o pretexto de romper a polarização e praticar a política da boa vizinhança, o governo tem priorizado incursões em estados onde Lula foi derrotado nas eleições de 2022. As experiências já resultaram em boas imagens, servem como exemplo de civilidade, mas também provocam confusão, constrangimentos e discussões alimentadas pelo próprio presidente. No fim de julho, por exemplo, Lula participou de cerimônia de entrega de novas unidades do Minha Casa, Minha Vida em Mato Grosso, onde o ex-presidente Jair Bolsonaro obteve 65% dos votos. Durante o evento, um grupo de cerca de 200 militantes petistas se posicionou em frente ao palco e dirigiu uma sonora vaia ao governador Mauro Mendes (União Brasil), cujo eleitorado é majoritariamente de direita. Lula tentou intervir: “As pessoas estão na nossa casa porque a gente convidou. A

RICARDO STUCKERT/PR

AUSENTE Tarcísio de Freitas: faltas por "compromissos previamente agendados"

gente tem que respeitar, a gente não enxota convidado nosso", disse o presidente, sem muito sucesso. Sob vaias, o governador destacou sua "alegria" em receber o petista. Em entrevista a VEJA, Mendes afirmou que não se surpreendeu com a recepção. "Tenho maturidade para encarar isso com naturalidade. Eu respeito o presidente Lula, embora nós tenhamos divergências, e toda vez que ele vier ao meu estado será bem-vindo e muito bem recebido", disse.

EDUARDO VALENTE/GOVSC

TÔ FORA Mello: ele não compareceu à inauguração de obra

Apesar do constrangimento, interessa a alguns governadores tidos como adversários manter uma relação amistosa com o governo federal. Lula, mais do que ninguém, sabe e tira proveito disso. O presidente tem dedicado especial atenção, por exemplo, ao Rio Grande do Sul, para onde já foi cinco vezes desde que a região foi devastada por uma inundação. No último dia 16, durante uma solenidade de entrega de casas para famílias desabrigadas, ele e o go-

vernador Eduardo Leite (PSDB) intercalaram afagos e alfinetadas. Ao discursar, o presidente afirmou que o problema no estado não foi só das chuvas. Afirmou, sem dar nomes, que, se tivessem tomado o devido cuidado com os diques e as bombas de água, a tragédia não teria ocorrido. “É importante a gente dizer essas coisas para que o pessoal saiba definitivamente o que aconteceu”, afirmou Lula, numa indireta ao governador, ao mesmo tempo que ele era hostilizado pela claque petista que pedia sua saída do cargo. Ao discursar, Leite lembrou que também investiu recursos do estado na construção das casas, celebrou a parceria e, devolvendo a indireta, disse que a “claque” de Bolsonaro também o atacava. Lula não gostou e rebateu. “Apenas um recado ao governador: Eduardo, se o outro presidente da República trazia a claque para te vaiar, quem está aqui são trabalhadores, não são claques”, disse, insuflando novamente os apoiadores presentes, que elevaram o tom dos apupos.

Alguns governadores fogem do que consideram uma armadilha eleitoral. No início do mês, Lula foi pela primeira vez desde que tomou posse a Santa Catarina, um dos bastiões do bolsonarismo no país, para inaugurar uma obra viária em Florianópolis. Ele estava acompanhado de quatro ministros, que exaltavam o investimento de quase 4 bilhões de reais. No palco, a ausência do governador Jorginho Mello (PL) foi ressaltada — e Lula não perdoou. Ao discursar, afirmou que gosta “de trabalhar, e não de motociata” e que Mello seria tratado

RICARDO STUCKERT/PR

INDIRETAS Lula em evento no Sul com Eduardo Leite: troca de afagos e alfinetadas em público

com respeito se estivesse no evento. "Lamentavelmente, tem gente que pensa pequeno, tem gente que age pequeno e não enxerga a necessidade do povo brasileiro", disse o presidente. O governador devolveu a crítica, afirmando que "não precisa de palanque nem de faixa" para inaugurar "uma obra privada que estava atrasada havia mais de doze anos".

Da mesma maneira, o governador de São Paulo tem evitado comparecer a eventos ao lado do presidente. O último encontro entre Lula e Tarcísio de Freitas no estado aconte-

RICARDO STUCKERT/PR

CLAQUE Mauro Mendes: governador de Mato Grosso foi vaiado pelos petistas

ceu em fevereiro, durante uma cerimônia do Porto de Santos recheada de gestos que destacavam a "normalidade" e promessas de uma "parceria" na relação. O governador passou por um duplo constrangimento. Inicialmente vaiado pela claque, foi ovacionado depois que Lula lembrou que ele havia trabalhado como assessor no governo Dilma. Houve gritos para que ele se filiasse ao PT. Depois disso, apesar das diversas idas do presidente ao estado, Tarcísio não atendeu mais aos convites. Sempre que pode, Lula res-

salta a ausência. No mês passado, em um evento, o presidente chegou a blefar dizendo que o contrato para a construção de uma estação de metrô — o motivo da solenidade — não seria assinado. Tarcísio ironizou: “Almoçando com a tranquilidade de quem sabe que o contrato já está assinado”. Por meio de sua assessoria, o governador informou que as ausências se devem a outros compromissos previamente agendados.

Apesar dos percalços, interlocutores do presidente afirmam que ele pretende continuar sua agenda de inaugurações, independentemente se são redutos de adversários políticos ou se os governadores estarão presentes. De acordo com Sidônio Palmeira, marqueteiro e conselheiro de Lula, os governadores assumem os desgastes e os danos de imagem ao não comparecerem às solenidades. “Se tem uma obra que seja do interesse do povo daquele estado e o governador simplesmente não aparece por motivos políticos, o efeito negativo para a imagem desse governador é maior não só pela indelicadeza da atitude, mas porque essa pessoa deixou de ir em algo importante por um motivo meramente ideológico.” Depois do desfile ao lado de Lula, Ratinho Junior disse a VEJA que não discute ideologia e que está focado em concretizar projetos que tragam trabalho e renda para a população do Paraná. “Participo de toda e qualquer agenda em que o interesse público esteja em jogo”, afirmou. Se o interesse público resulta em dividendos eleitorais ou constrangimentos, isso é só um detalhe. ■

CRISTOVAM BUARQUE

AOS MESTRES, COM CARINHO

E se fizermos um Enem de avaliação para os professores?

O ENEM FOI CRIADO em 1998 para avaliar o desempenho dos alunos e mostrar a qualidade do aprendizado deles em cada estado e escola. Na época, a proposta teve pouca repercussão e foi combatida pelos sindicatos de professores, contrários à avaliação. O Enem só teria aceitação pública a partir de 2004, quando passou a servir para seleção nacional de ingresso nas universidades. Repetia-se o que ocorrera em Brasília, a partir de 1996, com a adoção pela UnB do Programa de Avaliação Seriada (PAS), de modo a selecionar os estudantes por meio de provas aplicadas ao longo dos três anos do ensino médio.

A recusa ao "Enem-avaliador do ensino médio" e o fascínio pelo "Enem-chave para a universidade" mostra a preferência nacional pelo ensino superior e o descuido com a educação de base. Chega-se a aceitar promoção automática entre os anos escolares sem necessidade de avaliação do desempenho. A própria adoção do Enem com apenas uma prova em vez das três do PAS mostra o descuido com o alicerce educa-

cional. A expressão virou marca para indicar sistema de seleção: exemplo é chamar de "Enem" o recente concurso público nacional para selecionar servidores federais, mas sem preocupação em escolher nacionalmente os que desejam ingressar na carreira de professor, assegurando um preparo mínimo nacional, independentemente do município ou estado onde será contratado e exercerá sua função.

Em 2008, o Piso Nacional determinou um salário mínimo para todo o país, mas não determinou um piso nacional de conhecimento e de habilidade para o professor, que continuou a ser selecionado por critérios exclusivamente locais. Como se as crianças e os alunos fossem responsabilidade exclusiva do município ou da família. Com a exigência de um certificado nacional para os professores municipais e estaduais, os alunos de todo o país poderiam ter um padrão mínimo para a formação dos docentes. Ainda não seria a carreira nacional do magistério que a educação de base precisa, mas se-

"O governo federal tem a tecnologia para realizar a certificação nacional. Basta querer fazer"

ria passo necessário na busca de qualificação e equidade no Brasil, não importando o endereço do aluno.

Em 2003, no primeiro governo Lula, o MEC deu início a essa ideia com a criação do Sistema Nacional de Formação Continuada e Certificação de Professor a cada cinco anos. Apesar da forte resistência do movimento sindical dos professores e demais trabalhadores em educação, o programa foi aprovado em diversas instâncias, até porque os professores aprovados receberiam uma complementação salarial a ser paga pelo governo federal. Em dezembro de 2003, o sistema estava pronto para ser implantado, mas em janeiro do ano seguinte o ministro foi substituído e a proposta foi engavetada.

Vinte anos depois, ainda é tempo de os auxiliares do presidente Lula sugerirem a adoção da Certificação Nacional do Professores, tanto quanto retomou a Poupança Escola, também executada localmente, desde 1996, no Distrito Federal e proposta para todo o Brasil pelo ministro de 2003, mas só agora retomada com o nome Pé-de-Meia. O concurso para dar a certificação nacional do professor, um Enprof, nos moldes do "Enem" dos Concursos, daria um piso nacional de qualificação para os docentes municipais ou estaduais. O governo federal tem a tecnologia para realizar essa certificação nacional. Basta querer fazer, simples assim. ■

TROPA DE ELITE

Ministros de Lula vão às ruas para reforçar candidaturas em regiões estratégicas para o PT nas eleições municipais, com o objetivo de pavimentar o terreno para 2026 **VALMAR HUPSEL FILHO**

INSTAGRAM @FABIONUNEZNOVO

NO PALCO Wellington Dias, o governador Rafael Fonteles e Fábio Novo, que concorre em Teresina: foco no Nordeste

JÁ NO PRIMEIRO fim de semana de campanha permitido pela legislação eleitoral, no domingo 18, o ministro-chefe de Apoio à Reconstrução do Rio Grande do Sul, Paulo Pimenta, circulou pelas ruas do centro de Porto Alegre ao lado de lideranças históricas do PT, como o ex-governador Olívio Dutra, pedindo votos para a postulante do partido à prefeitura de Porto Alegre, a deputada federal Maria do Rosário. No mesmo dia, esteve em Cachoeirinha e Esteio, municípios da região metropolitana, para reforçar candidaturas petistas. Nas três cidades, cumpriu o rito de campanha: cumprimentou eleitores, beijou crianças, tirou fotos e gravou vídeos para serem divulgados nas redes sociais. Ao discursar, afirmou que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que esteve no Rio Grande do Sul na semana passada, garantiu que todas as famílias atingidas pelas enchentes que castigaram o estado em maio vão receber o Auxílio Reconstrução de 5 100 reais pago pelo governo federal. “Chegou a hora de o time do Lula ocupar as prefeituras, as Câmaras de Vereadores, e nós vamos estar juntos”, anunciou.

O “time do Lula”, de fato, vem com fome de bola. Além de Pimenta, outros ministros da linha de frente do governo estão nas ruas para emprestar prestígio político e pedir votos a aliados nas disputas municipais. Além do Rio Grande do Sul, os principais focos são a cidade de São Paulo, o cinturão metropolitano em torno da capital paulista e o Nordeste, regiões onde o PT quer manter, ampliar ou recupe-

ADRIEL FRANCISCO/DIVULGAÇÃO

GINGA Rui Costa com Geraldo Júnior (MDB), em Salvador: dança e pedido de votos

rar a hegemonia para fortalecer o campo da esquerda nas eleições de 2026, quando haverá a escolha de governadores e Lula, ao que tudo indica, tentará um novo mandato. No início do mês, em reunião ministerial, o presidente autorizou a participação de seu gabinete em campanhas desde que fosse fora do horário de expediente, que o ministro não subisse em palanque crítico ao governo e que não haja ofensas a adversários de siglas que integram a base. Tudo bonito na teoria, resta ver na prática.

O certo é que a mobilização envolve mesmo muita gente de peso do governo. Na capital paulista, onde a eleição de Guilherme Boulos (PSOL) é considerada uma prioridade, o PT joga todas as suas fichas. Neste fim de semana, Lula deverá participar de atos de rua com Boulos e sua candidata a vice, Marta Suplicy (PT). Também é esperada a participação de ministros importantes como os comandantes da área econômica, Fernando Haddad (ex-prefeito da cidade), e da área política, Alexandre Padilha. A ministra Marina Silva (Meio Ambiente) é outra que tem se envolvido na campanha de Boulos, cujo partido, o PSOL, forma federação com a Rede, sigla da ministra. Haddad, Marina e Padilha estiveram na convenção que referendou o nome de Boulos, no fim de julho. Padilha também tem feito incursões por cidades do interior do estado, como Araraquara, onde o atual prefeito, Edinho Silva, favorito a comandar o PT a partir de 2025, tenta emplacar uma aliada no cargo.

Outro que tem feito giros eleitorais por São Paulo é o ministro Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário), mas ele tem uma missão especial: ajudar a retomar o comando de São Bernardo do Campo, onde Lula morou e foi seu berço político e do PT. O candidato a prefeito na maior cidade do ABC é Luiz Fernando Teixeira, irmão do ministro. Há a expectativa de que Luiz Marinho (Trabalho), ex-prefeito de São Bernardo do Campo, tire licença do cargo em setembro para se dedicar à campanha. Um dos

O GABINETE DE LULA NO PALANQUE

Quatro prioridades da esquerda governista
nas eleições de 2024

★

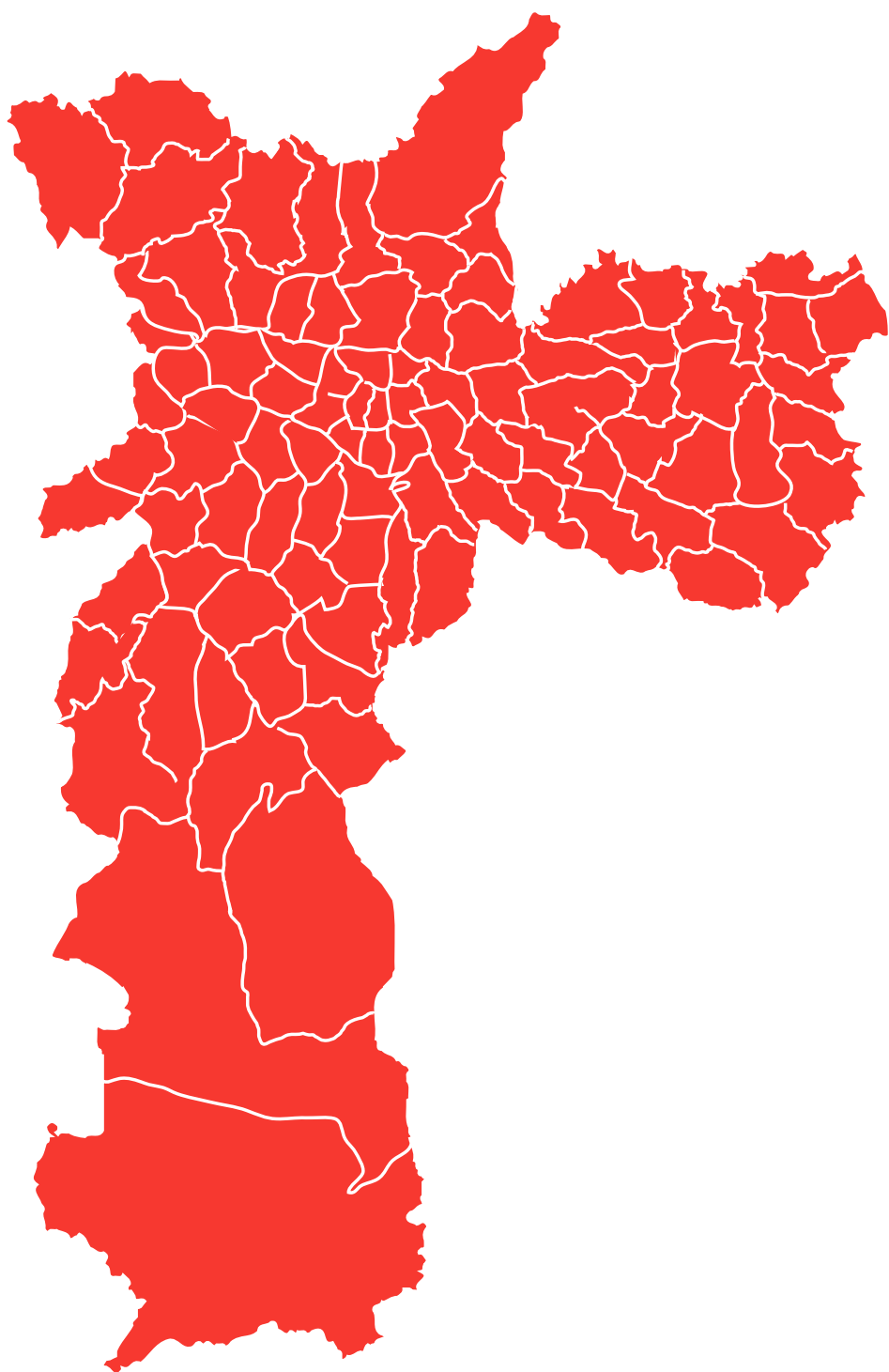
NORDESTE

A esquerda tenta manter a hegemonia na região, que tem 27% do eleitorado do país e foi decisiva na disputa presidencial de 2022. Apesar de dominar há anos os governos estaduais, o PT não tem prefeito em capitais. Ex-governadores que deixaram o cargo com altas taxas de aprovação estão na campanha, como Wellington Dias (Piauí), Rui Costa (Bahia) e Camilo Santana (Ceará)

★

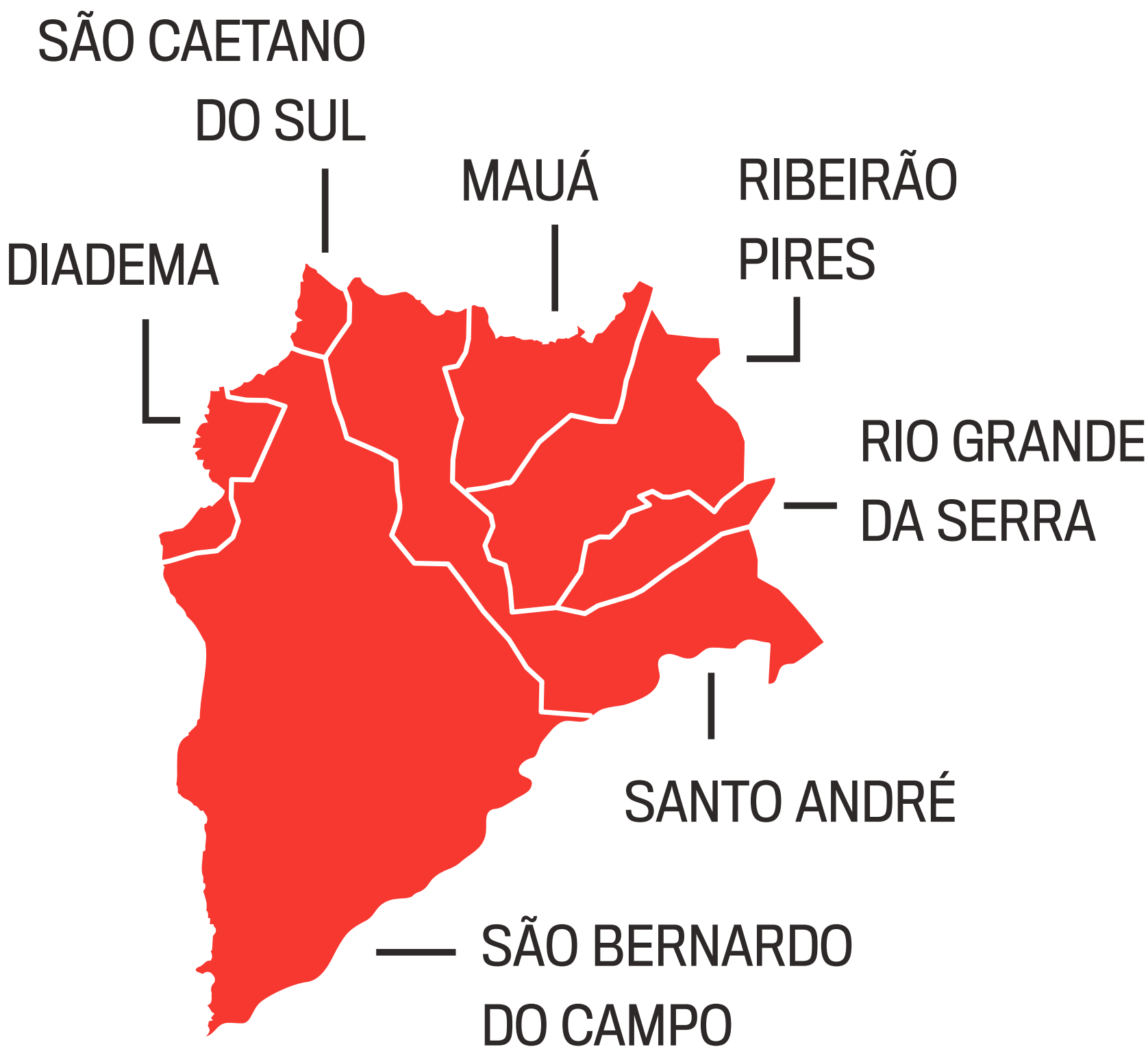
SÃO PAULO

Com a candidatura de Guilherme Boulos (PSOL) e a ex-prefeita Marta Suplicy (PT) como vice, a esquerda tenta retomar o comando da maior cidade do país, que já governou em três oportunidades. A campanha terá forte envolvimento dos ministros comandantes das áreas econômica (Fernando Haddad) e política (Alexandre Padilha)

★

GRANDE ABC

Considerada questão de honra por Lula, a reconquista do "cinturão vermelho", nome dado à hegemonia esquerdista no entorno da capital paulista nos anos 2000, terá o envolvimento dos ministros Luiz Marinho (ex-prefeito de São Bernardo do Campo) e Paulo Teixeira (irmão de Luiz Fernando Teixeira, candidato na cidade que foi berço político de Lula e do PT)

SÃO CAETANO DO SUL
DIADEMA
MAUÁ
RIBEIRÃO PIRES
RIO GRANDE DA SERRA
SANTO ANDRÉ
SÃO BERNARDO DO CAMPO

★

RIO GRANDE DO SUL

A perspectiva de retomar a hegemonia no estado, que já foi governado duas vezes pelo PT, foi aberta com a tragédia climática que atingiu a região. O ministro gaúcho Paulo Pimenta (Ministério de Apoio à Reconstrução do RS) tornou-se peça importante na articulação das campanhas gaúchas, em especial de Maria do Rosário em Porto Alegre

RS

objetivos é recuperar o "cinturão vermelho", nome dado à hegemonia petista no entorno da capital, que envolvia o comando de grandes cidades do ABC, além de Guarulhos e Osasco.

Embora São Paulo seja a "joia da coroa" das eleições municipais, o alvo mais estratégico para o PT no longo prazo é o Nordeste, onde está concentrado pouco mais de um quarto do eleitorado brasileiro e que foi decisivo na eleição presidencial de 2022. Embora a esquerda seja hegemônica há anos na região, não controla hoje nenhuma capital. Lula mandou a campo uma equipe de forte recall eleitoral, formada por ministros que foram governadores e terminaram seus mandatos em 2022 com altas taxas de aprovação. No Ceará, Camilo Santana (Educação) participou, no primeiro fim de semana de campanha, de caminhada no centro de Fortaleza, maior cidade do Nordeste, ao lado do candidato Evandro Leitão (PT). O ministro foi a atos de campanha também em Sobral, berço político dos irmãos Cid e Ciro Gomes, para apoiar a ex-governadora e ex-secretária-executiva do MEC, Izolda Cela (PSB), que tenta a prefeitura. No Piauí, Wellington Dias (Desenvolvimento Social) esteve na convenção do postulante à prefeitura de Teresina, Fábio Novo (PT), e gravou mais de 130 vídeos de apoio a candidatos. Um dos homens fortes do governo, o ministro Rui Costa (Casa Civil) hesitou, mas entrou na campanha de Geraldo Júnior (MDB), em Salvador. Mesmo após dizer que não poderia estar presente, apare-

LEANDRO PAIVA

PRIORIDADE Haddad e Marina com Boulos: ao lado de Lula, ministros irão às ruas para a disputa da maior cidade do país

ceu de surpresa na convenção, dançou e discursou pedindo votos ao aliado.

A tragédia climática que devastou o Rio Grande do Sul entre abril e maio deste ano também colocou uma prioridade no mapa eleitoral do PT. O partido e Lula viram na intervenção federal necessária para ajudar a reconstruir centenas de cidades uma possibilidade de fortalecer a posição do governo e, por extensão, de seus aliados em uma região histórica para o PT. A decisão de colocar Paulo Pimenta como ministro especial da reconstrução fez do deputado gaúcho um articulador essencial da eleição — ele

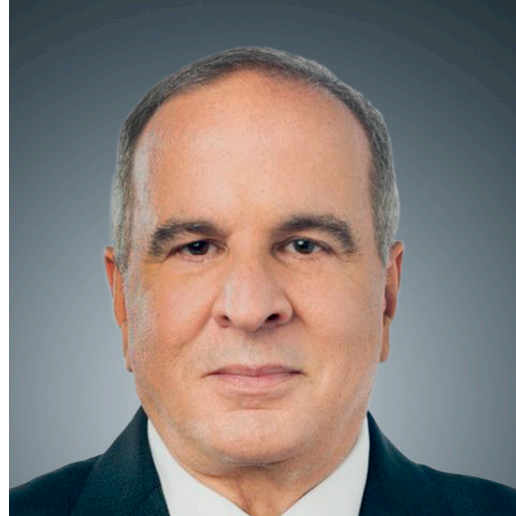
deve ganhar musculatura para tentar o governo do estado que o PT já governou duas vezes, com Olívio Dutra e Tarso Genro. A campanha de Maria do Rosário na capital gaúcha — que o petismo administrou por quatro mandatos seguidos entre 1989 e 2004 — usa slogan semelhante ao do governo federal ("Fé, União e Reconstrução").

As armas nas mãos da tropa de elite de Lula são velhas conhecidas: recursos públicos para obras, linhas de crédito com juros baixos e programas sociais. Na semana passada, ao lado de Pimenta, Lula fez a quinta visita ao estado desde a tragédia: entregou moradias do Minha Casa, Minha Vida, obras viárias e unidades de saúde. Em São Leopoldo, prometeu que o esforço era só o começo. "Vou voltar aqui para inaugurar mais coisas", anunciou o presidente *(leia mais na reportagem "Em território inimigo").* Pimenta lembrou que 44 000 moradores (a cidade tem 217 000) receberam auxílio de 5 100 reais do governo. "Foi a mão do presidente Lula que esteve estendida ao povo gaúcho desde o início da enchente", disse, ecoando uma pregação que tem levado aos municípios gaúchos.

A participação de ministros em campanhas tem um efeito importante, que é mostrar prestígio político do candidato local. "Simbolicamente, é quase uma indicação da presença do próprio presidente Lula. Isso, para os candidatos, significa boas relações com o governo federal e poder", afirma o cientista político Rodrigo Prando, da Universidade Mackenzie. A principal motivação para o envol-

LUCAS LEFFA/INSTAGRAM @PIMENTA13BR

JANELA ABERTA Paulo Pimenta: tragédia mudou perspectiva eleitoral

vimento do gabinete de Lula nas eleições municipais é preparar terreno para construir uma base mais sólida no Congresso na eleição de 2026. Prefeitos e vereadores são importantes cabos eleitorais de candidatos ao Legislativo, onde o governo petista enfrenta dificuldades de todo o tipo. O exército de ministros nas ruas, portanto, visa de imediato conquistar territórios, mas o grande objetivo é preparar o campo para a dura batalha que virá. ■

MURILLO DE ARAGÃO

CONGRESSO GANHA A BATALHA

Acordo selado em reunião no STF institucionaliza as "emendas Pix"

EM REUNIÃO promovida pelo presidente do STF, ministro Luís Roberto Barroso, com representantes do Poder Executivo e dos dois presidentes do Legislativo, selou-se um acordo sobre as chamadas "emendas Pix", definidas de forma imprecisa como repasses sem a devida transparência, que podem favorecer o mau uso e a corrupção.

As interpretações subsequentes ao evento variam entre apontar vencedores e vencidos. Na minha opinião, o grande vitorioso da disputa foi o Legislativo, pois, no final das contas, as "emendas Pix" foram institucionalizadas tanto pelo Executivo quanto pelo Judiciário. Ou seja, não restam mais dúvidas sobre a legalidade delas. O Executivo também obteve uma vitória ao estabelecer critérios para a divisão das verbas discricionárias que restam no Orçamento da União. De certa forma, ficou definido que 20% desses recursos caberão ao Legislativo, enquanto 80% permanecerão sob o controle do Executivo, o que representa uma solução razoável para ambas as partes.

Essa disputa, no entanto, tem raízes mais profundas do que a simples administração do Orçamento. A batalha pelo controle dos recursos discricionários reflete a preparação para a eleição geral de 2026. À medida que o Executivo perde poder sobre essas verbas, sua capacidade de cooptar aliados diminui drasticamente. Apesar disso, o governo conseguiu direcionar mais de 1,4 bilhão de reais para prefeituras aliadas nas últimas semanas, demonstrando que, mesmo com limitações, ainda exerce influência significativa. Com uma média de 70 milhões de reais por parlamentar, a tendência é que a renovação na Câmara seja baixa e que o perfil de sua composição permaneça semelhante ao atual. Dessa forma, é improvável que as esquerdas consigam um crescimento expressivo nas eleições legislativas. Isso sugere que as dificuldades no relacionamento entre o governo e a Câmara dos Deputados devem persistir, assim como no Senado, que provavelmente terá uma composição majoritariamente de centro e direita, consi-

“A disputa pela execução do Orçamento continuará a ser fonte de tensão entre os poderes”

derando as tendências eleitorais previstas para as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

A opinião pública interpreta essa disputa sobre as emendas como tendo implicações eleitorais, tratando-a, de modo geral, como uma usurpação do poder do Executivo sobre o Orçamento. No entanto, essa visão é simplista e ignora a complexidade do processo. Na realidade, o Congresso, ao aprovar o Orçamento, tem o direito de alterar a destinação de verbas, mesmo em um sistema presidencialista.

No final, o Legislativo saiu vencedor na queda de braço com o Executivo, e o Judiciário conseguiu proteger sua agenda de um prejuízo sério no Congresso. Contudo, o acordo mais se assemelha a uma trégua do que a um tratado definitivo. A disputa pelas verbas e pela execução orçamentária continuará a ser uma fonte de tensão entre os poderes. A transparência preconizada pelo acerto é um avanço bem-vindo, mas é importante reconhecer que o Congresso tem o poder de aprovar e alterar o Orçamento, influenciando diretamente a alocação dos recursos. Essa dinâmica reflete a complexa interação entre os poderes no Brasil, onde cada um busca maximizar sua influência e garantir sobrevivência política em um ambiente de constante negociação e competição. ■

DISPUTA CASEIRA

Presidente do maior partido do país, Valdemar Costa Neto concilia as ambições eleitorais da direita com a tentativa de vencer em seu berço político em São Paulo

LAÍSA DALL'AGNOL

DIVULGAÇÃO/PERFIL BRASIL

FRENTE Valdemar e Kassab com Mara Bertaiolli: seis partidos na chapa

UM DOS MAIS poderosos caciques políticos do país, chefe do maior partido no Congresso (o PL), dono do mais polpudo cofre na atual campanha eleitoral (mais de 1 bilhão de reais) e organizador dos principais planos da direita para 2024 e 2026, Valdemar Costa Neto tem encontrado tempo e dispensado esforços em um plano paroquial: conquistar a prefeitura de Mogi das Cruzes, cidade da Grande São Paulo com pouco mais de 450 000 habitantes, seu berço eleitoral e que durante quatro mandatos foi governada pelo seu pai, Waldemar Costa Filho. Após a morte do patriarca, em 2001, o filho, que nunca tentou a prefeitura e decidiu priorizar a carreira em Brasília (foi eleito deputado seis vezes), viu a cidade cair nas mãos de outros grupos locais. Agora, resolveu reconquistar o seu reduto eleitoral.

Mesmo com uma candidata a prefeita que nunca disputou eleição, a pedagoga Mara Bertaiolli (PL), Valdemar reuniu na chapa mais cinco grandes partidos: União Brasil, PSD, MDB, PP e Republicanos. Mara é esposa de um político influente na cidade: Marco Bertaiolli, ex-deputado, ex-prefeito (2009 a 2016) e agora conselheiro do Tribunal de Contas do Estado indicado pelo governador Tarcísio de Freitas. Pesquisa divulgada no dia 14 pelo Instituto Opinião mostra que ela tem 35,3% das intenções de voto, à frente do prefeito, Caio Cunha (Podemos), que tem 22,8%. No lançamento da chapa, no domingo 18, estavam presentes Gilberto Kassab, presidente nacional do

BERÇO POLÍTICO

Mogi das Cruzes é reduto eleitoral de Waldemar e Valdemar

FUNDAÇÃO DA CIDADE

1611

POPULAÇÃO*

451 505 habitantes

(11ª maior concentração de habitantes de São Paulo)

RENDA PER CAPITA*

43 031 reais

(200ª entre as 645 cidades do estado)

ESCOLARIDADE DE
6 A 14 ANOS DE IDADE*

97,7%

(410º entre os 645 municípios paulistas)

A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE PAI E FILHO

WALDEMAR COSTA FILHO

Prefeito de Mogi das Cruzes por quatro mandatos (1969-72, 1977-82, 1989-92 e 1997-2000)

VALDEMAR COSTA NETO

Deputado federal por seis mandatos, entre 1991 e 2013

Fonte: *IBGE

PSD, e Antonio Brito, deputado do PSD-BA, um dos cotados para comandar a Câmara a partir de 2025.

Os caciques nacionais não escondem a prioridade dada à cidade. Kassab, que emplacou Téo Cusatis (PSD)como vice, se vangloria. “Nenhuma cidade terá o apoio, a unidade e a aliança que Mara e Téo construíram”, disse. “Somos o maior partido do país, temos a maior bancada da Câmara, quem não ia querer fazer aliança conosco? Antonio Rueda, Baleia Rossi *(presidentes do União Brasil e MDB, respectivamente),* todos quiseram compor, até porque isso envolve parcerias em outras cidades”, afirma Valdemar. Cacique de partido bilionário, ele não diz quanto pretende investir na candidatura, mas o limite de gastos previsto para o primeiro turno é de 2 milhões de reais.

O enclave político de Waldemar e Valdemar começou a ser construído em 1940. Foi nessa época que o pai chegou à cidade para trabalhar em uma empresa de mineração. Por lá, fez fama e fortuna ao tornar-se um influente empresário do setor de transportes. Em 1958, entrou para a conservadora UDN e migrou, em 1966, para a Arena, sigla que sustentava a ditadura militar. Foi pela legenda que levou a prefeitura pela primeira vez, em 1968. Já Valdemar era conhecido como “Boy” na juventude, em parte pelo estilo de vida boêmio. O cacique do PL mora até hoje em Mogi das Cruzes — sua maior ausência foi para passar onze meses no presídio da Papuda, no DF, entre 2013 e 2014, após ser condenado no mensalão. Ele volta-

LEGADO Pai e filho: trajetória da família vai da ditadura ao bolsonarismo

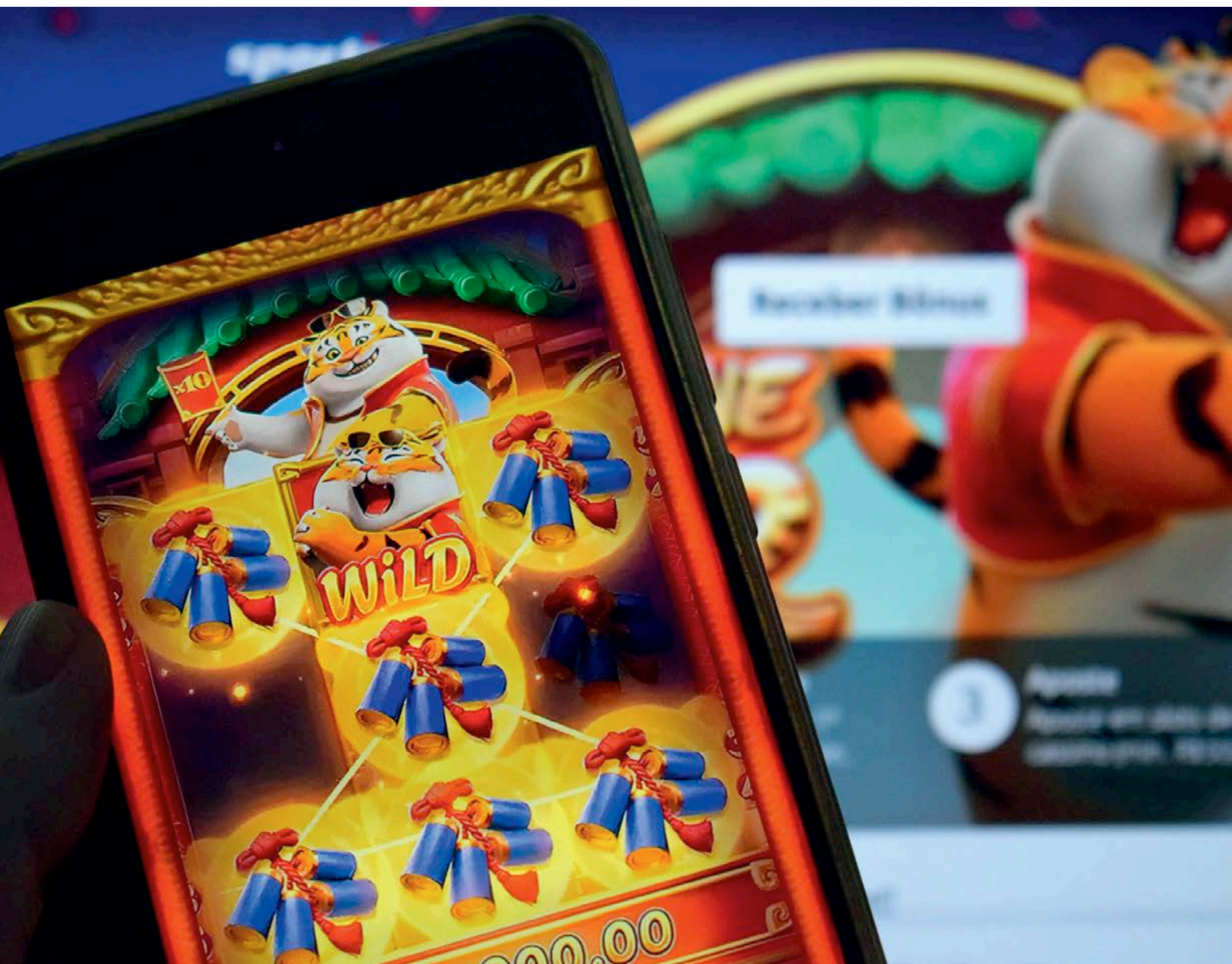
ria a ser preso em fevereiro deste ano, por porte ilegal de arma, em investigação sobre a tentativa de golpe em 2023. Uma das dificuldades na eleição será superar a rejeição do eleitor ao "Boy" após o envolvimento em tantos episódios polêmicos — até por isso, ele descarta participar de corpo a corpo nas ruas.

A guerra pelo controle da cidade vem sendo travada há tempos. Em março, o prefeito estava de malas prontas para o PP, uma sigla maior, mas teve a ideia barrada pela movimentação de Valdemar nos bastidores. Ficou no Podemos, fez aliança com siglas médias como PSB e PSDB

e, na convenção, mandou recado ao cacique do PL. “Nossos adversários acreditam na força do dinheiro para ganhar a eleição, mas nós vamos mostrar para eles como se ganha: sola de sapato e amor pela cidade”, afirmou.

O interesse pelo seu reduto não é uma exclusividade de Valdemar. Outros caciques tentam conciliar planos nacionais com objetivos mais paroquiais. Um exemplo é Lula, que decidiu fazer de tudo para, com Luiz Fernando Teixeira (PT), reconquistar São Bernardo do Campo, no ABC paulista, onde morou e iniciou a sua carreira política. Outro é Arthur Lira (PP-AL), o todo-poderoso presidente da Câmara, empenhado em reeleger o pai, Benedito de Lira, na pequena cidade de Barra de São Miguel, polo turístico no litoral de Alagoas. Na política, ao que parece, ter muito poder no plano nacional é bom, claro, mas ser consagrado em casa também tem seu valor. ■

DEU ZEBRA

Crescimento vertiginoso das bets, que já afeta o mercado de varejo no país, preocupa a iniciativa privada e o poder público. Detalhe: a jogatina deve aumentar ainda mais **ISABELLA ALONSO PANHO**

ILEGAL O perigoso "Jogo do Tigrinho": mesmo proibido, é um dos mais populares nos celulares

DANIEL CYMBALISTA/FOTOARENA

A POSSIBILIDADE de receber ganhos estratosféricos por meio de jogos simples que estão ao alcance de um clique no celular já transformou milhões de brasileiros em adeptos das apostas on-line, as populares bets. Legalizado de forma precária desde 2018, esse novo mercado alcançou rapidamente um patamar tão expressivo que já causa preocupação tanto na iniciativa privada quanto no poder público. Levantamento da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC), de junho, mostra que mais de um terço (38%) dos brasileiros já se arrisca nessa prática e 63% comprometem o seu orçamento por conta do novo hábito *(veja o quadro ao lado)*. A rápida expansão e suas consequências negativas assustam porque o fenômeno, ao que parece, ainda está longe do seu ápice.

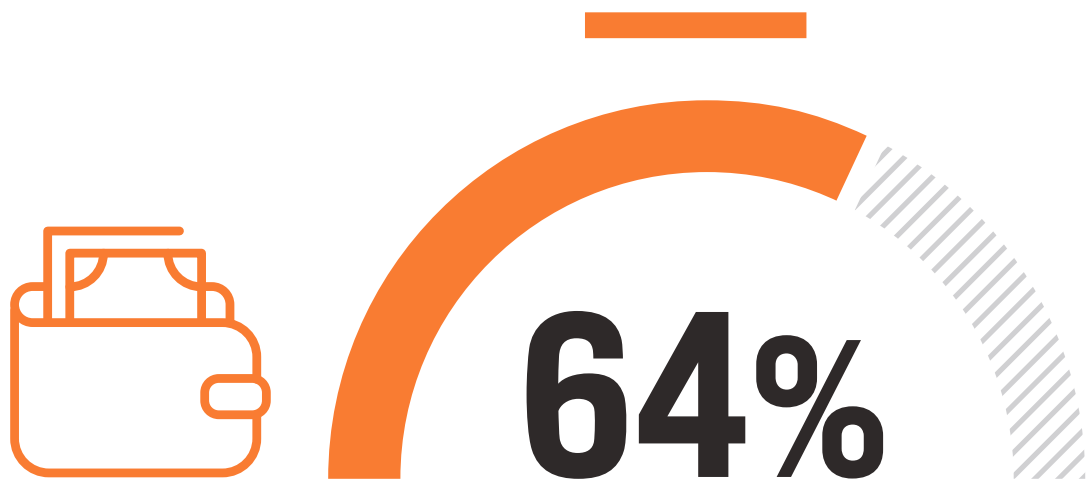
Um exemplo da efervescência do setor pôde ser visto na terça-feira 20, quando terminou o prazo do governo para que empresas manifestassem interesse em explorar o jogo de forma regulamentada no Brasil a partir de janeiro de 2025. Nada menos que 113 companhias, incluindo a Caixa Econômica Federal, fizeram pedidos de outorga. Cada uma terá de pagar 30 milhões de reais ao governo pela licença, o que significa mais de 3 bilhões de reais aos cofres da União. A permissão para jogos de cota fixa no Brasil — aqueles em que o apostador sabe quanto vai ganhar se acertar — foi dada em 2018 pelo presidente Michel Temer, mas a lei precisava de regulamentação, o que só ocorreu com Lula, no final de 2023. Até hoje, as bets que atraem

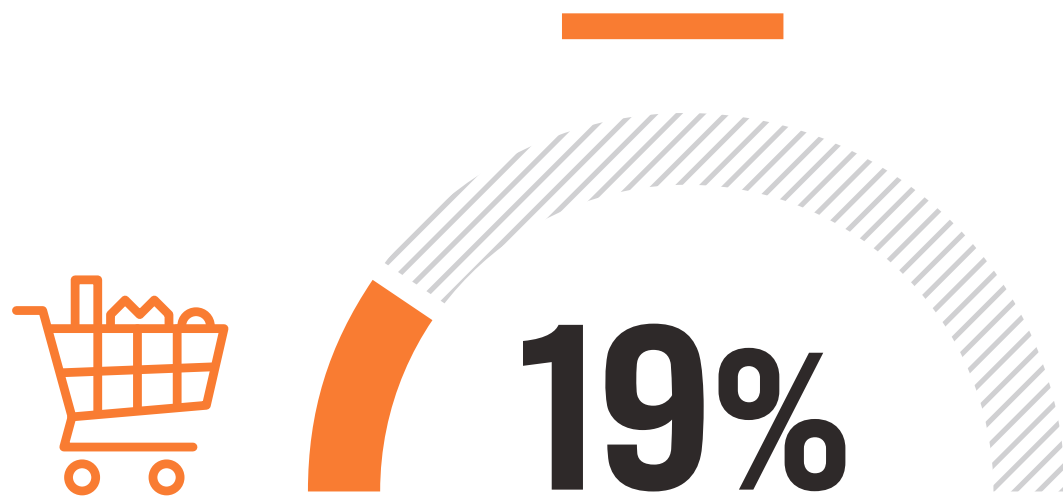
JOGO ARRISCADO

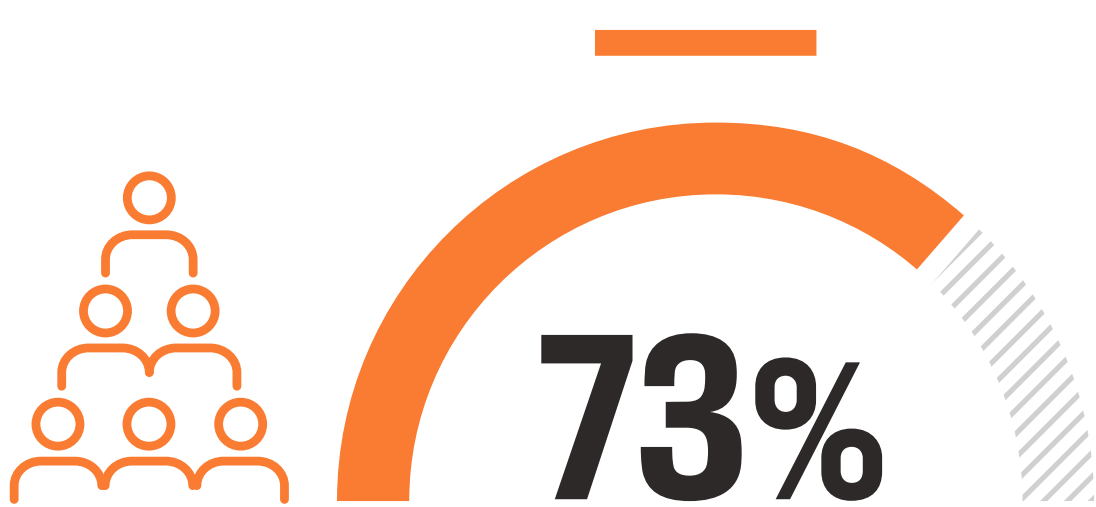
Legalizadas em 2018, apostas já ameaçam o orçamento do brasileiro

63%

DOS ADEPTOS JÁ COMPROMETERAM A SUA RENDA POR CAUSA DAS BETS

64%

USAM DINHEIRO DA SUA PRINCIPAL RENDA PARA A PRÁTICA

19%

JÁ DEIXARAM DE FAZER MERCADO PARA FAZER APOSTAS

73%

PERTENCEM ÀS CLASSES C, D, E

Fonte: *Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (junho de 2024)*

brasileiros — e inclusive investem pesado em propaganda na TV e apoio a grandes clubes de futebol — têm sede fora do país, não pagam impostos e não cumprem exigências mínimas de responsabilidade com o usuário. Algumas modalidades, inclusive, são ilegais, como o popular “Jogo do Tigrinho”, que mesmo assim aparece com frequência assustadora nos celulares dos brasileiros.

Diante do sucesso inegável das bets, o governo caminha na linha tênue entre permitir a expansão da atividade e estabelecer limites a ela. A nova regulamentação vai exigir que o apostador informe sua renda mensal, para que, a partir disso, seja fixado um comprometimento máximo com jogos. Também haverá um mecanismo de controle de tempo do usuário no aplicativo. Em outra frente, os ministérios da Fazenda e da Saúde estão criando um grupo de trabalho conjunto para propor medidas que reduzam os efeitos colaterais do envolvimento com bets, em especial o desenvolvimento de dependência mental em relação à prática. “O limite para a doença é a perda do controle”, diz o médico Rodrigo Machado, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP. O protocolo de tratamento para uma pessoa viciada em jogos de azar é semelhante ao de um dependente químico: exige a intervenção multidisciplinar de equipes da psicologia e psiquiatria, frequentar grupos de apoio e, às vezes, fazer uso de medicação controlada. Um ponto a ser discutido é a absoluta falta de estrutura da rede pública para lidar com o novo problema.

TON MOLINA/FOTOARENA

PREGAÇÃO Malafaia e o senador Magno Malta: ofensiva contra projeto

Mais sensível à pressão de grupos organizados, o Congresso ensaia forte resistência à tentativa de uma expansão ainda maior da jogatina. O principal alvo é o PL 2234/2022, que libera cassinos, bingos, corridas de cavalos e outros jogos de azar. O tamanho da oposição ficou claro na votação na Comissão de Constituição e Justiça do Senado, em junho, onde a proposta foi aprovada por 14 votos a 12. A reação mais enérgica vem da bancada evangélica, incentivada por líderes religiosos como o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus, que esteve na votação da CCJ para pressionar os parlamentares. "Qual é a cadeia produtiva do jogo? O jogo legal não vai inibir o ilegal. Vão usar para lavar dinheiro", questiona Malafaia. A resistência, no entanto, vai além da bancada da fé. "Não sou puritano nem religioso, mas quem joga vai perder, e muito, até ganhar", diz Plínio Valério (PSDB-AM),

que votou “não” na CCJ. O diagnóstico do senador encontra respaldo nos dados. Economistas do Itaú divulgaram um estudo, no último dia 13, mostrando que os brasileiros já gastaram 24 bilhões de reais com esse tipo de aposta, mas receberam em prêmios apenas 200 milhões de reais.

O impacto das bets no mercado é avassalador. A estimativa do setor de consumo é de que as apostas movimentem 130 bilhões de reais por ano, o que dá 5% de tudo o que circula no varejo brasileiro. O percentual já equivale ao de setores importantes, como os de materiais de construção, lojas de departamentos e *food service*. “Esse segmento das bets ainda não cresceu tudo o que pode crescer. E tem nos assustado pelo volume”, afirma Eduardo Terra, presidente da SBVC.

O Brasil tem uma relação de amor e ódio com as apostas. Nos anos 1930 e 1940, o país viveu a era de ouro dos cassinos. Estima-se que, do Rio de Janeiro, capital nacional, a estâncias turísticas no interior, havia mais de setenta em operação. Tudo acabou em 1946, quando o presidente Eurico Gaspar Dutra, influenciado pela primeira-dama, Dona Santinha, fervorosa católica, proibiu os jogos de azar. Desde então, as apostas ilegais só avançaram, como o jogo do bicho, tão popular que deu origem à expressão “deu zebra”. Agora, o setor ganha novo impulso, e a legião de milhões de adeptos que arrastou em pouco tempo mostra que a expansão está longe do fim. A regulamentação e a contenção dos excessos, mesmo que tardias, virão em boa hora. Essa, sim, é a melhor aposta. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

Desconforto

Pessoas que estiveram com o empresário **Nelson Tanure** nos últimos dias dizem que ele está desconfortável com uma investigação que envolve um de seus parceiros de negócios. Tanure conversa com a Eletrobras para comprar uma fatia da Empresa Metropolitana de Águas e Energia, de São Paulo, uma transação de 700 milhões de reais.

A razão

O sentimento acontece porque Ivan Monteiro, presidente da Eletrobras, é acusado pela Comissão de Valores Mobiliários por uma suposta fraude contábil enquanto conselheiro da resseguradora IRB. "Desagradável", diz uma fonte que acompanha o caso. Levando em consideração o histórico de brigas do próprio Tanure, talvez seja muito barulho por nada.

LEO PINHEIRO/VALOR/AGÊNCIA O GLOBO

NÃO GOSTEI Nelson Tanure: sinais de insatisfação com um parceiro de negócio

Cobaias

O grupo farmacêutico suíço Novartis vai ampliar os investimentos em pesquisa

clínica no Brasil, hoje em cerca de 90 milhões de reais. A decisão foi tomada após o presidente Lula sancionar nos últimos dias o arcabouço regulatório para a condução de pesquisas em seres humanos.

Copo meio cheio

A Novartis, que fatura 1,1 bilhão de dólares ao ano por aqui, quer dobrar a receita nos próximos anos. “O Brasil é incerto, mas, comparado ao resto do mundo, não é mais tanto assim. Vejo muitas oportunidades no país”, diz Sylvester Feddes, executivo holandês que assumiu a presidência da Novartis Brasil recentemente.

Com todo o gás

O fundo canadense Brookfield aguarda a aprovação da Agência Nacional do Petróleo para investir 1 bilhão de dólares na construção de uma estação de compressão de gás natural no Rio de Janeiro. O investimento será feito pela NPS, empresa do grupo. A obra deve ficar pronta em três anos.

Mais energia

Não é só a Brookfield que tem investimentos engatilhados na área de infraestrutura de gás. A TAG, da Engie, e a TBG, com capital da Petrobras, também preveem gastos na casa do bilhão de dólares em Santa Catarina e na Bahia. Estima-se que, nos próximos dez anos, o setor desembolsará 30 bilhões de reais em obras no Brasil.

Tirando do gelo

O fundo de investimentos americano Arlon busca

comprador para a Grano Alimentos, empresa brasileira de vegetais congelados que fatura 350 milhões de reais por ano. Há duas negociações em andamento.

Prazo de validade

A venda é necessária porque o prazo de investimento do fundo venceu — a Grano é controlada pelos americanos há quase dez anos. A transação não deverá sair por menos de 400 milhões de reais.

Troca de roupa

O 2bCapital, fundo de private equity do Bradesco, quer vender a sua participação no comércio de roupas masculinas Aramis, um investimento que possui desde 2014. A rede de lojas mira 1 bilhão de reais de faturamento até 2026 — e uma eventual abertura de capital.

Entrega rápida

A Amazon está ampliando os gastos com logística. Após atingir a marca de 100 centros de distribuição e estações de entrega de mercadorias espalhadas pelo Brasil, a empresa vai lançar agora o "Hub Amazon". Qualquer lojista cadastrado poderá estocar e entregar produtos da empresa americana. ■

PARÁ REGISTRA O MAIOR AVANÇO EM EDUCAÇÃO DO PAÍS

Políticas públicas estruturadas pelo Estado contribuíram para a melhoria da qualidade da educação

Estado bate recorde nacional e salta 20 posições na educação pública estadual

O Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) anunciaram, na última semana, o mais recente Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

O principal indicador da qualidade da educação no Brasil trouxe dados importantes para alguns estados, como é o caso do Pará, que teve uma conquista histórica, avançando da 26ª posição para a 6ª colocação no ranking nacional.

O marco, como conta o governador do estado, Helder Barbalho, é fruto do trabalho em conjunto entre poder público, comunidade escolar e sociedade civil. "Todos têm participação direta e indireta nesse avanço. Esse não é um resultado de uma escola, é o resultado da soma de todas as escolas", diz.

Na atualização, o estado alcançou um percentual de 4,3 no IDEB – um salto de 1,3 pontos desde 2021, o maior aumento registrado na história do índice para o Ensino Médio. O resultado, para Barbalho, precisa ser celebrado, mas sem perder o foco das melhorias. "Devemos ter a capacidade de entender onde mais é preciso investir e ter a certeza de que o passado jamais deve voltar".

O CAMINHO PARA O CRESCIMENTO

Para alavancar a educação pública no Pará, a Secretaria de Estado de Educação (Seduc) estabeleceu uma agenda prioritária nos 144 municípios paraenses. Os pontos principais foram os investimentos em políticas públicas, que incluem a valorização de estudantes e servidores em uma busca ativa no combate à evasão escolar, por meio de aquisição de materiais didáticos e tecnológicos, intervenções pedagógicas, inserção de componentes curriculares e ampliação de escolas de tempo integral.

De acordo com o secretário de estado de Educação, Rossieli Soares, o resultado só foi positivo porque essas ações foram assertivas. "Hoje, o Pará está mostrando para o Brasil que dá para melhorar. Até então, o maior crescimento da história era de 0,6 quase a metade do que o Pará fez dessa vez. Foi um crescimento consolidado", pontua.

O Pará também contou com investimento em Programas como o "Bora Estudar", que premia estudantes com R$ 10 mil em material de construção, e o "Escola que Transforma", com bônus de até 3,5 salários para servidores que atingiram as metas escolares estabelecidas.

O desempenho do Pará também é fruto do investimento em infraestrutura - feito desde 2019, que soma 147 escolas reconstruídas, assegurando a qualidade no ensino e adequando os ambientes às necessidades da educação – e no corpo docente, se destacando como o estado que oferece o maior salário médio do país (com remunerações de até R$ 11.447,48) para os professores da rede pública.

O PAÍS DOS PERDÕES

Num intervalo de apenas 24 horas, o Senado aprovou medidas que anistiam dívidas de estados, municípios e partidos. Para esses privilegiados, ser mau pagador é um bom negócio

DIOGO SCHELP

ACORDO Pacheco *(no centro, à esq.)* com governadores: bondades

PEDRO GONTIJO/SENADO FEDERAL

Os senadores da República voltaram do recesso parlamentar revigorados, com ânimo redobrado para conceder bondades. Não para a população, mas para gestores públicos perdulários e para as finanças partidárias — ou seja, direta ou indiretamente, serão eles próprios os beneficiários. Num intervalo de 24 horas, nos últimos dias 14 e 15, o Senado, sob a liderança de Rodrigo Pacheco, aprovou três pacotes misericordiosos: uma nova renegociação de dívidas dos estados; um parcelamento de débitos previdenciários e regras mais frouxas para o pagamento de precatórios dos municípios; e uma anistia que vai reforçar os cofres dos partidos, com parcelamentos a perder de vista de multas eleitorais e obrigações junto ao INSS. Os dois primeiros projetos, com os socorros a estados e municípios, seguiram para apreciação na Câmara dos Deputados. O terceiro, de anistia aos partidos, já aprovado pelos deputados, foi promulgado pelo Congresso na quinta-feira 22.

Enquanto empresários e trabalhadores fazem das tripas coração para cumprir a pesada carga tributária brasileira, conscientes de que a fiscalização não lhes dará trégua e que prejuízos com calotes e atrasos são líquidos e certos, governadores, prefeitos e líderes partidários têm tudo para acreditar que bom negócio, mesmo, é ser mau pagador. De tempos em tempos, conseguem extrair do Congresso perdões ou condições mais favoráveis para suas dívidas. E a conta será paga pela sociedade como um todo, portanto por aqueles empresários e trabalhadores que honram suas contas e impostos em dia e não têm poder para perdoar a si próprios.

O caso da renegociação da dívida dos estados é o exemplo máximo do ciclo de incentivos aos maus pagadores e, como consequência, a novos endividamentos. O problema pautou a discussão pública ao longo de toda a década de 1990. A solução, no governo Fernando Henrique Cardoso, foi federalizar as dívidas, refinanciar os pagamentos a longo prazo e criar regras para coibir o endividamento desenfreado dos estados — por exemplo, atribuindo ao Tesouro o poder de autorizar ou não novos

MAIS RICOS, MAIS ENDIVIDADOS

Os quatro estados com maior participação no PIB brasileiro também são os que têm as maiores dívidas, tanto em valores absolutos quanto em proporção ao que arrecadam em impostos e outras receitas

Dívidas consolidadas líquidas em bilhões de reais e em % da Receita Corrente Líquida em 2023; PIB em % do total nacional em 2021

DÍVIDA % DA RCL % DO PIB NACIONAL

*Valores negativos indicam que a disponibilidade de caixa do estado é maior do que sua dívida consolidada

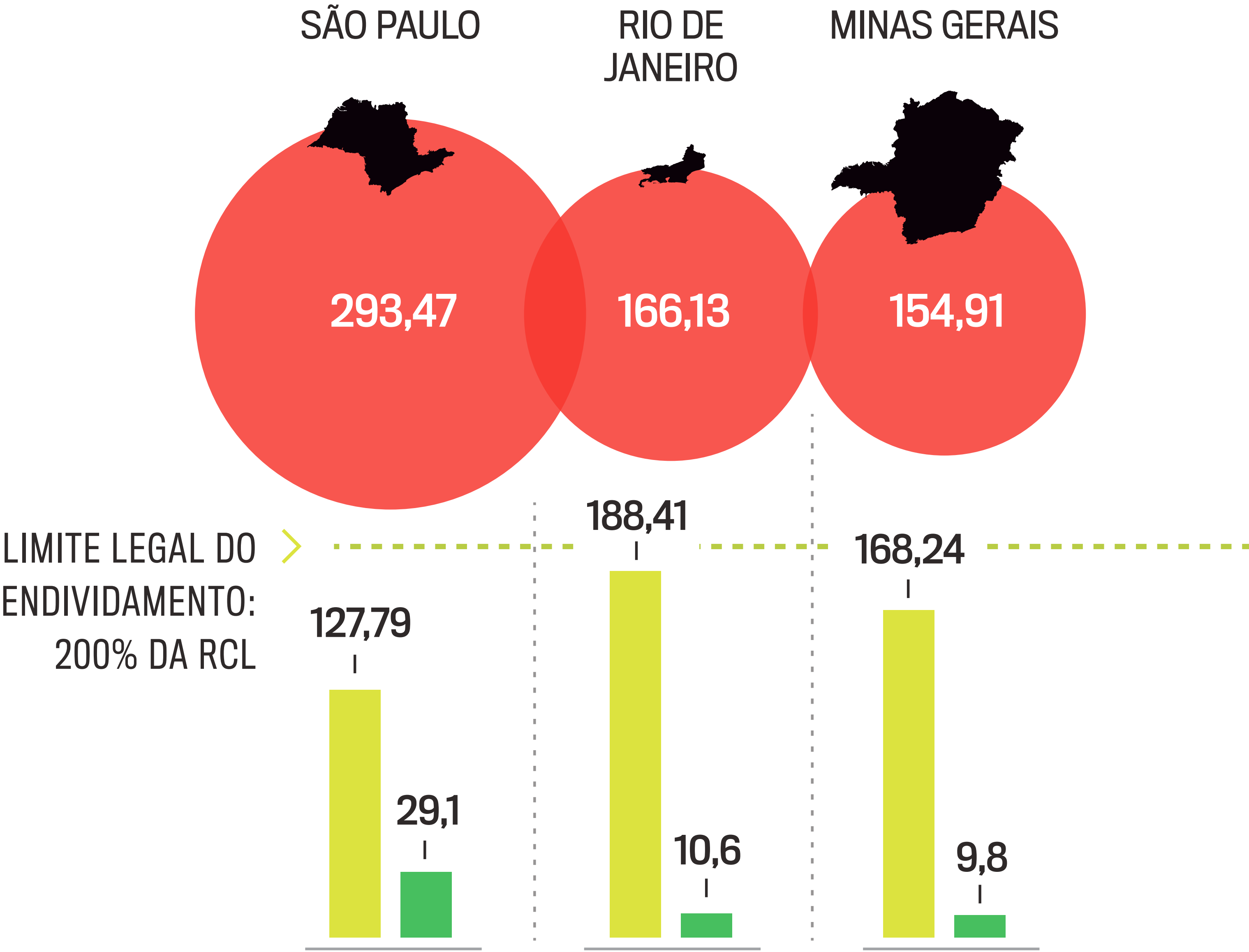
Fontes: *Tesouro Nacional e CNI*

empréstimos. Ao longo da primeira década seguinte, o modelo funcionou porque a economia e as receitas estaduais estavam em ascensão, o que permitiu aos governadores, dentro das regras, assumir gastos fixos, como a contratação de funcionários. No final do segundo mandato de Lula e início do primeiro de Dilma Rousseff, o ciclo econômico entrou em baixa e o equilíbrio das contas foi para o beleléu, em parte porque a estabilidade do funcionalismo público impedia a redução dos gastos com fo-

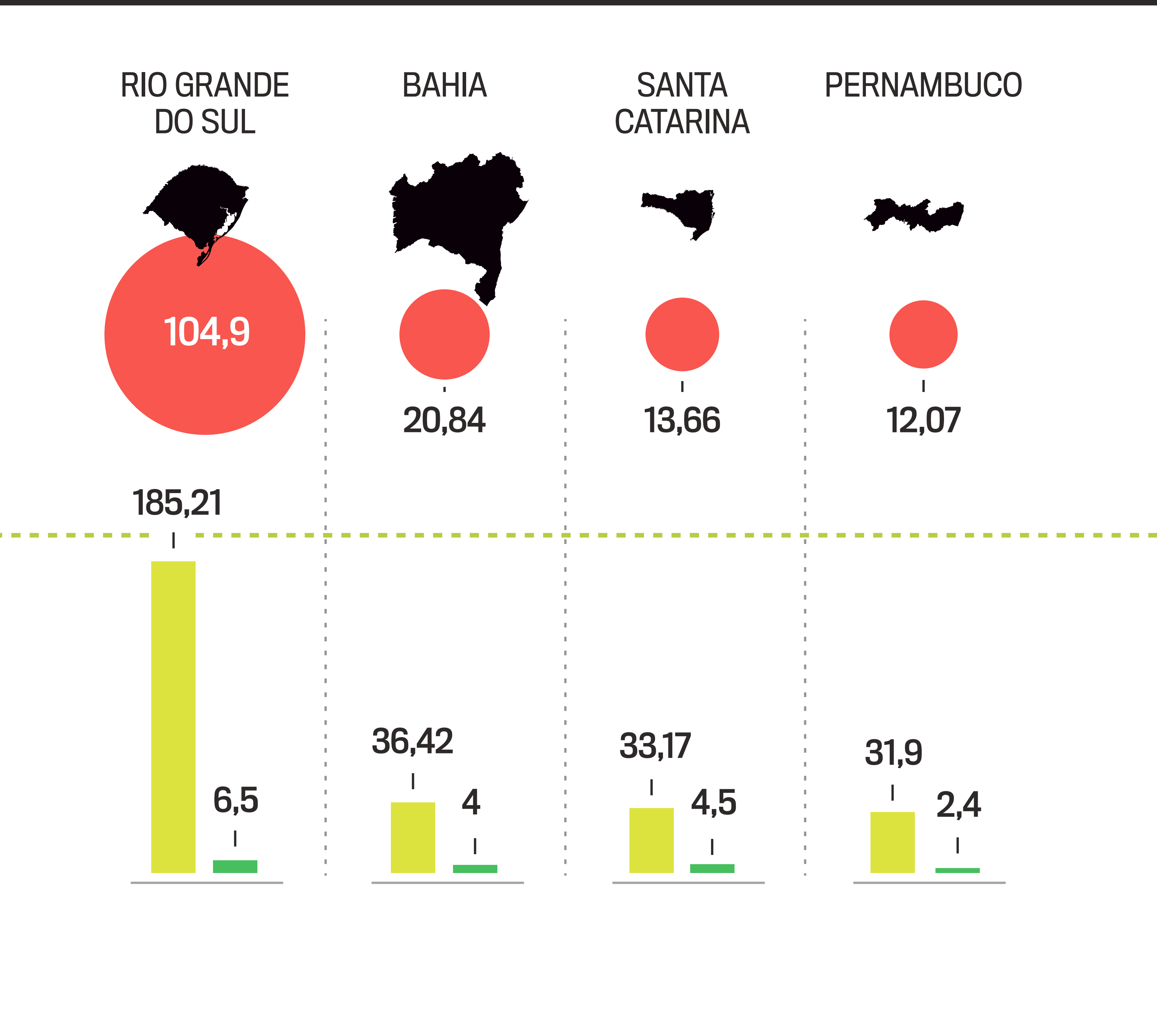
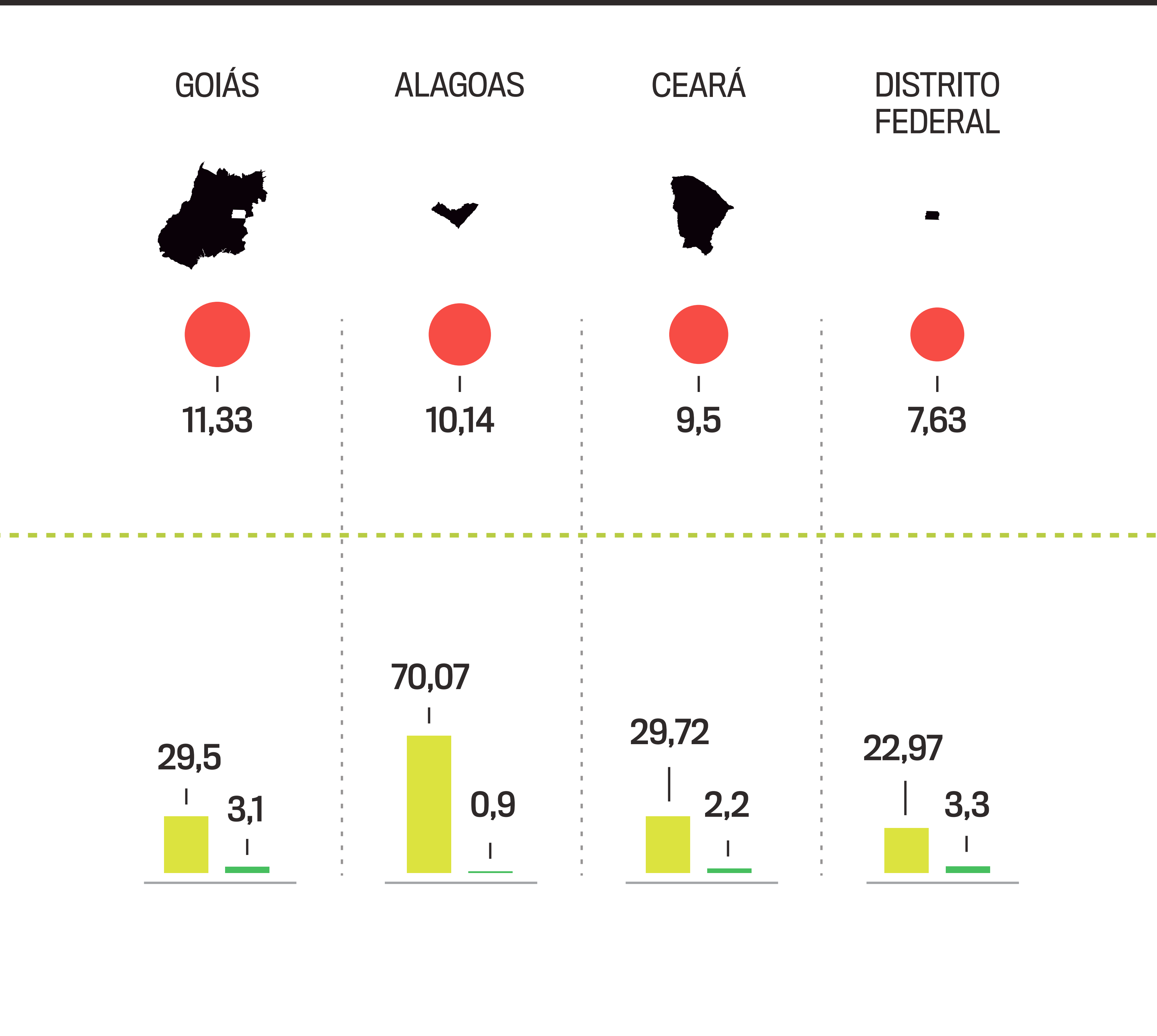
SÃO PAULO | RIO DE JANEIRO | MINAS GERAIS

293,47 | 166,13 | 154,91

LIMITE LEGAL DO ENDIVIDAMENTO: 200% DA RCL

127,79 | 29,1 | 188,41 | 10,6 | 168,24 | 9,8

lha de pagamento. Além disso, dentro da lógica “gasto é vida” daqueles governos, o Tesouro foi pressionado a dar garantias excepcionais a estados que não estavam em condições financeiras para isso, como era o caso do Rio de Janeiro.

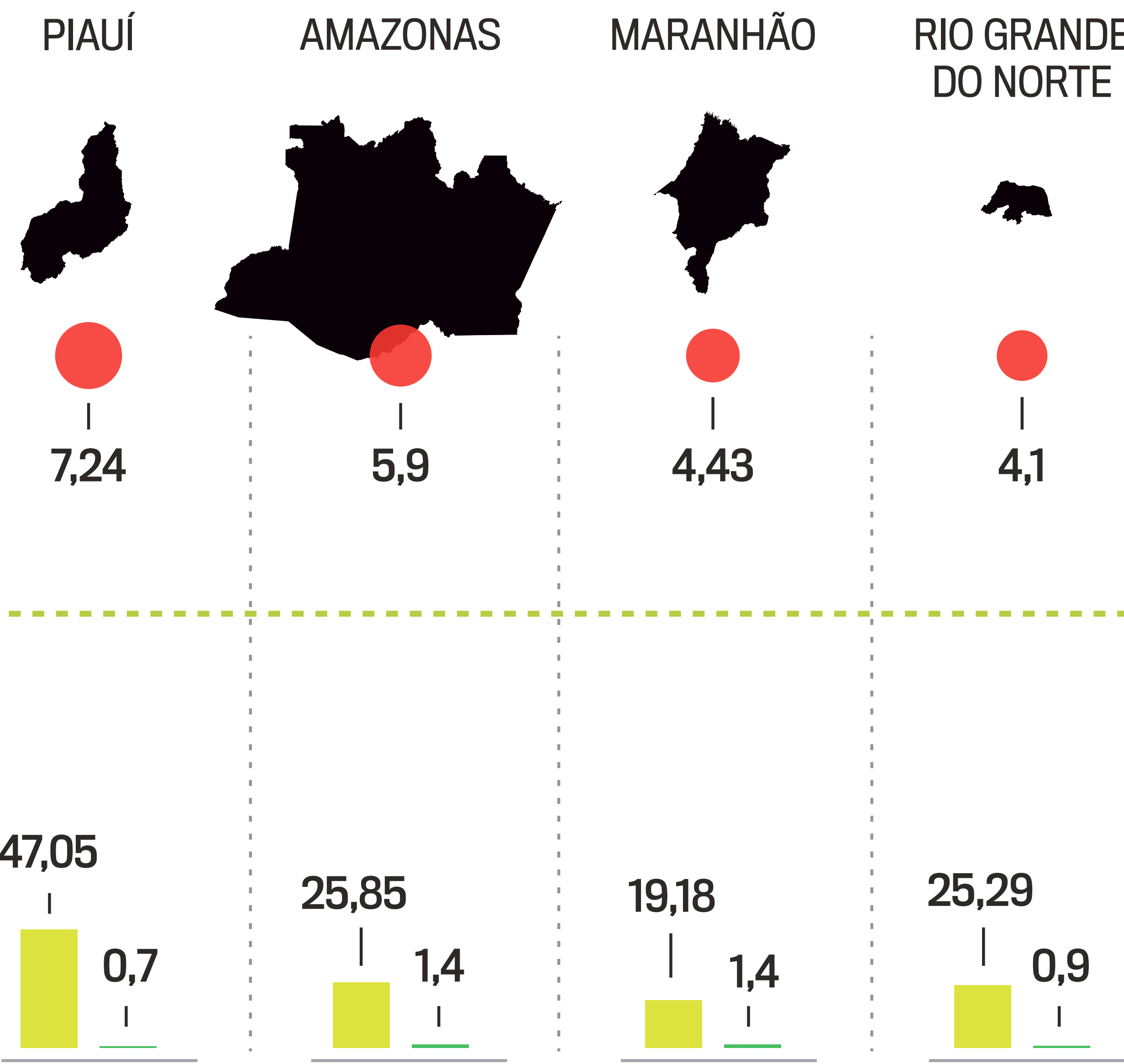
A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), aprovada em 2000 no contexto das negociações com os estados, vedava novos refinanciamentos. Essa regra foi solenemente desrespeitada nos últimos anos por dois caminhos. Primeiro, por meio de ações mo-

vidas pelos estados junto ao Supremo Tribunal Federal (STF), com base na ideia de que a União deve socorrê-los para garantir a continuidade de serviços básicos para a população. Segundo, por meio da influência que os governadores têm junto aos parlamentares, tanto pelas alianças políticas entre eles quanto pelo interesse comum de direcionar recursos para suas bases eleitorais. Como resultado, todos os presidentes desde Dilma Rousseff renegociaram ou aliviaram as dívidas dos estados.

GOIÁS	ALAGOAS	CEARÁ	DISTRITO FEDERAL
11,33	10,14	9,5	7,63
29,5	70,07	29,72	22,97
3,1	0,9	2,2	3,3

A renegociação aprovada neste mês pelo Senado não apenas premia os estados que se jogaram na gastança com a possibilidade de parcelar suas dívidas em trinta anos, como ainda estipula que os juros podem chegar a zero, permanecendo apenas a correção pela inflação, se seus governadores aplicarem os recursos economizados em educação, segurança pública, saneamento, entre outras destinações. “Esse novo projeto atingiu o nível máximo do absurdo: a suposta exigência feita aos estados é que

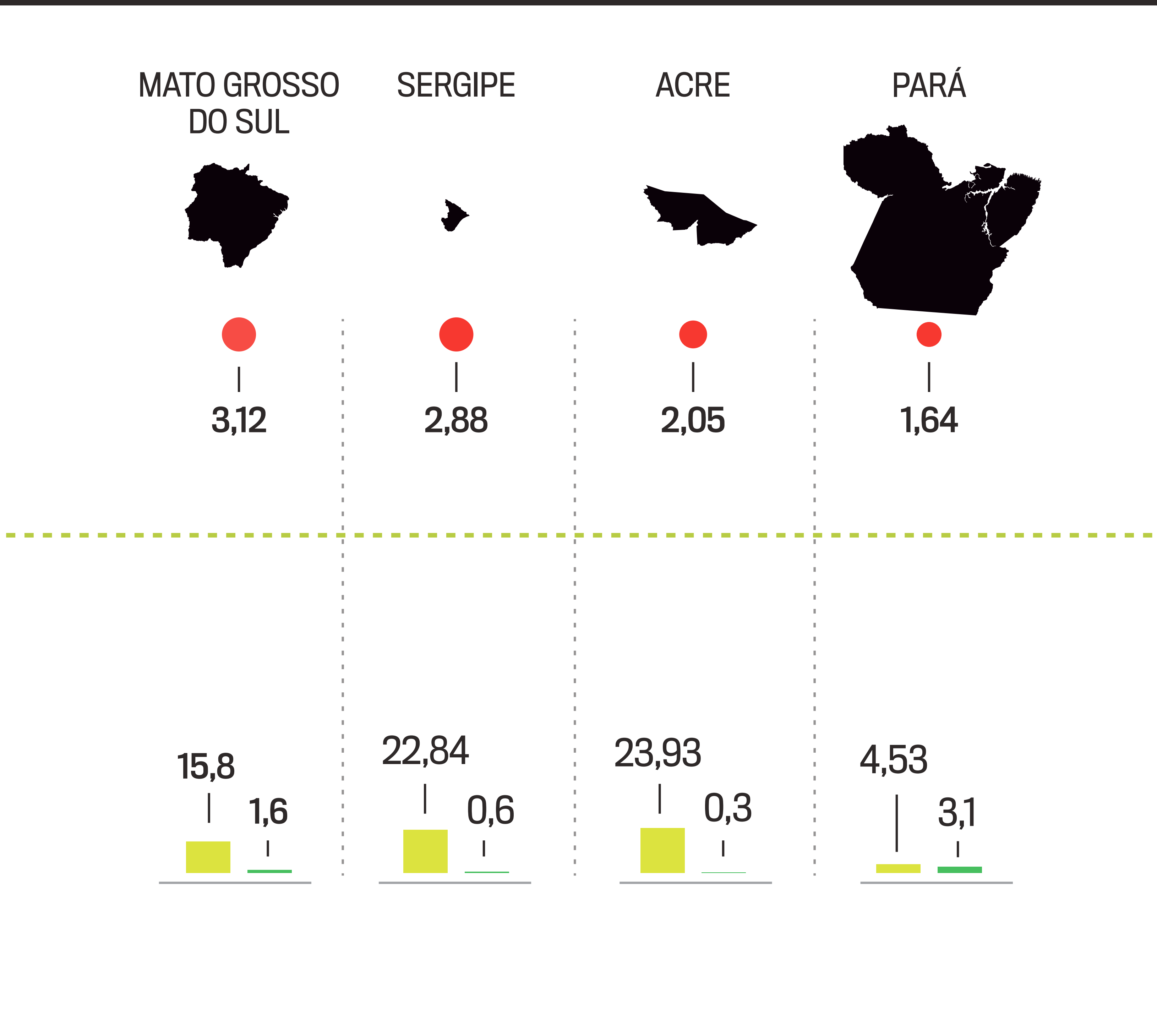
PIAUÍ
7,24
47,05
0,7

AMAZONAS
5,9
25,85
1,4

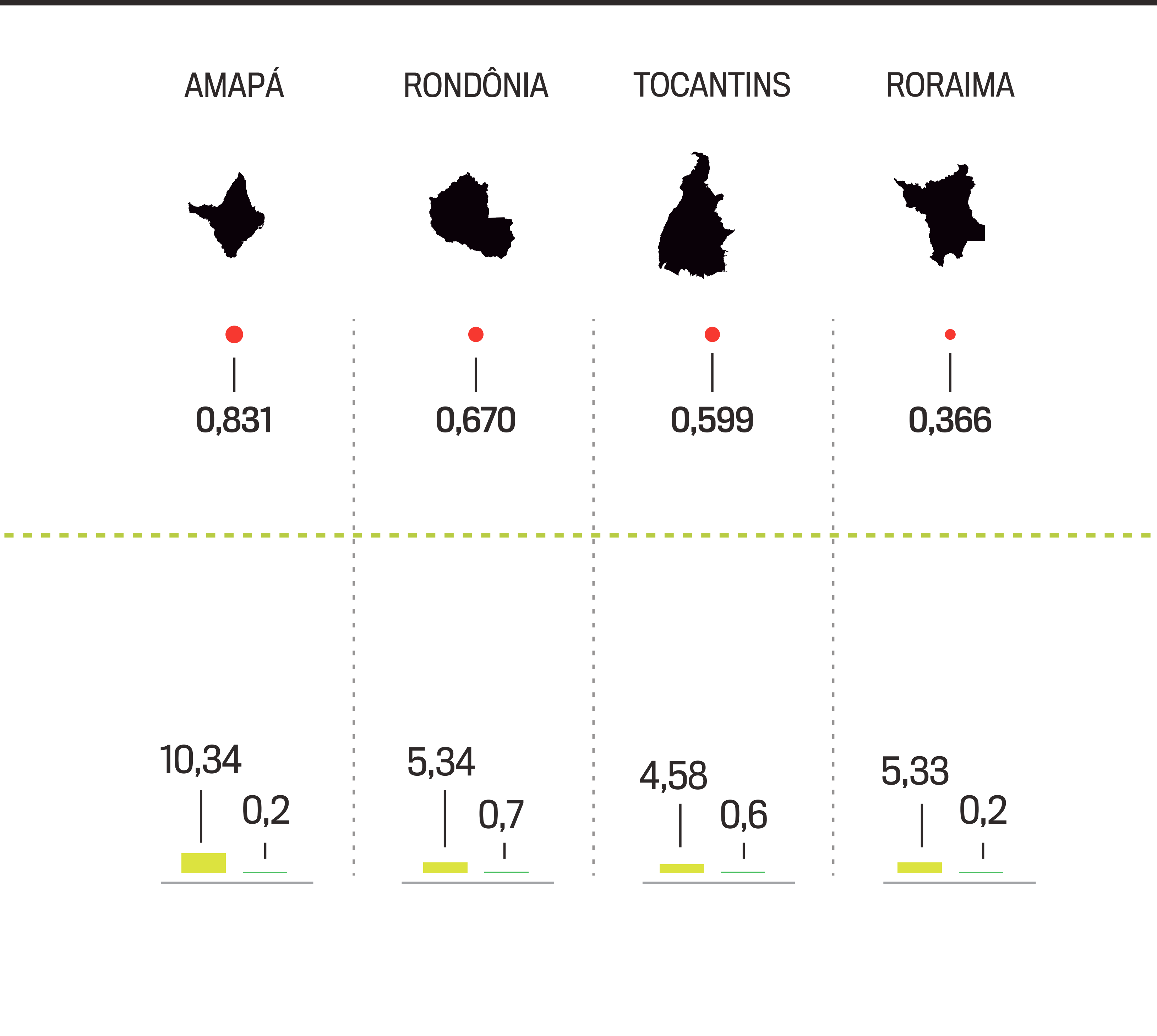
MARANHÃO
4,43
19,18
1,4

RIO GRANDE DO NORTE
4,1
25,29
0,9

gastem mais, vinculando receita com esta ou aquela finalidade, em vez de estimular a responsabilidade fiscal", afirma o economista Marcos Mendes, pesquisador associado do Insper.

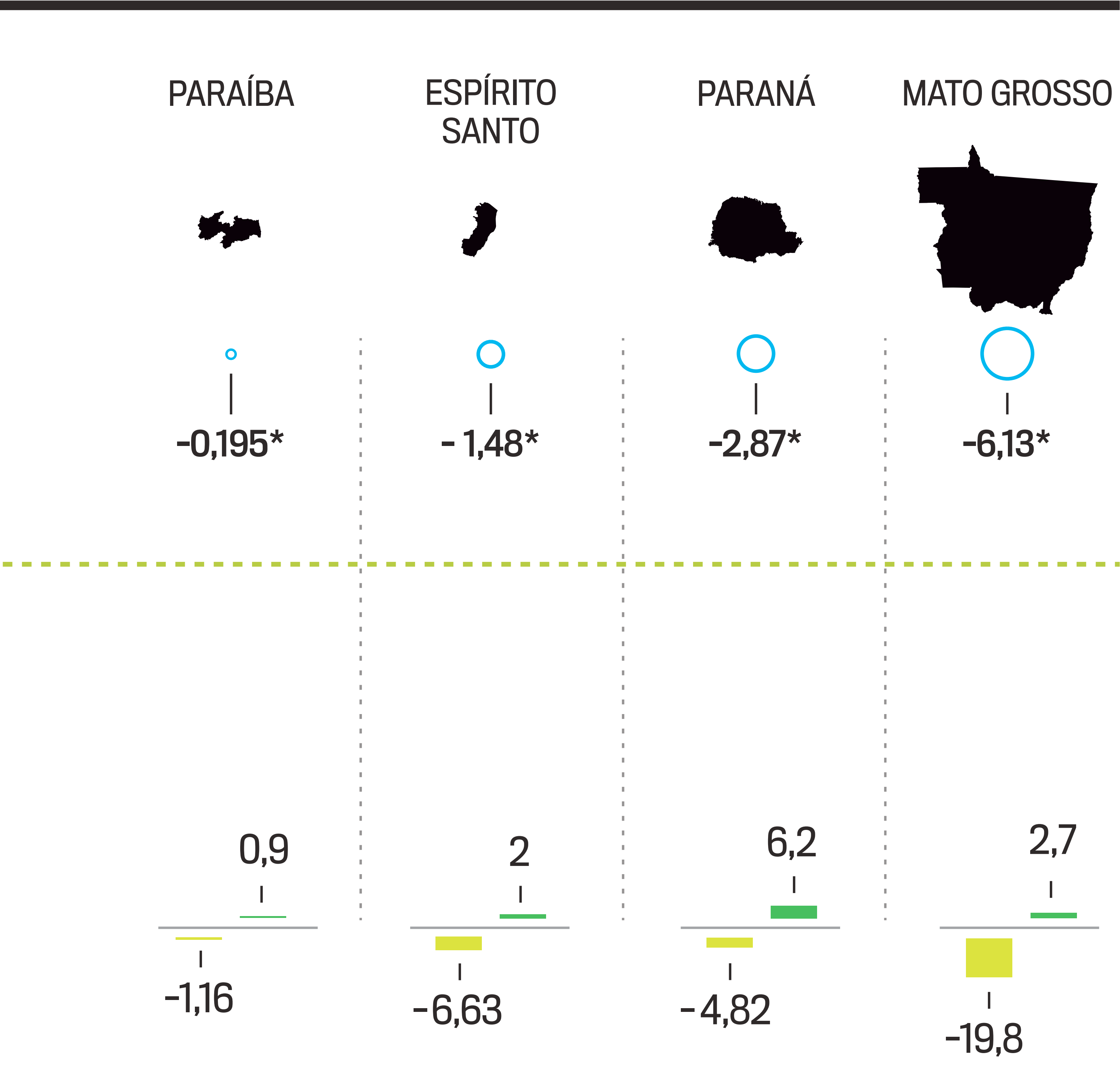
A pressão sobre o governo e o Congresso começou com os estados mais endividados, que são também os mais ricos do país: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul *(veja o quadro)*. Os três últimos, aliás, suspenderam o pagamento de suas dívidas depois de aderir ao Regime de Recupera-

MATO GROSSO DO SUL	SERGIPE	ACRE	PARÁ
3,12	2,88	2,05	1,64
15,8 / 1,6	22,84 / 0,6	23,93 / 0,3	4,53 / 3,1

ção Fiscal (RRF), um programa do Tesouro para auxiliar estados em grave desequilíbrio fiscal, mas enfrentavam a incômoda obrigação de limitar os gastos e de, no futuro, pagar os encargos acumulados acrescidos de juros.

No novo programa de refinanciamento, para dar alguma compensação aos estados cujas gestões, nos últimos anos, preocuparam-se com o equilíbrio fiscal e não têm culpa pela gastança dos outros, criou-se um Fundo de Equalização Federativa

AMAPÁ	RONDÔNIA	TOCANTINS	RORAIMA
0,831	0,670	0,599	0,366
10,34	5,34	4,58	5,33
0,2	0,7	0,6	0,2

que vai receber até 2% do saldo da dívida daqueles que aderirem à renegociação. Os recursos desse fundo serão distribuídos aos estados menos endividados por critérios de renda e população. Trata-se de um remendo que não premia, verdadeiramente, os bons pagadores e não protege a União de sofrer novos calotes.

O perdão aos estados não toca em um ponto essencial da gestão pública: a busca por maior eficiência. Os maus pagadores podem pensar que saem na vantagem a cada renegociação, mas

PARAÍBA	ESPÍRITO SANTO	PARANÁ	MATO GROSSO
-0,195*	- 1,48*	-2,87*	-6,13*
0,9	2	6,2	2,7
-1,16	-6,63	- 4,82	-19,8

os dados mostram que os estados com melhores indicadores de serviços públicos são justamente aqueles que mais controlaram as despesas nos últimos anos. É o caso do Espírito Santo, que está entre os cinco estados com melhor desempenho em educação pública nos ensinos fundamental II e médio.

Os lobbies de governadores e prefeitos sobre os parlamentares não são feitos para que esses bons exemplos se tornem a regra na gestão pública. Ao contrário, a pressão é para que a ineficiência continue sendo o padrão. Nesse sentido, a Proposta de

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

BENESSE Alckmin na Marcha dos Prefeitos: perdão às cidades

Emenda à Constituição (PEC) do Senado que amplia a flexibilidade orçamentária e refinancia dívidas dos municípios, com possibilidade de parcelamento em até 300 meses, segue a mesma lógica da renegociação com os estados e da PEC da Anistia aos partidos. Trata-se de uma vitória da Confederação Nacional de Municípios (CNM), que representa pequenas e médias cidades e organiza a Marcha dos Prefeitos, que reúne milhares de gestores municipais em Brasília uma vez por ano. Na edição de 2023, o representante do governo federal no evento foi o vice-presidente Geraldo Alckmin. "A Marcha dos Prefeitos pode se chamar também a Marcha do Povo, porque, quanto mais nós fortalecermos o governo local, mais próximos estamos da população", disse Alckmin. A frase reflete bem o trunfo que as prefeituras têm na mão para extrair facilidades da União, inclusive perdões ou refinanciamento de dívidas, o que nem sempre significa estar "mais próximo da população". ■

O CUSTO DA FARRA

Benefícios a estados, municípios e partidos vão contribuir para o rombo nas contas públicas

462 BILHÕES
DE REAIS SERÁ O AUMENTO ESTIMADO DA DÍVIDA PÚBLICA DA UNIÃO SE O ALÍVIO PARA OS ESTADOS FOR APROVADO

7 BILHÕES
DE REAIS SERÁ O IMPACTO PARA AS CONTAS DO GOVERNO SE O REFIS DOS MUNICÍPIOS FOR APROVADO

23 BILHÕES
DE REAIS É QUANTO OS PARTIDOS DEIXARÃO DE PAGAR OU PODERÃO PARCELAR EM DÍVIDAS POR MULTAS ELEITORAIS

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

QUEM NOS NAVEGA

A piora da política econômica americana

OS RECEIOS quanto à recessão americana, tema da coluna passada, se dissiparam. O mercado financeiro — nervoso, num dado momento, a ponto de pedir uma reunião extraordinária do Comitê de Política Monetária (FOMC) — agora projeta corte mais modesto na taxa de juros americana em setembro. No momento em que escrevo, atribui-se quase 80% de chance à redução de 0,25 ponto percentual da taxa básica de juros, devidamente seguida por cortes similares em novembro e dezembro. A aposta majoritária, portanto, é a de um "pouso suave", isto é, a inflação convergindo para a meta nos próximos trimestres, sem grandes custos em termos de desemprego mais alto.

Passado o problema de curtíssimo prazo, o foco se desloca para o ano que vem, quando, sob nova direção, a economia dos Estados Unidos seguirá como balizadora relevante para o Brasil, assim como para o resto do mundo. Aqui fica impossível não falar de política, assunto que — como quase todo economista — imagino entender muito mais do que sei.

A renúncia de Joe Biden à candidatura presidencial zerou o jogo. O que parecia mera formalidade para Donald Trump transformou-se em competição acirrada, e quem acha que sabe qual será o vencedor, ou se engana, ou tenta enganar os demais. Do ponto de vista econômico, temos que avaliar ambas as propostas de política — no caso, muito ruins.

Nenhum dos lados tem um plano para acertar as contas públicas. Kamala Harris não parece disposta a mudar o rumo adotado por Biden no que diz respeito ao gasto, enquanto propõe — sem muita chance, diga-se — elevação do imposto de renda das empresas. Trump também não tem apetite para lidar com o gasto e, se eleito, deve brigar para prorrogar os cortes de impostos aprovados em sua gestão, marcados para acabar no ano que vem.

“Falamos de um tempo de dólar forte, cujas consequências serão sentidas pelo mundo todo”

Adicionalmente, Trump promete elevar as tarifas de importação, em particular da China. Não que Biden não tenha sido protecionista, longe disso, postura que Harris deve manter se eleita. De qualquer forma, a integração da economia americana com o resto do mundo deve piorar, embora mais no caso de o republicano vencer a eleição.

Harris, da mesma forma, não é imune ao populismo. Sua proposta de evitar "elevação abusiva de preços" *(price gouging)* parte do diagnóstico errado sobre a origem da inflação, abrindo espaço para toda sorte de intervenção e, como toda experiência de controle de preços, tem tudo para dar com os burros n'água. Pode até ser uma boa plataforma eleitoral, mas como política econômica é um desastre.

Nada disso deve, ao menos por ora, impedir a redução da taxa de juros. Resta saber qual dessas propostas — partindo do pressuposto de que algo nessas linhas será mesmo adotado — ajuda mais, ou melhor, prejudica menos a tarefa do FOMC. As expectativas de um desempenho fiscal pior sob Trump (portanto, mais estímulo à demanda), assim como tarifas ainda maiores (logo, preços mais elevados dos produtos importados), devem dificultar a queda da inflação e, por consequência, a queda dos juros.

Falamos em ambos os casos de um tempo de dólar forte, seja pelo efeito dos juros, seja pelas tarifas, cujas consequências serão sentidas pelo mundo todo, por aqui inclusive. Quem tiver a casa arrumada navegará melhor. Não é o nosso caso. ■

A CRISE DA DIVERSIDADE

Grandes empresas cortam seus programas de inclusão e reforçam uma tendência que ganha força dos Estados Unidos: o abandono da fundamental agenda ESG

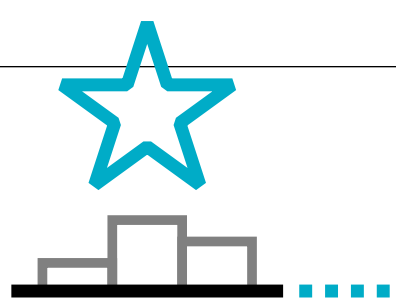
LUANA ZANOBIA

CONTRADIÇÃO Nadella, CEO da Microsoft: a empresa fez discurso em prol da equidade, mas fechou diretoria do tema

DIMAS ARDIAN/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

EM UM DE SEUS discursos inspiradores, o indiano Satya Nadella, presidente mundial da americana Microsoft, celebrou o valor da multiplicidade humana. “Nossa cultura precisa ser um microcosmo do mundo, um lugar onde cada indivíduo possa dar o melhor de si, onde a diversidade de cor de pele, gênero, religião e orientação sexual seja compreendida e celebrada.” Trata-se, acima de tudo, de um manifesto a favor da inclusão, que ganha ainda mais força considerando quem o defendeu — um imigrante que, com enorme talento, chegou ao posto mais alto de uma das maiores companhias do mundo.

Há alguns dias, contudo, a Microsoft fez o oposto do que pregou seu líder máximo. Segundo informações do site americano Business Insider, a big tech fechou sua diretoria de diversidade e demitiu funcionários que nela trabalhavam. Eles foram informados de que a política de inclusão “não é mais crítica para os negócios”. Procurada por VEJA, a Microsoft respondeu por meio do porta-voz Jeff Jones: “À medida que avançamos, nossos compromissos com diversidade e inclusão permanecem inalterados. Nosso foco em D&I é inabalável e estamos mantendo firmes nossas expectativas, priorizando a responsabilidade e continuando a focar nesse trabalho”.

Há sinais inequívocos de que a agenda de inclusão está perdendo força nos Estados Unidos. Outros gigantes, como Google e Meta, dona do Facebook, Instagram e WhatsApp, também cortaram seus programas de diversidade. O

NA LANTERNA

Microsoft, Google e Meta fazem feio em ranking que traz as empresas mais inclusivas dos Estados Unidos

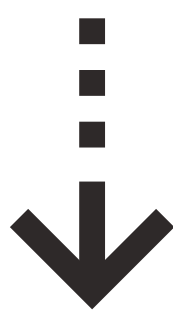
AS CAMPEÃS...

1º **Progressive** *(empresa de seguros)*

2º **TIAA** *(serviços financeiros)*

3º **PayPal** *(serviços financeiros)*

4º **Edgewell Personal Care** *(produtos de consumo)*

5º **Salesforce** *(tecnologia)*

...E A POSIÇÃO DAS BIG TECHS

105º Microsoft

187º Google

322º Meta

Fonte: *Forbes*

X, ex-Twitter, aderiu ao movimento, e de forma mais escancarada. Elon Musk, o dono da rede social, referiu-se a políticas de inclusão como “uma distração e uma forma de socialismo corporativo”. Até estratégias lançadas há pouco tempo estão sendo revistas. A empresa de videoconferências Zoom criou o cargo de diretor de diversidade em 2020. Menos de dois anos depois, a posição foi extinta e a equipe que trabalhava nessa área, demitida. Segundo levantamento da plataforma de empregos Indeed, em 2023 as ofertas de vagas nos Estados Unidos na área de diversidade, equidade e inclusão caíram 44% em relação a 2022.

O enfraquecimento dessa agenda causa incômodo. “O que está acontecendo nos Estados Unidos é um retrocesso”, diz Laura Salles, criadora da Plurie, plataforma de streaming voltada para equidade e inclusão. “Muitas empresas usaram o discurso da diversidade porque era moda”, diz Fabio Alperowitch, fundador da Fama, gestora especializada em investimentos sustentáveis. “Agora, estamos estacionados na questão de gênero e retrocedendo na questão de raça.” Afinal, o que explica a volta ao passado?

Uma razão possível é o fato de as big techs terem ajustado as operações após as contratações em massa na pandemia. Desde 2022, ao menos 300 000 empregos foram ceifados por empresas como Amazon, Alphabet, Microsoft e Meta, aponta a consultoria Crunchbase. No afã de cortar gastos, as empresas eliminaram quem foi considerado pouco efetivo para o retorno financeiro — não é

ZZ/ANDREA RENAULT/STAR MAX/IPX/AP/IMAGEPLUS

RADICAIS Manifesto político nos EUA: movimento feroz contra o ativismo

simples mensurar os ganhos monetários que a agenda de diversidade traz. Mesmo benefícios relativos à reputação estão sendo questionados.

Em junho do ano passado, a Suprema Corte dos Estados Unidos tomou uma decisão que abalou os alicerces da luta contra as desigualdades raciais. Determinou que as universidades americanas não podem mais considerar a raça dos candidatos em seus processos de admissão, revertendo uma conquista de meio século na busca por equidade. Os movimentos políticos contra a agenda ESG (sigla em inglês para boas práticas ambientais, sociais e de governança) estão em ascensão. Para uma ala de radicais, a preservação da natureza e o respeito às diferenças entre

indivíduos são pautas sem relevância. As redes sociais amplificaram essa lógica enviesada, e o que se vê agora são empresas que começam a dar as costas à diversidade. Os sinais estão por toda a parte. Em 2023, os fundos de investimento da categoria ESG tiveram mais saídas do que entradas de capital nos Estados Unidos — o saldo ficou negativo em 13 bilhões de dólares, o que expressa a debandada de investidores.

Os defensores do abandono da agenda da diversidade têm seus argumentos. Para Dan Lennington, jurista americano e vice-conselheiro do Wisconsin Institute for Law and Liberty, o medo de repercussões jurídicas é uma das principais preocupações das companhias. "Essas empresas estão descontinuando seus programas devido a responsabilidades legais", afirma Lennington. "Ao eliminar um risco significativo — como ações coletivas por discriminação racial —, a empresa pode melhorar suas previsões financeiras." O Wisconsin Institute for Law and Liberty já processou centenas de empresas por seus programas de ações afirmativas, alegando que elas promovem práticas discriminatórias ao contratar ou promover pessoas por questões de raça ou gênero. Vale um lembrete para o jurista: como o próprio Satya Nadella afirmou, a diversidade é para ser celebrada. ■

MUROS DE INTOLERÂNCIA

A campanha de Kamala Harris tem um problemão à frente: a aversão aos imigrantes, um sentimento que se espalha nos países avançados

RICARDO FERRAZ E **AMANDA PÉCHY**

TUDO OU NADA Imigrantes tentam entrar nos Estados Unidos: os "indesejáveis" são tema central da campanha eleitoral

CHRISTIAN TORRES/ANADOLU/GETTY IMAGES

Vibrante e barulhenta, em clima de festival, a convenção nacional do Partido Democrata consagrou a candidatura de Kamala Harris à Casa Branca com empolgação acima do normal. Durante quatro noites, perante uma plateia que ensaiava coreografias nos intervalos, em meio a shows de música, discursaram os luminares do partido, começando pelo desistente Joe Biden (reverenciado e elogiadíssimo,

ESQUENTA Harris abraça Biden na convenção: festa antes de a corrida eleitoral começar de fato

ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES

mas que de lá seguiu direto para férias na Califórnia, bem longe da comoção), passando por nomes como Hillary e Bill Clinton e Barack e Michelle Obama, aumentando o tom da animação com o candidato a vice, Tim Walz, e culminando com o muito esperado pronunciamento da própria Harris. Falou-se do currículo e das realizações dela e de Walz, do zelo pelo futuro (lema da campanha), da geração de empregos, da ampliação de benefícios sociais, das guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza, da reposição do direito ao aborto e, sobretudo, da preservação da democracia diante da ameaça institucional que o republicano Donald Trump representa.

Um assunto, no entanto, não teve o destaque merecido, e ele deve ser o mais apimentado no embate presidencial: como conter e o que fazer com as levas de imigrantes sem visto que entraram nos últimos tempos nos Estados Unidos. A diversidade étnica da sociedade americana foi várias vezes mencionada, bem como referências ao *melting pot* local, o caldeirão onde cabem todas as raças, religiões e tradições culturais. Na realidade, porém, a nação mais poderosa do planeta, erguida por imigrantes recebidos em Ellis Island, Nova York, pelo "abraço universal" da Estátua da Liberdade, como consta no poema *O Novo Colosso*, gravado aos pés do monumento, hoje é mais propensa a mandar de volta para casa as "massas cansadas, pobres e amontoadas" (outro trecho do mesmo poema) que esgarçam os limites da assistência social e perambulam pelas

esquinas das grandes cidades, vendendo comida e bala — um problema social que afeta inclusive Chicago, a sede da convenção, onde o governo conservador do Texas despejou ônibus de estrangeiros em busca de vida melhor.

Os Estados Unidos não estão sozinhos no sentimento anti-imigrantes. Ele permeia toda a Europa, corroendo valores, insuflando hostilidades e poluindo a fachada de aceitação e suporte dos mais necessitados — meio condescendente, mas real — dos países ricos do Ocidente. “O que costumava ser um pilar das identidades ocidentais tornou-se uma questão cada vez mais politizada, alvo de ataques populistas por todo o mundo desenvolvido”, diz Nando Sigona, especialista em migração internacional da Universidade de Birmingham, na Inglaterra.

O tema é particularmente sensível para Harris, escalada no início do governo de Biden para implementar um projeto de cooperação com os governos centro-americanos que contivesse as multidões que, assoladas pela pobreza e pela violência das quadrilhas de narcotraficantes, arriscavam tudo tentando entrar nos Estados Unidos pela divisa mexicana. A missão da vice-presidente, em quem os republicanos pregaram o apelido de “czar da fronteira”, teve resultado zero.

De marcha em marcha, o número de imigrantes ilegais chegou neste ano a mais de 10 000 por dia, criando um estado de tensão social vastamente explorado pela oratória trumpista. Resultado: no país de tanta saudável mistura,

VUK VALCIC/SOPA IMAGES/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

REAÇÃO Britânicos vão às ruas contra a xenofobia: "Não" à provocação da direita radical

mexicanos, venezuelanos, hondurenhos, guatemaltecos e haitianos, entre outras nacionalidades, quando não tachados sumariamente de criminosos, são vistos como tomadores de empregos locais, aproveitadores de abrigos e refeições gratuitas e, no limite, procriadores seriais que almejam se apoderar dos privilégios da população branca — um temor que está no cerne da ilusória, mas popularíssima, teoria da substituição.

O sentimento extrapola os apoiadores de Trump e faz do tema a segunda maior preocupação entre os america-

nos, atrás apenas da inflação (que está cada vez mais controlada). “Assassinos e terroristas estão vindo para nosso país”, costuma bradar Donald Trump, invocando uma suposta “onda de crimes”. O fato: a violência está em queda nos Estados Unidos e os imigrantes, estatisticamente, cometem menos crimes por medo de serem pegos e deportados.

A “ameaça estrangeira”, atribuída à “leniência” do governo Biden em relação à entrada de ilegais, aparece constantemente nas postagens em letras maiúsculas do ex-presidente em sua rede, a Truth Social, e tem lugar de honra na campanha republicana: de janeiro a julho, foram gastos 250 milhões de dólares em 700 anúncios pregando inverdades assustadoras. “Há décadas os republicanos atacam os democratas por conta da segurança da fronteira. Mas, nessa questão, os dois partidos têm agido de forma semelhante”, diz Ernesto Castañeda, diretor do Laboratório de Imigração da American University, em Washington.

De fato, Biden assumiu a Presidência com um discurso de acolhimento aos imigrantes, mas, uma vez no governo, engatou a marcha à ré e fez poucas mudanças nas políticas adotadas no mandato de Trump. Depois que um projeto rigoroso para fechar a entrada de ilegais foi rejeitado no Congresso — por ordem de Trump, ironicamente, que não quis dar esse trunfo ao adversário —, a Casa Branca baixou em abril um decreto reforçando o efetivo da “Mi-

YASSINE GAIDI/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

DESESPERO Africanos detidos em bote precário: milhares de mortes por afogamento no caminho para a Europa

gra", a temida patrulha da fronteira, e restringindo as possibilidades de pedido de asilo. Até os vistos de trabalho para profissionais qualificados, que costumam fazer carreira nas prestigiadas universidades do país, se tornaram mais difíceis.

O governo Biden também conseguiu finalmente firmar acordos com o México e países da América Central para conter o fluxo de gente que ruma para o norte. Na terça-feira 20, o Panamá, um dos signatários, fez a primeira de-

portação de imigrantes ilegais: 29 colombianos voltaram, algemados, para seu país em um voo fretado pelos Estados Unidos. A grande maioria dos estrangeiros que chega ao Panamá, porém, são venezuelanos que arriscam a vida cruzando a pé a tenebrosa selva de Darién, que liga as Américas do Sul e Central e é conhecida como “selva da morte”. Não se sabe o destino deles, visto que os dois países estão com relações cortadas.

A situação na Venezuela preocupa particularmente os democratas, diante da previsão de uma nova debandada caso o ditador Nicolás Maduro consiga permanecer no poder após fraudar as eleições. A diáspora venezuelana — 7,7 milhões de pessoas desde 2014 — é hoje a maior do mundo, uma situação que afeta diretamente o Brasil. Na última década, mais de 1 milhão de venezuelanos cruzaram a fronteira por Pacaraima, cidade de Roraima na linha divisória entre os dois países, onde o Exército mantém uma operação permanente de acolhimento aos imigrantes — que, em geral, sonham em dali seguir para Miami.

A instabilidade política é o principal motor que impulsiona os deslocamentos populacionais das últimas duas décadas nas Américas e no Oriente Médio (onde o êxodo se concentra na conflagrada Síria). Ao menos 59 conflitos foram registrados no ano passado, o mais violento desde a Segunda Guerra Mundial, de acordo com o Instituto de Pesquisas de Paz de Oslo, fator que se alia à pobreza no caso dos africanos em marcha para a Europa. Nos últimos

ALESSANDRA BENEDETTI/CORBIS/GETTY IMAGES

BARREIRA Meloni, da Itália: cerco para fechar os portos à imigração ilegal

tempos, vem crescendo também o número de chineses na rota para o Eldorado americano. Neste cenário, o movimento de pessoas que abandonaram sua terra chegou a 114 milhões em 2023, um recorde. América Latina e Caribe perderam quase 400 000 habitantes, e a África, cerca de 700 000, segundo a ONU. "A chegada dessa multidão promove transformações inevitáveis na demografia e cultura dos países de destino. Embora tragam benefícios em termos de economia e diversidade, as mudanças geram an-

gústia", avalia Giuseppe Sciortino, sociólogo da Universidade de Trento, na Itália.

Enxergar no imigrante o ladrão de empregos que faz estremecer as tradições culturais e religiosas de um país não é propriamente novo e já serviu de estopim para inúmeros conflitos — afinal, foi a rejeição aos diferentes que moveu Adolf Hitler a cometer as barbaridades do nazismo contra os judeus. Mas a ocorrência da migração em massa nas duas últimas décadas, em paralelo à intensificação das hostilidades provocada pela violência de sangrentos atentados terroristas, plantou um triste cipoal de ódio e xenofobia no mundo civilizado. A viralização desse sentimento tem potencial para desgastar, nas sociedades desenvolvidas, o respeito e a adesão implícita a princípios básicos — dignidade, solidariedade, tolerância — cultivados no pós-guerra como garantia de que o horror não se repetiria. "A imigração tornou-se um fenômeno indesejável, vista como uma invasão", resume Karen Musalo, diretora do Centro de Estudos de Gênero e Refugiados, da Califórnia.

Nos países europeus, a repulsa aos imigrantes ganhou tal dimensão que a própria União Europeia tomou uma série de providências para dificultar a entrada. Lá, como nos Estados Unidos, a direita radical fez dessa rejeição sua principal bandeira e com ela vem ganhando espaço político e social, apostando no temor da população nativa de ser engolida pelos estrangeiros e, por outro lado, na resistência dos imigrantes a mudar seus usos e costumes.

REYNESSON DAMASCENO/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

ROTA DE FUGA Venezuelanos cruzam a fronteira brasileira: fluxo deve aumentar se Maduro ficar

Fechar as portas à imigração é política praticada com notável empenho pelos dois principais governos da direita populista na Europa, o de Viktor Orbán, na Hungria, e o de Giorgia Meloni, na Itália. Orbán ergueu barreiras de arame farpado na fronteira, orgulha-se de assim haver preservado seu país como "uma ilha de paz" e, em recente visita a Berlim, comentando a grande quantidade de

ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

MUDANÇA Ellis Island em 1902:
agora, o desejo é que voltem para casa

estrangeiros nacionalizados, observou que na Alemanha "até o cheiro está diferente".

Meloni, por sua vez, defende um bloqueio naval do Mediterrâneo para impedir que balsas de refugiados cheguem aos portos italianos e advoga uma proposta de mudança na lei que dá cidadania, sob condições, aos filhos de imigrantes nascidos na Itália — mesmo se indispondo com

torcedores que comemoraram a medalha de ouro olímpica da equipe de vôlei feminino, onde a estrela, Paola Egonu, é filha de nigerianos. "A direita radical não tem um projeto claro do ponto de vista econômico e se organiza em torno da guerra cultural", ressalta Guilherme Casarões, professor da FGV-SP. "É fácil apontar o dedo para quem se veste diferente, fala com sotaque e tem valores distintos."

A preservação de princípios saudáveis não é uma causa perdida. No segundo turno das eleições parlamentares da França, em junho, políticos e eleitores se uniram para impedir a vitória da coalizão da ultradireitista Marine Le Pen, paladina da repressão aos imigrantes. Na Inglaterra, quando um assassino esfaqueou e matou três meninas em uma aula de dança no início do mês e as redes sociais espalharam o boato de que se tratava de um ilegal, grupos de direita promoveram distúrbios e quebra-quebra e convocaram uma megamanifestação — que não aconteceu porque milhares de cidadãos foram às ruas condenar a xenofobia. Reações como essas são exemplares, mas não apagam a mancha que a aversão aos imigrantes espalha na Europa e nos Estados Unidos. É um problema monumental, sem solução à vista e perigoso. ■

VALMIR MORATELLI

PARA LÁ DE SELVAGEM

Na pele de uma feminista destemida, **GIULLIA BUSCACIO,** 27 anos, passou por preparo intensivo antes de se embrenhar mata adentro, tudo sob a moldura rural de *Renascer,* a trama global das 9. E eis que, por força do ofício, a atriz, afeita que é à vida urbana, se viu às voltas com uma cena na qual precisou aplicar o recém-adquirido conhecimento de montaria, assimilado após muito treino. Uma vez em cima do cavalo, deu tudo de si para manter-se no controle, em vão, no que não culpa o equino. "Ele tem o tempo dele, a gente deve respeitar. Mas que me deixou falando sozinha, isso ele deixou", conta a atriz, que enfrentou outras arapucas da natureza. Quase arrastada pela fúria das águas, recebeu uma mãozinha do produtor, que a segurou com a ajuda de uma toalha. Trabalho feito, Giullia se pôs a filosofar. "A profissão nos traz desafios, e aí está a graça", disse, com indisfarçável alívio.

INSTAGRAM @GIUBUSCACIO

O PEQUENO PICASSO

Poderia ser mais um caso em que a criança toca o terror com um pincel na mão, pintando tudo e mais um pouco ao redor, num saudável exercício da própria infância. Mas foi diferente com **LAURENT SCHWARZ,** um alemão de 2 anos cujos rabiscos circularam nas redes, atiçando a inesperada curiosidade de especialistas em arte. De post em post, a história viralizou, e as telas do menino acabaram nas paredes da maior feira de arte de Munique, a ArtMuc, vendidas a cifras extraordinárias (uma delas atingiu o equivalente a 1,6 milhão de reais). A plateia virtual ora elogiou o abstracionismo das mal traçadas linhas de Laurent, ora disparou contra os pais, donos de uma empresa de design de interiores, pela "ultraexposição de um bebê". "Ele gosta que as tintas sejam brilhantes e coloridas", explicou Lisa, a orgulhosa mamãe, mais preocupada em enaltecer os sinais de genialidade do "pequeno Picasso". "Às vezes, ele passa quatro semanas sem pegar no pincel e aí, de repente, sente o impulso e pinta." Próxima etapa: aprender a falar.

INSTAGRAM @LAURENTS.ART

INSTAGRAM @LAURENTS.ART

MICHAEL M. SANTIAGO/GETTY IMAGES

ATÉ BOTOX, DEPUTADO?

O sonho americano do filho de brasileiros **GEORGE SANTOS,** 36 anos, se converteu num pesadelo daqueles depois que seus desmandos com dinheiro alheio vieram a público, e ele teve o mandato de deputado pelo Partido Republicano cassado nos Estados Unidos. Para livrar-se de pena robusta, que poderia lhe custar décadas atrás das grades, Santos acaba de se declarar culpado da acusação de lavagem de dinheiro de fundos de campanha para arcar com despesas pessoais, além de lançar cobranças em cartões de crédito de doadores. “Lamento profundamente minha conduta e o dano que causou. Aceito total responsabilidade por minhas ações”, disse no tribunal, de cabeça baixa, encerrando o julgamento que corria na alçada federal. Em nada lembrava o vaidoso parlamentar que usou vistosas cifras que não lhe pertenciam para turbinar o visual à base de aplicações em série de Botox e um guarda-roupa recheado de grifes luxuosas.

LIVRO ABERTO

Nos últimos tempos, **PRETA GIL** trouxe à luz batalhas que lhe impingiram altas doses de sofrimento, como o duelo travado contra um câncer, uma experiência de quase morte e um divórcio que deixou feridas. Mas quis revirar ainda mais a memória recente e, impulsionada pelo próprio cinquentenário, pôs gás em uma autobiografia que começou a rascunhar em 2018, batizada de *Os Primeiros 50.* Ao cutucar capítulos dolorosos, como a descoberta da traição do personal trainer Rodrigo Godoy, há um ano, após uma década juntos, deu uma hesitada. "Quando reli, pensei: será que estou pronta para dividir isso com as pessoas? Mas minha vida é um livro aberto e segui em frente", conta ela, que, envolvida no lançamento, faz um daqueles balanços típicos das datas redondas. "É um privilégio chegar até aqui com saúde e vitalidade. Tudo isso que passei, com altos e baixos, mostra que estou muito bem, obrigada."

INSTAGRAM @PRETAGIL

E DÁ-LHE BRÓCOLIS

Há anos dedicado à prática do fisiculturismo, inspirado por tipos à la Arnold Schwarzenegger, o apresentador **MARCOS MION,** 45, turbinou a rotina de exercícios para protagonizar seu primeiro filme, *MMA – Meu Melhor Amigo,* sobre um lutador campeão afastado dos ringues que descobre ser pai de um menino autista (como, aliás, já o é na vida real, uma coincidência do roteiro). À custa de muita privação, o ator perdeu dez quilos em setenta dias ao engatar um treino que combina malhação aeróbica e jejum. Minguado em calorias, seu combustível à mesa se limita a batata-doce, frango e brócolis. "Desde que decidi viver assim, comer virou obrigação", esclarece ele, que, de bem com o espelho, criou um perfil nas redes para exibir a evolução diária dos músculos. Vaidade, Mion jura não ter. "Gosto de envelhecer", garante. ■

INSTAGRAM @MIONFITNESS

UM SOCO NO PRECONCEITO

A polêmica em torno da pugilista Imane Khelif não para de ecoar e traz à tona o drama das pessoas intersexo, condição genética pouco conhecida e tratada com desrespeito e violência generalizada

DUDA MONTEIRO DE BARROS

MENINA, SIM
Imane: aprovada pelo COI para competir, foi atacada nas redes por ter altos níveis de testosterona

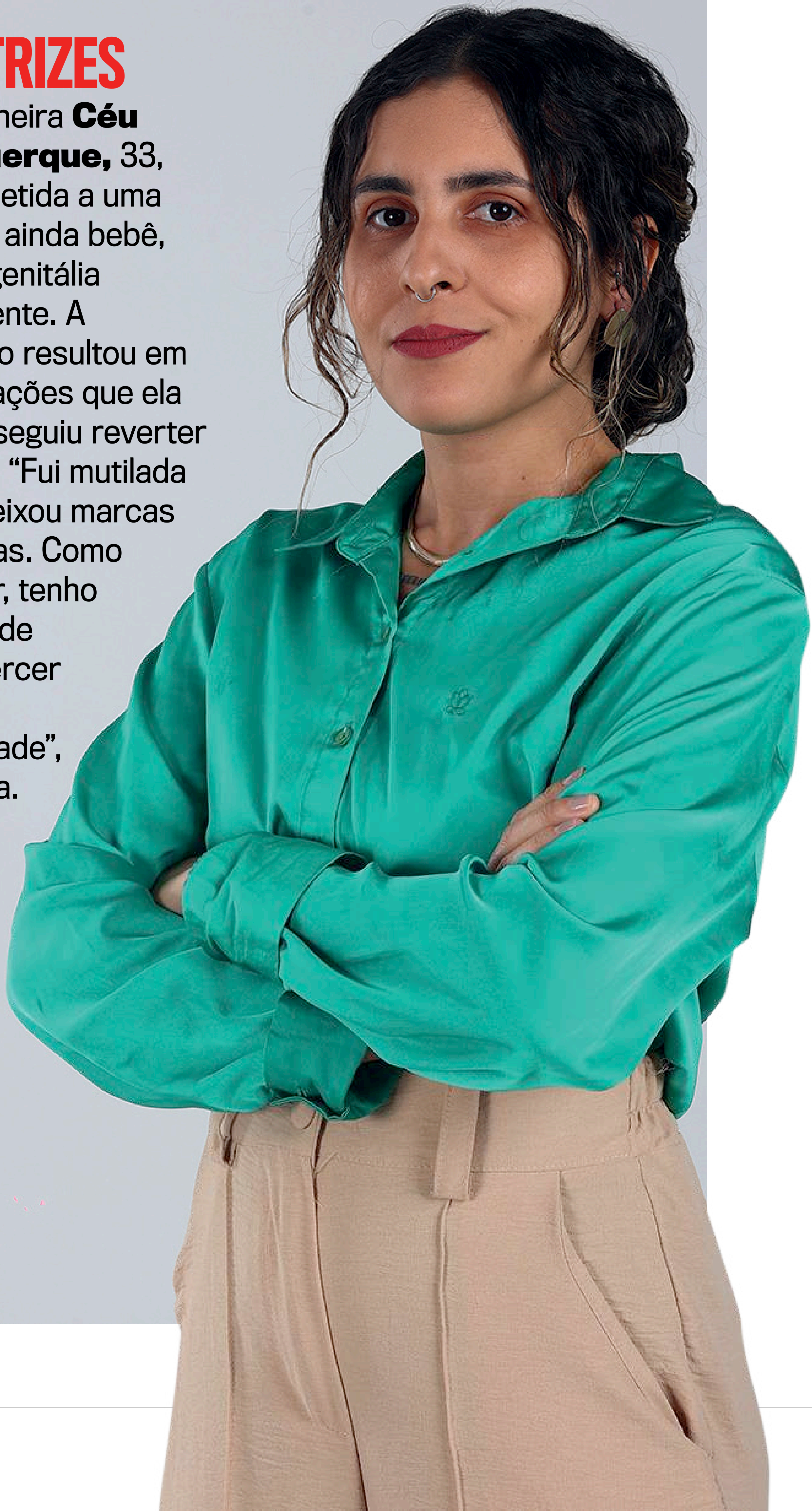
INSTAGRAM @IMANE_KHELIF_10

Medalha de ouro no boxe feminino na categoria de até 66 quilos, a argelina Imane Khelif, 25 anos, foi alvo de polêmica e críticas na Olimpíada de Paris por ser portadora de uma condição difícil de entender e, por isso mesmo, sujeita a todo tipo de preconceito — a das pessoas intersexo, nascidas com características biológicas que fogem do padrão binário masculino ou feminino. Imane, cuja aventura parisiense não para de ecoar, faz parte de uma realidade invisível, mas significativa: a ONU estima que 1,7% da população mundial seja intersexo, contingente que pode chegar a 3,5 milhões de indivíduos no Brasil. As crianças e os adolescentes intersexo, geralmente encarados pelas famílias como uma aberração que precisa ser escondida, eram designados no meio médico como "hermafroditas", hoje um insulto. O termo científico só se consolidou em 1996, quando a letra "I" foi incorporada à sigla LGBTQIA+ em conferência da Academia Americana de Pediatria. A partir daí, a passos lentos, os intersexo vêm denunciando a violência que sofrem e tentando quebrar os tabus sobre sua existência.

Imane — assim como a lutadora taiwanesa Lin Yu-ting, envolta na mesma celeuma — não se define como intersexo, embora tenha os altos níveis de testosterona típicos da condição. Criada como menina, sempre participou de competições femininas e, com apoio da família, decidiu abrir processo contra todos os que acusaram de competi-

CICATRIZES

A engenheira **Céu Albuquerque,** 33, foi submetida a uma cirurgia, ainda bebê, por ter genitália ambivalente. A operação resultou em complicações que ela não conseguiu reverter até hoje. “Fui mutilada e isso deixou marcas profundas. Como sinto dor, tenho dificuldade para exercer minha sexualidade”, desabafa.

ARQUIVO PESSOAL

ção desleal, aí incluídas figuras como a escritora J.K. Rowling, o ex-presidente Donald Trump e o bilionário Elon Musk. Portadora de condição semelhante, a corredora sul-africana Caster Semenya, 33 anos, em seu auge teve igualmente que lutar contra a discriminação e prefere, em vez de intersexo, se definir como "uma mulher diferente".

A identificação das características intersexo quase sempre aparece depois do nascimento, em genitais ambíguos e na presença de órgãos internos tanto masculinos quanto femininos. Na ausência dessas evidências, a condição só será percebida — quando é — em alterações no crescimento na adolescência. Exames específicos detectam variações hormonais e cromossômicas até então desconhecidas. "A pessoa intersexo tem uma diferença no desenvolvimento sexual nos primeiros meses de gestação, e nem sempre é uma condição visível", diz a endocrinologista Berenice Bilharinho, do Hospital das Clínicas da USP.

O sociólogo Amiel Vieira, 42, só foi receber o diagnóstico mais decisivo de sua existência aos 33 anos. Ele conta que o criaram como menina e, adolescente, estranhava a quantidade de hormônios que tinha que tomar. Já adulto, encontrou antigos exames de cariótipo — que identifica cromossomos — e soube que possuía a combinação genética XY, típica dos homens. "Tentava me encaixar em um espaço de feminilidade, mas meu corpo se desviava da normalidade e nunca entendi bem", diz Vieira, que hoje se declara também transgênero, em junção comum nesses

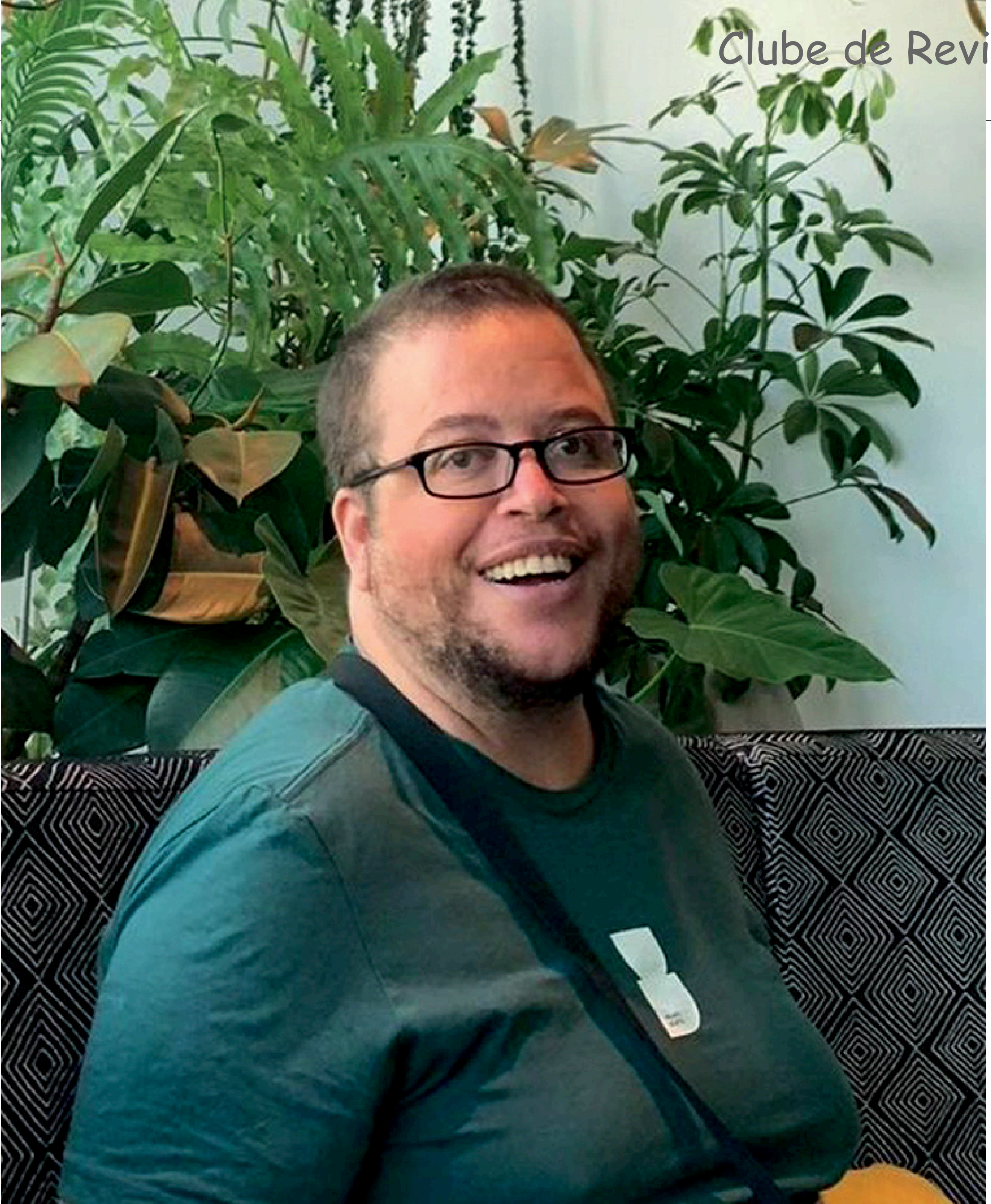
TV GLOBO

DOIS MOMENTOS Assunto em *Renascer:* a Buba caricata *(acima)* da versão original, de 1993, e a Buba trans de agora

PAULO BELOTE/TV GLOBO

casos. “Muitos crescem achando que há algo de errado e vivem um dilema interno. Nesse processo, é comum sofrerem bullying e terem dificuldade de interação social”, afirma a psicóloga Ana Karina Campinho, que atua no Centro de Referência no Atendimento a Pessoas Intersexo do Hospital Universitário Professor Edgar Santos, da UFBA.

A discriminação pode começar antes do nascimento — quando a situação é identificada no pré-natal, as mães frequentemente são orientadas a abortar por má-formação do feto. Após o parto, a pressão para apagar a realidade continua. “Assim que o bebê nasce, tem início uma corrida para fazer a cirurgia genital”, diz Thaís Emília Santos, socióloga e presidente da Associação Brasileira de Intersexo (Abrai). Ela, que é intersexo, deu à luz Jacob, com a mesma condição genética, em 2016. O menino morreu pouco depois de completar 1 ano e veio a inspirar a história de Cacau no remake da novela *Renascer,* da Globo. A trama original, de 1993, foi pioneira ao tocar no tema com a personagem Buba, vivida por Maria Luisa Mendonça, em termos nada memoráveis — a “hermafrodita” caricata só reforçou o preconceito. Agora, Buba é trans (interpretada pela trans Gabriela Medeiros), e a introdução do bebê intersexo Cacau tenta reparar o imenso estrago.

Além das dificuldades emocionais e sociais, as pessoas intersexo enfrentam sérios impasses jurídicos. A engenheira civil Céu Albuquerque, 33, nasceu com hiperplasia adrenal congênita e genitália ambígua, e, com sexo

INSTAGRAM @DOUTORINTERSEXO

EXPLICAÇÃO TARDIA

A família do sociólogo carioca **Amiel Vieira,** 42, escondeu durante anos seu diagnóstico. Depois que descobriu, já na fase adulta, que é uma pessoa intersexo, ele finalmente entendeu o sentimento de inadequação que o acompanhou a vida toda. “Fui criado como menina, mas sempre tive um corpo que não era considerado nem feminino nem masculino o bastante”, diz o sociólogo, que também se define como transgênero.

indefinido, ficou seis meses sem certidão de nascimento e sem acesso à rede pública de saúde. Depois que os médicos concluíram se tratar de uma menina, passou por uma cirurgia malfeita de retirada do falo, que lhe causava dores e infecções recorrentes. "Fiz mais oito operações, já adulta, para tentar reverter a mutilação. É muito difícil conseguir me envolver com alguém", diz Céu, a primeira a conseguir registro de intersexo no Brasil, em março. Desde 2021, recém-nascidos podem ser registrados com sexo "indefinido".

Existem mais de 150 variações genéticas que caracterizam a condição, mas a falta de conhecimento faz com que muitos nem saibam que integram essa população. "As famílias precisam estar preparadas para lidar com o diagnóstico. Mas temos que falar muito sobre ele para chegar à conscientização de que ser intersexo não é uma doença", afirma a psicóloga Ana Karina. Enquanto isso, o estigma persiste, em segredo e em silêncio. Vale, portanto, escutar o que disse Imane ao desembarcar vitoriosa em Argel, na briga contra o ódio: "Quero dizer ao mundo inteiro que sou mulher e continuarei sendo mulher". ■

LUCILIA DINIZ

A ARTE DO ENCONTRO

A importância dos clubes na vida das pessoas

O VERMELHO das raias de atletismo se destaca em meio ao verde visto da minha janela. Duas longas retas, duas amplas curvas e, entre elas, tantos sonhos de vitória e exemplos de perseverança desfilam todos os dias. Fico me perguntando quantas vezes, sem saber, meu olhar pode ter captado os amplos saltos de Alison dos Santos, o Piu, na pista do Esporte Clube Pinheiros. Piu é um dos sete esportistas que trouxeram para o Brasil medalhas olímpicas conquistadas com o suor que deixaram no Pinheiros. Dos 34 atletas que o clube enviou, o maior destaque foram os judocas — entre os quais Beatriz Souza, nosso primeiro ouro nos Jogos de Paris.

Com essa campanha, o Pinheiros ficaria à frente de 52 países. Seu bom desempenho é tradição. Noutros tempos, inscreveu seu nome nos quadros de medalhas com o mítico João do Pulo, os nadadores Gustavo Borges e Cesar Cielo e o ginasta Arthur Nory. No entanto, ao pensar no que vejo da janela ou quando atravesso suas instalações, entendo que um clube vai muito além desses feitos.

A história dos clubes — não só os esportivos, mas também estes — está associada ao crescimento das cidades. Em meio à multidão, as pessoas procuravam se unir aos semelhantes, o que significava criar espaços para exercer suas atividades favoritas à parte do turbilhão da vida urbana. Isso explica por que os clubes cresceram em São Paulo na década de 1920, quando a cidade começava a se configurar como a metrópole que viria a ser. As associações eram um traço de modernização e também tinham a ver com o crescimento da imigração — o próprio Pinheiros era vinculado à comunidade alemã, como o Palmeiras à italiana.

Era uma época em que a cidade ainda usava seus rios — até pouco tempo atrás, entre os mais velhos muitos se recordavam das regatas no Tietê. A importância de cuidar do corpo e da saúde ganhava crédito, assim como os benefícios do esporte para a educação. Com isso, os espaços para sua prática eram valorizados.

“As associações eram um traço de modernização e tinham a ver com o crescimento da imigração”

Com o passar do tempo, parte da população começou a torcer o nariz para a ideia de se unir a semelhantes, por julgar que era igual a excluir os diferentes. Não exatamente por isso, mas talvez pegando carona na ideia, o comediante Groucho Marx disse, certa vez: "Não quero fazer parte de um clube que me aceite como sócio".

Ironicamente, foi também o crescimento das cidades a causa mais provável para que os clubes tenham perdido apelo. Com a vida corrida, o tempo para a reunião regular rareou. Cansados e apressados, fomos deixando de atender ao chamado da vida pública em torno de gostos compartilhados. As redes sociais supriram, em parte, essa função agregadora. Mas, com tudo o que elas têm de democrático, ficam longe do encanto que o verdadeiro encontro proporciona.

Os clubes, porém, parecem estar se recuperando como local de convívio. Talvez um tanto em reação a esse afastamento da vida atual e, outro tanto, bem importante, por permitirem ficar à vontade e em segurança.

Não há dúvida, alguns deles são de fato privilegiados, com áreas verdes, piscinas, academias , salões de jogos, cinema, restaurantes e tantas outras oportunidades para cultivar a convivência. Porém a verdadeira beleza não é a do espaço em si, e sim a do encontro de pessoas em volta do que elas têm de melhor. ■

VIGILÂNCIA TOTAL

Com nova variante e surto na África, a mpox volta a ser classificada como emergência internacional e cobra esforços para sufocar a proliferação do vírus pelo planeta **PAULA FELIX**

SURTO África pede ajuda: patógeno mais transmissível contamina milhares de mulheres e crianças

ARLETTE BASHIZI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

O ALARME voltou a soar. Apenas um ano e três meses separam a primeira e a segunda declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS) com um alerta global sobre um patógeno em ascensão. No caso, o da mpox. A doença, inicialmente uma zoonose, se popularizou com o nome "varíola dos macacos" e esteve por trás de mais de 99 000 casos e 200 mortes em 116 países entre maio de 2022 e junho deste ano. A curta temporada sob controle foi interrompida na última semana, quando a entidade elevou o status diante do levante de uma nova variante do vírus, ainda mais transmissível e letal, na República Democrática do Congo. Outros países africanos já foram afetados, enquanto a Suécia registrou o primeiro episódio importado da moléstia. A manifestação da OMS busca justamente evitar o escalonamento da crise, e o Brasil, assim como outras nações, já arma estratégias de defesa. Não se trata de um problema da África. A união de esforços é crucial para impedir que o novo micróbio se alastre pelo planeta.

Como já ficou provado diante de outras infecções, inclusive na pandemia de covid-19, o fim de um estado de emergência sanitária não significa que o patógeno tenha deixado de circular. A mpox é prova inconteste. O clado, como se chama o agrupamento de organismos advindos de um ancestral comum, vinha se mantendo o mesmo desde o surto de 2022. A partir de setembro do ano passado, de forma sorrateira, outro grupo viral passou a dar as caras. Nesse processo, silencioso e invisível, o agente infeccioso ganhou

O RETRATO DA DOENÇA

Nova cepa da zoonose viral elevou nível global de alerta sobre a infecção

C A U S A D O R

ORTHOPOXVIRUS

S I N T O M A S

ERUPÇÕES CUTÂNEAS, LESÕES NAS MUCOSAS, FEBRE, DOR DE CABEÇA, DORES MUSCULARES, FADIGA E INCHAÇO NOS GÂNGLIOS LINFÁTICOS

C O M P L I C A Ç Õ E S

PNEUMONIA, INFECÇÃO DA CÓRNEA COM PERDA DE VISÃO, INFECÇÃO GENERALIZADA (SÉPSIS) E MORTE

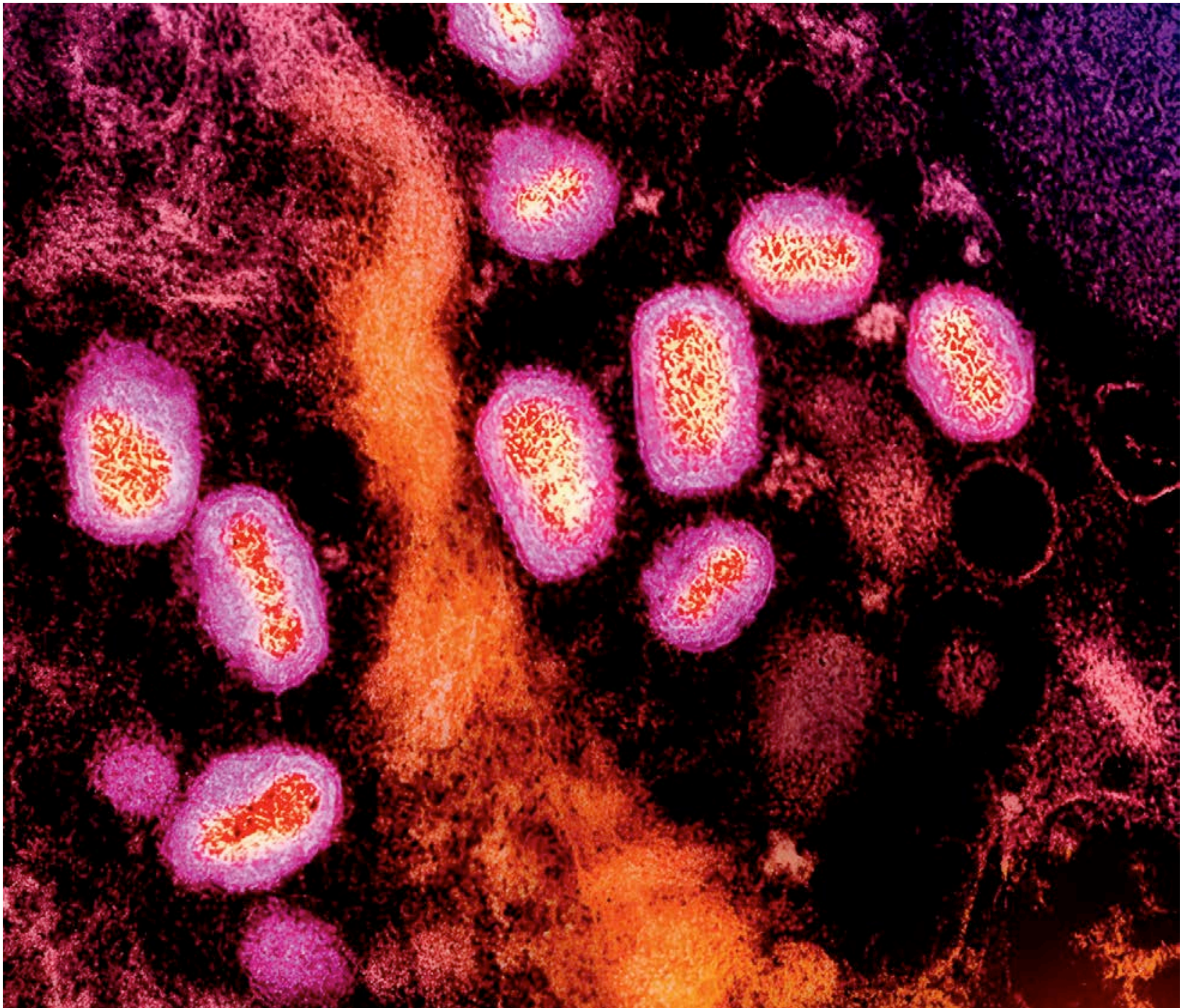
P R E V E N Ç Ã O

EVITAR O CONTATO PROLONGADO E ÍNTIMO COM PESSOAS INFECTADAS, MANTER O ISOLAMENTO SE ESTIVER COM O VÍRUS, USAR PRESERVATIVO NAS RELAÇÕES SEXUAIS

T R A T A M E N T O

USO DE ANTIVIRAIS, INCLUSIVE O INDICADO PARA VARÍOLA, E VACINAÇÃO APÓS O CONTÁGIO

Fonte: *Organização Mundial da Saúde (OMS)*

NIH–NIAID/BSIP/GETTY IMAGES

MUTAÇÃO Mais letal: linhagem atual pode causar a morte de 10% dos infectados

uma roupagem mais letal. Enquanto a cepa anterior matava 1% dos acometidos, a nova versão chega a alarmantes 10%.

A mpox tem uma prima que foi devastadora para a humanidade, chegando a ceifar a vida de 30% das pessoas infectadas: a varíola. Mas, com intensas ações de vacinação, ela foi erradicada em 1980. Assim como a varíola, a mpox é transmitida por contato, e a variante atual parece ser mais bem-sucedida nesse sentido. Já assistimos a esse filme... “Quando o vírus começa a replicar muito, ele se espalha

WOLFGANG WEIHS/DPA/GETTY IMAGES

EXEMPLO Criança vacinada: varíola, prima da mpox, foi detida com imunização

mais rápido", afirma a imunologista Ester Sabino, professora titular da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

Apenas neste ano, doze países da África confirmaram 2 863 casos e 517 mortes, com os episódios se concentrando na República Democrática do Congo. Quatro países vizinhos — Uganda, Burundi, Ruanda e Quênia — notificaram a nova linhagem pela primeira vez e, em todo o continente, os casos suspeitos superam 17 000. Esse é um reflexo de dificuldades encontradas na região. Um dia antes da declaração da OMS, o diretor-geral do Centro Africano de Controle

e Prevenção de Doenças (Africa CDC), Jean Kaseya, fez um chamado global: “Nós convocamos vocês para ficarem conosco nesta hora crítica. A África está há muito tempo na linha de frente contra as doenças infecciosas, frequentemente com recursos limitados”. Seu pedido de ajuda também porta um alerta. “O mundo não pode se dar ao luxo de fechar os olhos para esta crise.”

Ainda que a principal via de transmissão da mpox seja o contato pele a pele ou por relações sexuais (a doença produz lesões que lembram bolhas e tomam o corpo), seu controle impõe desafios. O cenário ideal seria contê-la com imunização. Mas as vacinas, tanto para mpox quanto para varíola humana, ainda são escassas. Nesse contexto, deve ser mantida a máxima de resguardar os mais vulneráveis. Por isso, a União Europeia anunciou a doação de 215 000 doses, incluindo 40 000 cedidas pela farmacêutica dinamarquesa responsável pelo produto. Mas o repasse ainda está aquém da demanda para deter o surto na África — um montante calculado em 10 milhões de doses. “É preciso ter um plano e um financiamento globais para conter essas doenças no local de origem”, diz a microbiologista Natalia Pasternak, professora da Universidade Columbia, nos EUA, e presidente do Instituto Questão de Ciência. “Não adianta os países ricos comprarem vacina só para proteger sua população.” Covid-19, gripe aviária, mpox… Se o avanço de patógenos emergentes nos ensina alguma coisa, é que não podemos pensar em fronteiras se quisermos salvar vidas. ■

GUERRA E PAZ

Novo estudo defende a tese de que os neandertais não foram extintos, mas, sim, absorvidos pelo *Homo sapiens* por meio de interação e convivência ao longo dos séculos **AMANDA PÉCHY**

PARENTES Funcionária vê modelo de neandertal em museu: história de coexistência e procriação com quem veio depois

WILL OLIVER/PA IMAGES/GETTY IMAGES

DURANTE SÉCULOS, o senso comum ditou que os neandertais, a espécie humana mais próxima da nossa, foram extintos há 40 000 anos por terem levado a pior na competição por recursos ou em violentas disputas territoriais. Em 2010, o geneticista sueco Svante Pääbo provocou um cataclismo na ciência evolucionista tal qual era conhecida ao decodificar pela primeira vez o genoma de um neandertal e confirmar que, em vez de inimigos mortais, há milhares de anos eles e os *Homo sapiens* fizeram sexo e tiveram filhos. A evidência irrefutável, obtida a partir da comparação entre o espécime ancestral e populações atuais, é que há de 1% a 4% de DNA neandertal em cada uma de nossas células, descoberta que rendeu a Pääbo o Nobel de Medicina. A partir daí, um grande enigma tomou forma: se houve tal convivência entre os dois, por que os neandertais desapareceram? Um estudo recém-publicado na prestigiada *Science* abre uma controvérsia quase certa ao responder que a história não foi bem assim. "Não se trata de extinção. Os neandertais foram absorvidos pelos *sapiens*", disse a VEJA Joshua Akey, geneticista da Universidade Princeton e autor da pesquisa.

Para descobrir quanto as espécies humanas interagiram, o estudo comparou, por meio de uma ferramenta que usa inteligência artificial para decodificar DNA, o material genético de 2 000 pessoas vivas com os únicos três genomas neandertais preservados: um indivíduo encontrado na Croácia, que viveu há 52 000 anos, outro da Sibéria, de

80 000 anos, e um terceiro também da Rússia, de 120 000 anos de idade. A análise identificou, pela primeira vez, múltiplas ondas de mistura de DNA entre humanos modernos e neandertais. A mais antiga aconteceu há 200 000 anos, quando *sapiens* da África chegaram à Europa dos neandertais e com eles tiveram bebês a quem transmitiram 10% de seus genes.

Há cerca de 120 000 anos, o clima ameno fez surgir uma ponte terrestre entre a África e a Península do Sinai e outra leva de *sapiens* saiu em busca de comida e territórios *(leia na Carta ao Leitor desta edição).* A interação com neandertais foi menor e os descendentes herdaram apenas 0,5% do DNA. Por fim, o fluxo deu uma guinada e há 50 000 anos os *sapiens* adquiriram até 10% do genoma irmão. “Agora sabemos que humanos modernos viveram ao lado de neandertais por quase toda a sua história”, resume Akey. Competição e guerras existiram, mas não impediram a mistura genética.

As descobertas reforçam a teoria da assimilação proposta em 1984 pelo paleoantropologista americano Milford Wolpoff, segundo a qual o *Homo sapiens* procriou com neandertais quando se espalhou pela Europa até as duas populações se fundirem. Ao mesmo tempo, decreta a extinção, essa, sim, da muito divulgada teoria da substituição, que prega que as duas espécies humanas teriam anatomias, hábitos de acasalamento e até mesmo odor corporal distintos. Ou seja: mesmo que um Romeu neandertal e

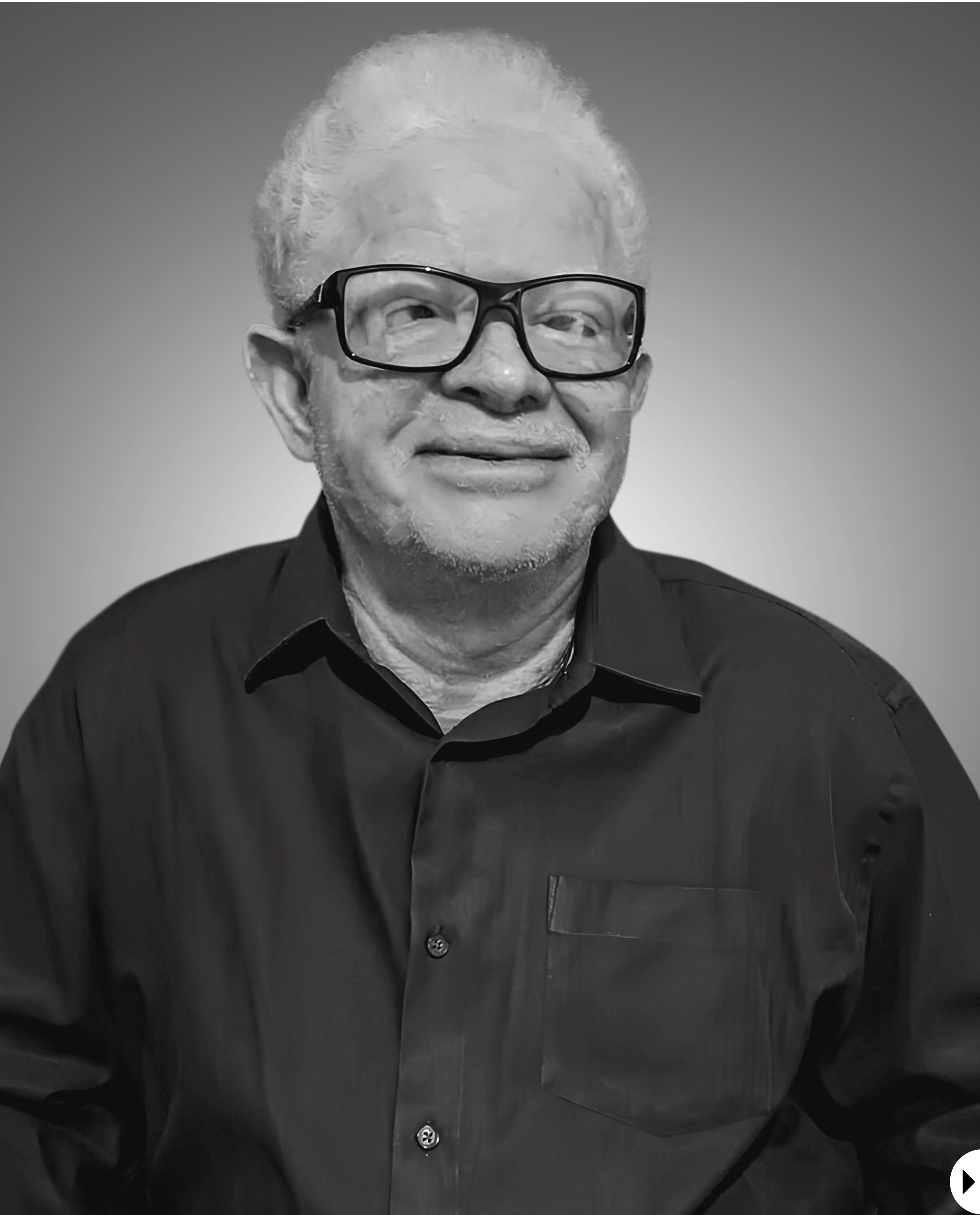
IVANM77/DEPOSIT PHOTOS/IMAGEPLUS

ANTEPASSADOS Crânios de cada espécie: a evolução dos homens das cavernas revelada pelo desenho dos cérebros de diferentes períodos

uma Julieta *sapiens* se apaixonassem, não poderiam gerar descendentes férteis. A explicação mais provável deve estar entre os dois extremos. “A realidade biológica não é em preto e branco”, alerta Yuval Noah Harari em *Sapiens — Uma Breve História da Humanidade.*

Alguns fatores explicam por que os *sapiens* prevaleceram. O primeiro é matemático: o estudo da *Science* afirma que a população de neandertais era 26% menor do que se pensava — menos de 2 500 indivíduos distribuídos em pequenas tribos isoladas pela Europa, enquanto 50 000 sapiens povoavam o mundo. Como uma gota de vinho em um balde de água, o DNA ancestral foi diluído ao longo das ge-

rações. Além disso, os *sapiens* tinham a vantagem de apresentar maior variação genética e, portanto, maior chance de sobrevivência. Outra característica extrapola a biologia. Em briga de um para um, provavelmente o neandertal derrotaria o *sapiens*, mas sua capacidade cognitiva era menor. Humanos modernos foram capazes de desenvolver uma realidade imaginada e, sob esse guarda-chuva de mitos e histórias, unir grupos de pessoas dispostas a cooperar entre si. Diz Harari: “Isso abriu uma via expressa de evolução cultural, contornando os engarrafamentos da evolução genética”.

Isso não quer dizer que os neandertais fossem humanos de segunda categoria. Outrora estereotipados como lentos e estúpidos, o típico “homem das cavernas”, são agora vistos como caçadores habilidosos e fabricantes de ferramentas, que tratavam os ferimentos uns dos outros com técnicas sofisticadas. Eram mais musculosos, tinham cérebros maiores e estavam adaptados para prosperar no gelado clima europeu. Um estudo publicado no periódico *Plos One* mostrou ainda que sabiam controlar o fogo, usado para cozinhar. “A vaidade de nos considerarmos superiores nos impediu por muito tempo de reconhecer que, na verdade, não somos tão diferentes assim”, diz o bioantropólogo Danilo Bernardo, professor de arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande. Os neandertais desapareceram para sempre, mas sua genética segue viva em nós. E quem sabe o último da espécie não tenha sido um indivíduo solitário, mas alguém que tinha a seu lado um *sapiens*. ■

A GENTE MORRE PELA NEGLIGÊNCIA DO ESTADO

O baiano Joselito Pereira da Luz, de 68 anos, transformou a condição que carrega, o albinismo, em luta por direitos

NASCI COM ALBINISMO oculocutâneo, uma condição que causa o déficit total ou parcial de melanina, aquele pigmento que dá cor aos olhos e à pele e nos protege da exposição aos raios solares. O que me diferencia de uma pessoa pigmentada é simplesmente a necessidade de ter de tomar cuidados específicos com o corpo. Não somos doentes, mesmo que muitos nos vejam assim. Infelizmente, a inserção do albinismo na Classificação Internacional de Doenças (CID) acaba reforçando estigmas e trazendo uma percepção errônea. O que a gente precisa é de inclusão social, acessibilidade e políticas de apoio que reconheçam nossas demandas e limitações. Muitos de nós, por exemplo, precisamos de ambientes adaptados para baixa visão e de uma proteção constante contra o Sol.

Foi por isso que passei a integrar a Associação das Pessoas com Albinismo na Bahia (Apalba), o Conselho Estadual de

Saúde da Bahia e o Coletivo Nacional das Pessoas com Albinismo. Queremos que a Organização das Nações Unidas (ONU) enquadre o albinismo na Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, no artigo 1º, classificando a condição como um impedimento de longo prazo que, junto às barreiras existentes, bloqueia o exercício pleno da cidadania. A deficiência está com você, ela nasce com você, vai morrer com você e, normalmente, não tem cura. Ela faz parte da nossa vida.

Como muitas outras pessoas que vivem com deficiência, somos invisibilizados pelo Estado. O IBGE nunca sequer quantificou os indivíduos com albinismo no país. Sabemos quantos carros e geladeiras existem, mas não quantos de nós existem. E olha que fazemos parte de toda a população, estando presentes entre raças, etnias e faixas etárias diversas. Nenhum governo nunca se preocupou com isso, ainda que seja uma questão de Estado. Em 2022, foi publicada uma primeira estimativa, indicando que somos 21 000 brasileiros com albinismo, mas esse é um número impreciso e subestimado.

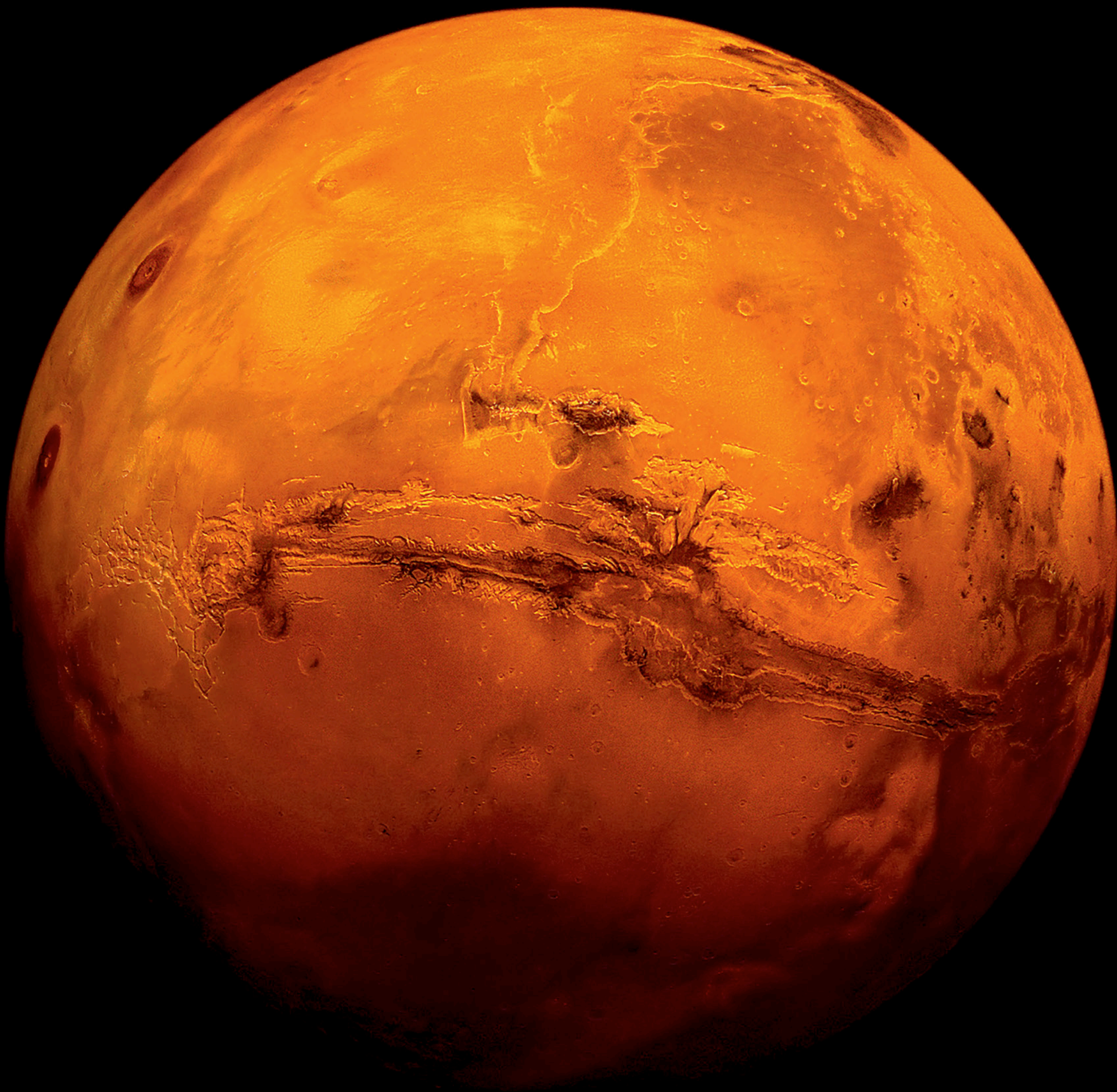
Por isso, a gente luta para conscientizar tanto quem tem como quem não tem albinismo. Gosto de pensar que é uma cadeia de cuidados. Não tem outra forma de prevenir as sequelas da condição. Eu tenho sequelas porque não tive orientação lá atrás. Me expus ao Sol enquanto pude, não queria ter uma vida isolada, me esconder do mundo. Você quer ir à praia, quer se divertir. Mas, sem o autocuidado e a proteção da pele, adoecemos. Pessoas com albinismo morrem mais de câncer de pele, e isso é inaceitável.

As sequelas são cruéis, assim como as pessoas. Crescemos numa sociedade que inferioriza as minorias. Muitos se assustam com as pessoas com albinismo, não querem compartilhar espaços, se sentar ao lado delas, olham torto na rua. Já recebemos depoimentos de pessoas apedrejadas na Bahia. É preciso esclarecer que somos seres humanos plenamente capazes, que podem estudar e trabalhar. O que falta é oportunidade. Não é incomum ver cidadãos que não conseguem concluir os estudos, seja por bullying ou exclusão em sala de aula. Como consequência, não se qualificam e têm de assumir trabalhos inadequados, virando mão de obra debaixo do Sol.

É fundamental mudar essa realidade. A Apalba começou esse debate em 2001. E da sua luta resultou a criação da Associação Nacional, bem como, em 2023, uma grande vitória com a aprovação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas com Albinismo pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS). Agora estamos na fase de discutir a criação de uma linha de cuidado integral à saúde das pessoas com albinismo no SUS. Se conseguirmos, o Brasil será pioneiro no cuidado à saúde desse grupo populacional. Hoje, quando a pessoa com albinismo chega ao serviço público, já está com a saúde comprometida, foi mutilada por cirurgias. Gasta-se muito com procedimentos complexos para a remoção de um câncer, mas nenhum centavo para fornecer protetor solar a quem vive em maior vulnerabilidade. Ninguém morre de albinismo, a gente morre pela negligência do Estado. ■

Depoimento a Ligia Moraes

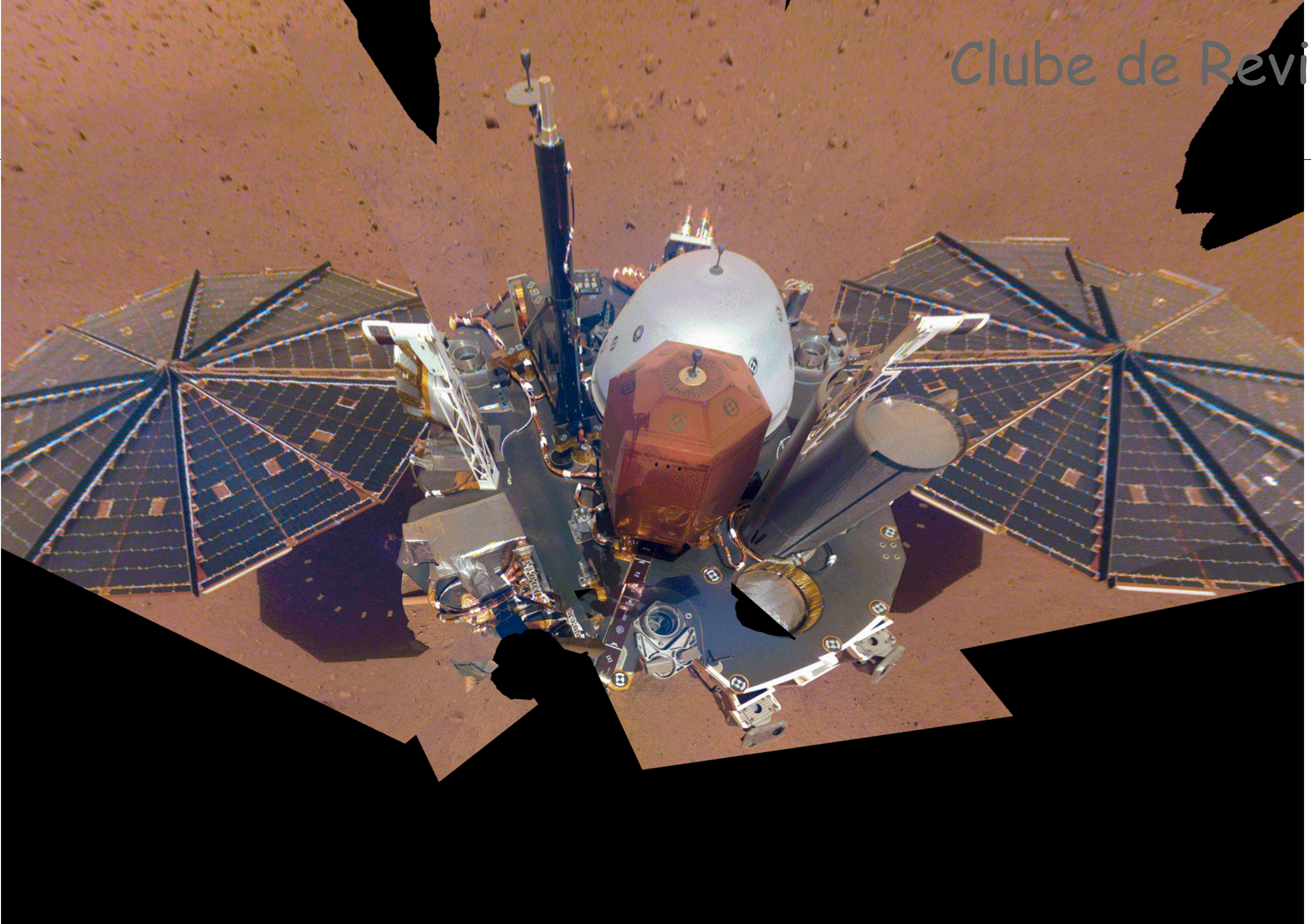
OÁSIS VERMELHO

Dados colhidos pela Nasa revelam a possível existência de um oceano debaixo da superfície árida de Marte — e seguimos alimentando a busca por vida extraterrestre **LUIZ PAULO SOUZA**

MAR SUBTERRÂNEO O planeta: água e vida a quilômetros de profundidade?

STOCKTREK IMAGES/GETTY IMAGES

COM UMA SUPERFÍCIE fria, desértica e seca, Marte é um dos planetas mais hostis à vida, como sempre reafirmou a ciência do espaço. Contudo, nem sempre foi assim. Há 4 bilhões de anos, quando a Terra começava a abrigar os primeiros microrganismos, o vizinho rubro ainda era razoavelmente habitável, tinha atmosfera aquecida, campo magnético protetor e rios fluindo por todos os cantos.

O destino daqueles jorros de água é um mistério. Há quem acredite que um grande asteroide ou até o crescimento descontrolado de alguma forma de existência possa ter causado uma mudança atmosférica repentina e a consequente evaporação dos líquidos. Agora, no entanto, uma nova teoria ganha força. A sonda InSight, da Nasa, colheu dados, entre 2018 e 2022, que revelam haver debaixo da crosta marciana, a 15 quilômetros de profundidade, um extenso oceano, sugerindo que os fluidos da superfície tenham sido absorvidos pelo solo — e não transformados em gases espraiados pela órbita. "Entender os ciclos hídricos de Marte é crucial para a compreensão da evolução e da habitabilidade do planeta", disse a VEJA o astrobiólogo Fabio Rodrigues, professor do Instituto de Química da USP.

A revelação joga luz sobre a história marciana e, no limite, ilumina também a trajetória da Terra. Ao analisar dados sísmicos, registros de meteoros e pequenos terremotos, a sonda conseguiu determinar que, acima do núcleo, há uma imensa camada de rochas produzidas a partir do fogo, de magma solidificado, que, provavelmente, estão repletas de água. Essa

JPL-CALTECH/NASA

INVESTIGAÇÃO A sonda InSight: entre 2018 e 2022, análise de ondas sísmicas

conclusão foi extraída de exames complexos, que misturam o estudo das rochas a minuciosos cálculos matemáticos, ancorados em algoritmos.

É aventura geológica fascinante, capaz de alimentar uma busca eterna do ser humano, a resposta a uma pergunta que não quer calar, costura de poemas, romances e filmes: afinal, há vida extraterrestre? Os cientistas afirmam que, embora a superfície fria e seca de Marte seja estéril, a camada úmida sob a crosta, quente e rica em minerais e compostos orgânicos, pode, sim, ser de algum modo habitável — a exemplo dos lençóis freáticos e fontes hidrotermais encontrados aqui embaixo, distantes dos olhos. “A água é necessária para a vida como a conhecemos”, resume Michael Manga, pesquisador da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e coautor do estudo publicado no *PNAS*, publicação oficial da Academia

Americana de Ciências. “Não encontramos ainda nenhuma evidência de vida em Marte, mas pelo menos identificamos um lugar que, em princípio, seria capaz de sustentar vida.”

A recente descoberta se soma a uma extensa lista de outros trabalhos que dão suporte à possibilidade de algo como nós mesmos no planeta vermelho. Em um comunicado recente, a Nasa foi direto ao ponto: a sonda Perseverance encontrou no planeta uma possível bioassinatura, nome dado a compostos produzidos exclusivamente por seres vivos e que são indicativos de atividade biológica. Essa espécie de marca foi descoberta numa rocha batizada com o nome de Cheyava Falls e consiste em moléculas orgânicas e um composto de fosfatos e ferro que, na Terra, estão relacionados à fossilização de micróbios que um dia viveram na superfície. Várias outras evidências ainda apontam para a presença no solo marciano dos ingredientes químicos essenciais para a vida — os CHONPS, sigla em inglês que reúne a primeira letra dos símbolos de carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio, fósforo e enxofre.

Um longo caminho será percorrido até que se comprovem todas as teses. Cavar um túnel de mais de 15 quilômetros, em busca da água, seria inviável até mesmo na Terra. É, portanto, solução impossível, por ora. Será preciso muito tempo para que se colham moléculas que a probabilidade indica existirem. Enquanto isso, e não é pouca coisa, trabalha-se com a expectativa, o bem-vindo combustível para a imaginação. E seguimos na lida para quem sabe, um dia, descobrirmos não estar sós, irremediavelmente sós. ■

PARADOXO PARALÍMPICO

Por que o Brasil, país que trata tão mal as pessoas com deficiência física no cotidiano, é uma potência mundial na disputa pelo pódio? **LUIZ PAULO SOUZA** E **MARÍLIA MONITCHELE**

NA ÁGUA A nadadora Carol Santiago: "O que era um grande sonho já está se concretizando em resultados reais"

ALESSANDRA CABRAL/CPB

É UMA CONTRADIÇÃO evidente. No Índice de Inclusão Global (GDI), relatório anual publicado pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil apareceu em 2023 em constrangedora 60ª posição entre os países respeitosos — ou desrespeitosos, sublinhe-se — com as diferenças. No entanto, nas Paralimpíadas, brasileiros despontam sempre entre os oito primeiros colocados no rol das medalhas de ouro, prata e bronze. É assim desde 2012, em Londres *(veja no quadro),* e tudo indica que será essa a toada nos Jogos Paralímpicos de Paris, previstos para começar em 28 de agosto. Haverá a comoção habitual e merecida, retratos de vitórias de vida, registros de superação e persistência, ainda que não venham a ter a mesma ribalta da Olimpíada emoldurada pelo Rio Sena.

Mas, afinal de contas, como o Brasil consegue vencer fosso tão profundo e, das dificuldades de um país ferido a bala e em acidentes de trânsito, subir ao pódio? Não é movimento, insista-se, que desponte em grande escala entre a turma vencedora de Rebeca Andrade, Beatriz Souza, Ana Patrícia e Duda. "Quando se fala em bons resultados a nível mundial, é impossível não mencionar o Brasil", disse a VEJA o velocista Petrúcio Ferreira, recordista mundial nos 100 metros e 200 metros rasos, que perdeu parte do braço esquerdo em uma máquina de moer capim, aos 2 anos de idade. "É resultado do trabalho de preparação voltado ao alto rendimento, que nos permite ter bom desempenho."

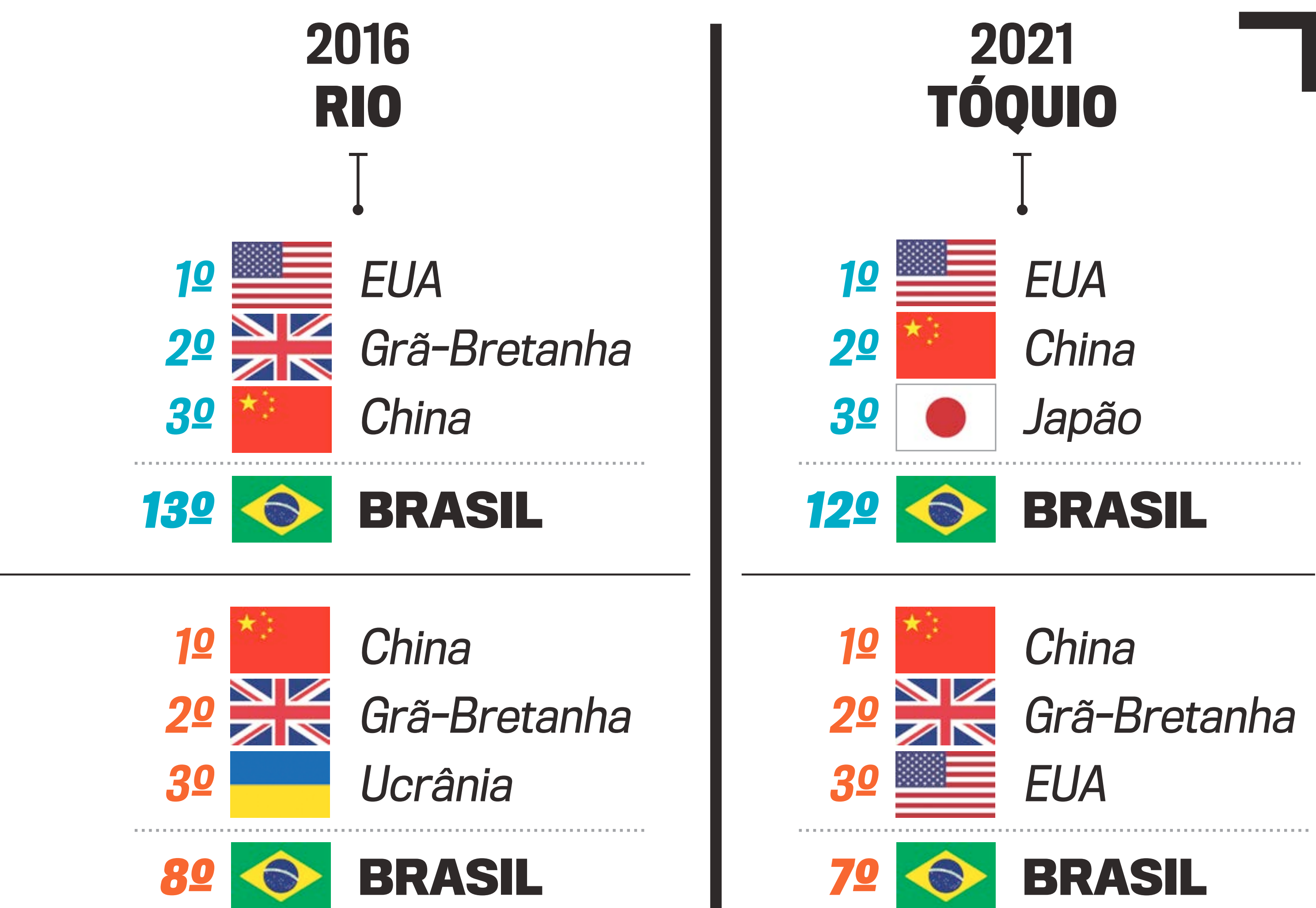
PATAMARES DISTINTOS

O desempenho nos últimos três ciclos

2012 LONDRES

	Posição	País
JOGOS OLÍMPICOS	1º	EUA
	2º	China
	3º	Grã-Bretanha
	22º	**BRASIL**
JOGOS PARALÍMPICOS	1º	China
	2º	Rússia
	3º	Grã-Bretanha
	7º	**BRASIL**

A receita do sucesso tem uma longa lista de ingredientes. Um dos marcos fundamentais foi a criação da Lei Agnelo Piva, em 2001, que prevê a destinação de parte do dinheiro arrecadado pelas loterias federais ao esporte, tanto olímpico quanto paralímpico. Embora a divisão inicial tenha favorecido o esporte olímpico, o montante destinado à preparação de atletas com deficiência conseguiu impulsionar o desenvolvimento das modalidades, e isso graças a uma iniciativa em particular, de investimento muito bem feito: a construção do Centro de Treinamento Paralímpico do Brasil, em São Paulo. A obra foi oficializada em janeiro de 2013 e a inauguração ocorreu dois anos depois. É o

2016 RIO		2021 TÓQUIO	
1º	EUA	1º	EUA
2º	Grã-Bretanha	2º	China
3º	China	3º	Japão
13º	**BRASIL**	12º	**BRASIL**
1º	China	1º	China
2º	Grã-Bretanha	2º	Grã-Bretanha
3º	Ucrânia	3º	EUA
8º	**BRASIL**	7º	**BRASIL**

maior legado esportivo dos Jogos Rio 2016 e uma das instalações mais completas de todo o mundo, em igualdade de condições com lugares de treinamento de países nórdicos. O espaço, um colosso em dimensão, equivalente a dez campos de futebol, virou ponto de encontro para atletas de dezessete modalidades esportivas, que, junto com seus treinadores, se hospedam em um hotel de 300 leitos enquanto se preparam para competir.

Um outro bom caminho foi a descentralização de estruturas de apoio em diversos estados, o que explica a representatividade das delegações. Há unidades de treinamento espalhadas pelo país, com o objetivo de preparar

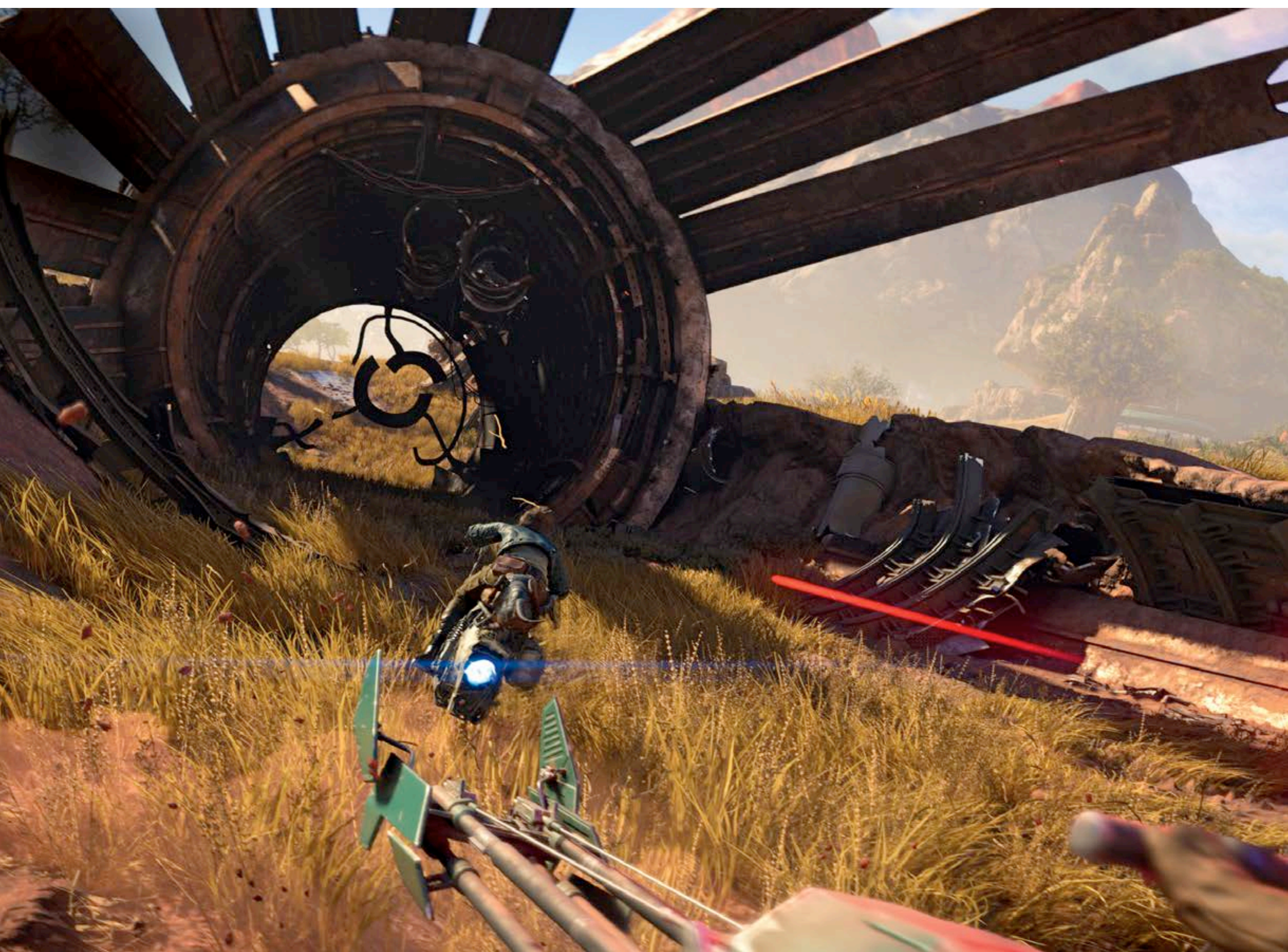
DOUGLAS MAGNO/CPB

NA PISTA O velocista Petrúcio Ferreira, dos 100 e 200 metros: preparação de alto rendimento

os atletas em seus locais de origem e angariar novas gerações paralímpicas. Incentivos governamentais, como Bolsa Atleta e Bolsa Pódio, também são distribuídos de forma equiparada entre os esportistas olímpicos e paralímpicos. “O Brasil tem consciência de como crescer, e a gente tem feito isso”, diz Carol Santiago, deficiente visual, campeã paralímpica de natação e recordista mundial dos 50 metros livre, que tem uma alteração congênita da retina. “O que era um grande sonho já está se concretizando em resultados reais.”

Mas o que talvez diferencie o Brasil é algo um tantinho impalpável, difícil de ser calculado na ponta do lápis — e que pode explicar a excelente performance. Em um canto do mundo em que as oportunidades para pessoas com deficiência são limitadas, o esporte é uma das poucas formas de inclusão e reconhecimento. Para muitos, o movimento paralímpico não é apenas uma carreira, sinônimo de glória, mas uma chance de porta aberta para a realidade apartada dos atropelos do cotidiano. “Para os atletas com deficiência, a primeira questão é a resiliência”, diz Mizael Conrado, presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro. “Principalmente quando se trata de um país em que você já nasce com a obrigação de ser um super-herói. Depois, é preciso muito incentivo, inclusive governamental, para atrair essas pessoas.” Tem funcionado, e funcionará novamente nas arenas parisienses. Mas convém depois fazer a rota inversa e usar as láureas dos atletas como alavanca para o cotidiano de cidadãos à margem, ingloriamente. ■

NUMA GALÁXIA PRÓXIMA

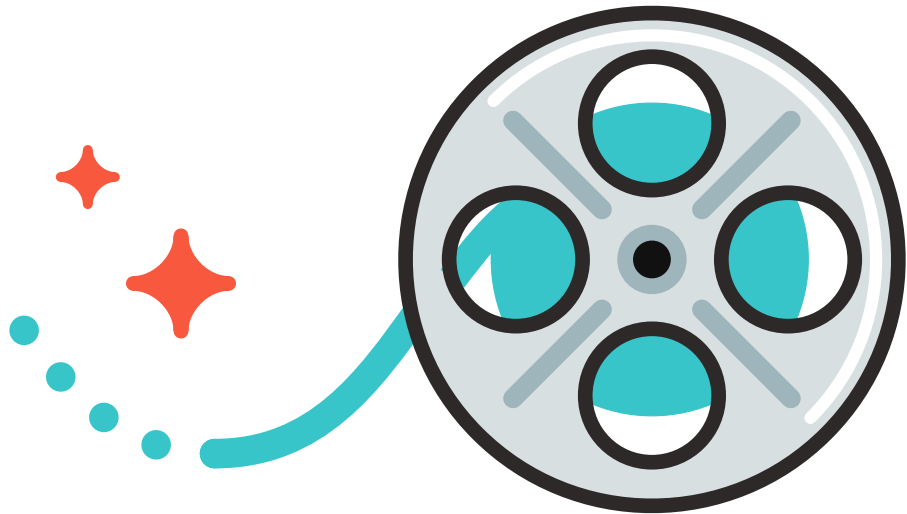
Detentora dos direitos de *Star Wars*, a Disney aposta todas as fichas em um novo jogo eletrônico que deve instalar os *gamers* definitivamente no mapa desse universo **ALESSANDRO GIANNINI**

DUPLA DINÂMICA Cenário de *Outlaws*, com Kay Vess sendo perseguida: ambientes familiares

UBISOFT/DIVULGAÇÃO

HÁ QUASE cinquenta anos, os cinemas americanos começaram a exibir *Star Wars* (1977), uma ópera espacial inovadora que revolucionou a indústria cinematográfica. Ambientada em uma galáxia muito, muito distante, a aventura seguia um jovem garoto de fazenda, Luke Skywalker (Mark Hamill), envolvido em um conflito galáctico entre o opressivo Império e a libertadora Aliança Rebelde. A saga criada por George Lucas cresceu, se multiplicou e furou a bolha do audiovisual, alcançando sucesso também nos livros, quadrinhos, desenhos, séries e por onde quer que se expandisse. Nos jogos eletrônicos, porém, nunca decolou de forma meteórica e cósmica que os fãs esperavam. Para mudar de uma vez por todas essa escrita, a aposta da Disney, que detém os direitos da história desde 2012, é o novo *Star Wars: Outlaws*, que começará a ser distribuído no próximo dia 30.

O jogo desenvolvido pela francesa Ubisoft se passa entre *O Império Contra-Ataca* (1980) e *O Retorno de Jedi* (1983), um espaço temporal pouco explorado na cronologia, quando ocorre a guerra civil entre os rebeldes e o Império. Os jogadores assumirão o papel de uma caçadora de recompensas chamada Kay Vess, claramente inspirada em Han Solo (Harrison Ford), a navegar no submundo criminoso da galáxia. A brincadeira foi projetada como uma experiência de mundo aberto, na qual é possível explorar diferentes planetas, assumir várias missões de caça a recompensas e fazer escolhas que influenciam a narrativa. “A equipe se concentrou na autenticidade pesquisando profundamente os mate-

A FORÇA DA SAGA

Números nos principais gêneros

FILMES

10,3 BILHÕES

DE DÓLARES ARRECADADOS EM BILHETERIA

LIVROS

100 MILHÕES

DE CÓPIAS DE TÍTULOS VENDIDOS MUNDIALMENTE

VIDEOGAMES

MAIS DE 100

GRANDES LANÇAMENTOS EM VÁRIAS PLATAFORMAS DESDE 1982

riais originais de *Star Wars,* incluindo arte conceitual e até os kits de modelos usados nos filmes", disse a VEJA Benedikt Podlesnigg, diretor de arte de *Outlaws.* "Essa abordagem nos ajudou a criar um jogo que parece uma extensão natural da trilogia original de George Lucas."

A história por trás de *Outlaws* ajuda a entender o investimento da Disney em um videogame com características que favorecem a experiência do jogador, colocando-o em cenários familiares da saga e ao lado de personagens que emulam os protagonistas originais. Desde 1982, foram lançados mais de 100 títulos inspirados no faroeste intergaláctico. Nenhum deles, no entanto, entregou satisfatoriamente o que promete a Ubisoft, gigante francesa responsável por franquias de respeito como *Assassin's Creed* e *Far Cry.* Especialista nessas aventuras em que os jogadores desbravam mundos inteiros e até universos, a empresa gastou cerca de quatro anos no formato do novo jogo eletrônico. "O valor de *Star Wars* em videogames está na capacidade de explorar o vasto universo da saga de forma interativa", diz Marthe Jonkers, também envolvida no desenvolvimento. "Os jogadores podem mergulhar no mundo, conhecer personagens e descobrir histórias ocultas, criando uma experiência envolvente."

Após um acordo de exclusividade de dez anos com a americana Electronic Arts, conhecida pelo defunto jogo *Fifa,* a Disney decidiu que títulos inspirados na saga, como *Battlefront* e *Jedi,* embora tenham se saído bem em termos de vendas, não estavam à altura do que os fãs mereciam. Além de diversificar

SUNSET BOULEVARD/CORBIS/GETTY IMAGES

ANTI-HERÓI Harrison Ford como o contrabandista Han Solo: inspiração

as parcerias, a gigante do entretenimento investiu cerca de 1,5 bilhão de dólares na Epic Games, do popular *Fortnite*, e deve trabalhar no cruzamento dessas mídias, trazendo títulos de jogos para o audiovisual, e vice-versa — como aconteceu há pouco com *Fallout*, que virou série na Amazon, e *Borderlands*, adaptado para a telona. "Os games podem alcançar diversos públicos em diferentes plataformas, como PC, consoles e mobile", afirma o analista Carlos Silva, professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). "Além disso, há um efeito sinérgico interessante entre games, filmes, séries e outros conteúdos." É o poder da força. ■

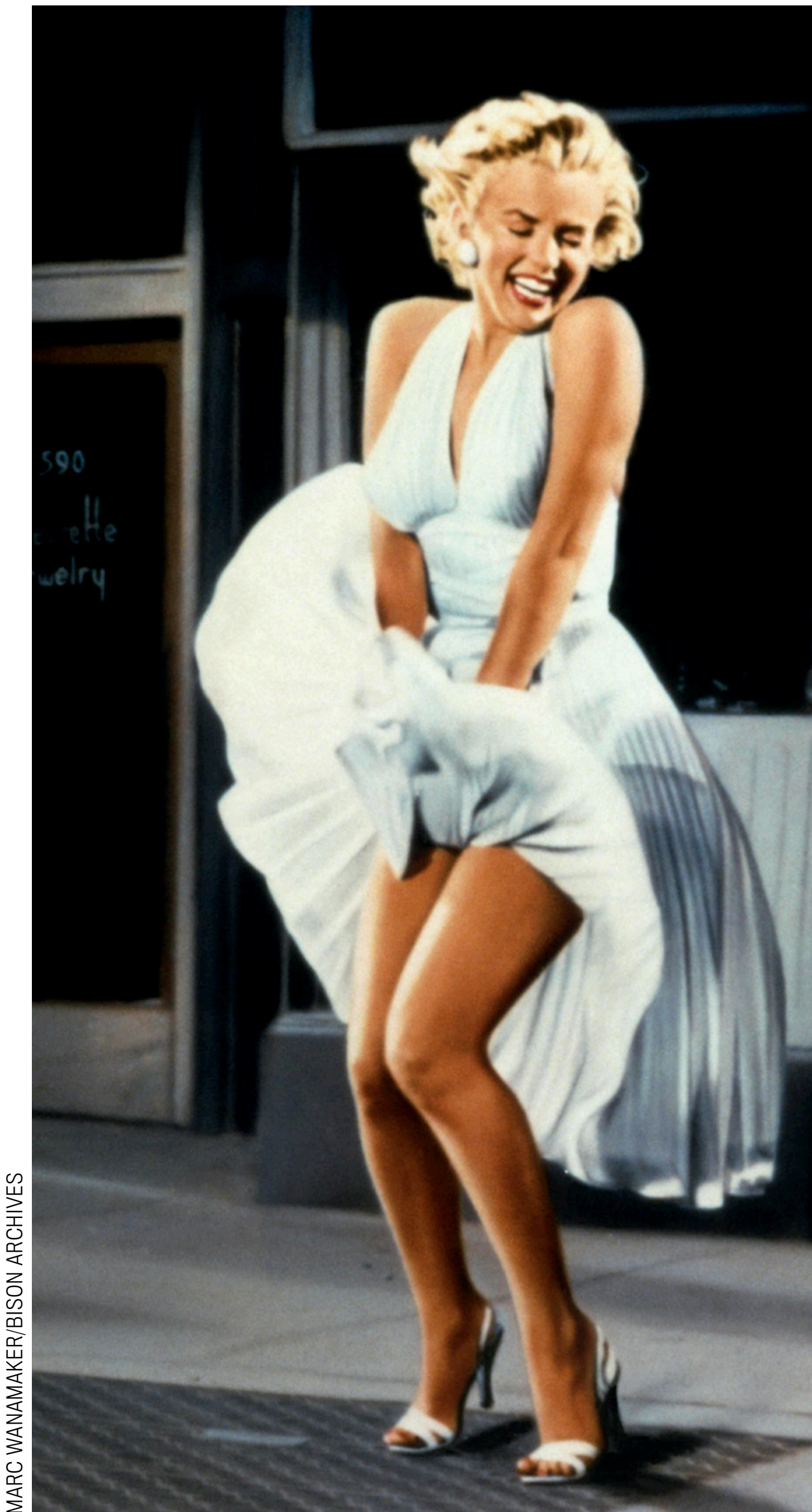
BARRY WETCHER/ TWENTIETH CENTURY FOX

REFERÊNCIA Anne Hathaway, Meryl Streep e Emily Blunt: bastidores cruéis

PASSARELA DO CINEMA

Com sequência confirmada, *O Diabo Veste Prada* reforça o apelo atemporal da moda em Hollywood, seja ela protagonista da história, seja apenas coadjuvante de luxo **SIMONE BLANES**

QUANDO *O Diabo Veste Prada* estreou, em 2006, o mundo da moda entrou em polvorosa. O barulho era esperado, dada a promessa de revelar os bastidores das passarelas e do cotidiano na redação da *Runway Magazine*, reputada revista de Nova York. Era tudo mentirinha, mas qualquer relação com os fatos reais não era mera coincidência. E dá-lhe exibir os intestinos do universo fashion, no avesso do glamour: sob o comando da temida Miranda Priestly (Meryl Streep), referência nada dissimulada à todo-poderosa Anna Wintour, a publicação ditava tendências, mas ao custo alto da sanidade de seus funcionários, como Andrea Sachs (Anne Hathaway no papel que a levou ao estrelato). O tema — seríssimo, apesar de envolto em humor — ajudou a promover acaloradas discussões sobre o poder no trabalho e outras diatribes igualmente mercuriais em torno das roupas. Era um filme de estilo tratando de estilo. O cinema, enfim, como plataforma de lançamentos.

Prepare-se, porque o anúncio da sequência, *O Diabo Veste Prada 2*, divulgado pela Disney, promete muita briga em torno do bom e do mau gosto. E voltemos, portanto, a um dos capítulos mais interessantes de Hollywood, o do namoro com o vestuário. Há exatos trinta anos, o diretor Robert Altman (1925-2006) reuniu um elenco poderoso, incluindo Anouk Aimée (1932-2024), Lauren Bacall (1924-2014), Marcello Mastroianni (1924-1996), Sophia Loren, Kim Basinger e Julia Roberts em torno de um assassinato que acontece em plena semana de moda de Paris. O filme *Prêt-à-*

MARC WANAMAKER/BISON ARCHIVES

PARAMOUNT PICTURES/CORBIS/GETTY IMAGES

ÍCONES Marilyn Monroe e Audrey Hepburn: roupas mais famosas que filmes

-*Porte*r, evidente sátira, teve enorme repercussão na época. Hoje, continua a cativar por ser um retrato fiel do mercado. Há um outro modo de vê-lo: como retrato da postura de outras gerações. "A moda é um belo marcador de tempo", diz a cineasta, apresentadora e atriz Marina Person. "Por ser uma forma de expressão muito evidente, acaba virando um elemento central na construção das personagens, da

história, da narrativa e do tempo em que se passa". E, claro, também de classes sociais, grupos e diferentes tribos.

Essa visão ajuda a entender por que, mesmo quando a moda não é o tema central, alguns filmes acabam se tornando mais conhecidos pelos looks usados pelos atores. O caso mais famoso é o do vestido branco, de frente única e saia plissada, esvoaçante como ele só, de Marilyn Monroe (1926-1962) em *O Pecado Mora ao Lado,* de 1955. Na comédia romântica, a trama nada tem a ver com moda, e sim com uma suposta infidelidade. Nem é tão conhecida assim, e atire a primeira pedra quem for capaz de descrevê-la. Mas aquele figurino, empinado pelo vento, aquelas pernas, ah... Não por acaso, a peça entrou para a história como o mais caro vestido do planeta, leiloado em 2011 por mais de 4,6 milhões de dólares. Era uma ode a Marilyn, sem dúvida, mas também à invenção dos irmãos Lumière.

E nem é preciso que os filmes sejam bons, ao contrário. Em *As Patricinhas de Beverly Hills*, de 1995, Cher Horowitz, personagem de Alicia Silverstone, foi alçada a ícone por seus visuais marcantes, em especial o lendário conjunto amarelo de terninho estruturado e minissaia xadrez da Dolce&Gabbana, que até hoje é inspiração para passarelas de marcas como Dior. A imagem de Audrey Hepburn (1929-1993) com seu atemporal "pretinho básico", criado por Hubert de Givenchy (1927-2018) para *Bonequinha de Luxo* (1961), é muito mais conhecida do que o enredo da garota de programa que quer se casar com um milionário,

DIVULGAÇÃO LANDMARK MEDIA/ALAMY/ OTOARENA

CONHECE, NÃO? Terninho xadrez amarelo e vestido vermelho: mesmo quem não assistiu aos filmes conhece os looks

escrita por Truman Capote (1924-1984). "A moda é sinônimo de cultura, é carismática e encantadora, palpável", diz a consultora Manu Carvalho. Em termos comportamentais, um belo figurino não só ajuda o filme a contar uma história, mas cria a identificação do cérebro humano com algo que pode ser replicado na vida real. É o segredo do porquê um desenho vira histórico e transpõe um filme. Quando Julia Roberts surgiu em um longo vermelhíssimo em *Uma Linda Mulher,* de 1990, o modelo não só ofuscou o romance do casal protagonista, como se tornou um dos mais copiados do mundo. Mesmo em tempos de redes sociais, o impacto de uma roupa de cinema é imbatível. ■

ENTRE TAÇAS E DISCOS DE VINIL

Com sistemas de som de primeira e menus variados de coquetéis, os bares voltados para a audição de boa música ganham espaço em diversas cidades do país **ANDRÉ SOLLITTO**

PROTAGONISMO Coleção de vinis do Domo, em São Paulo: espaço dividido com garrafas

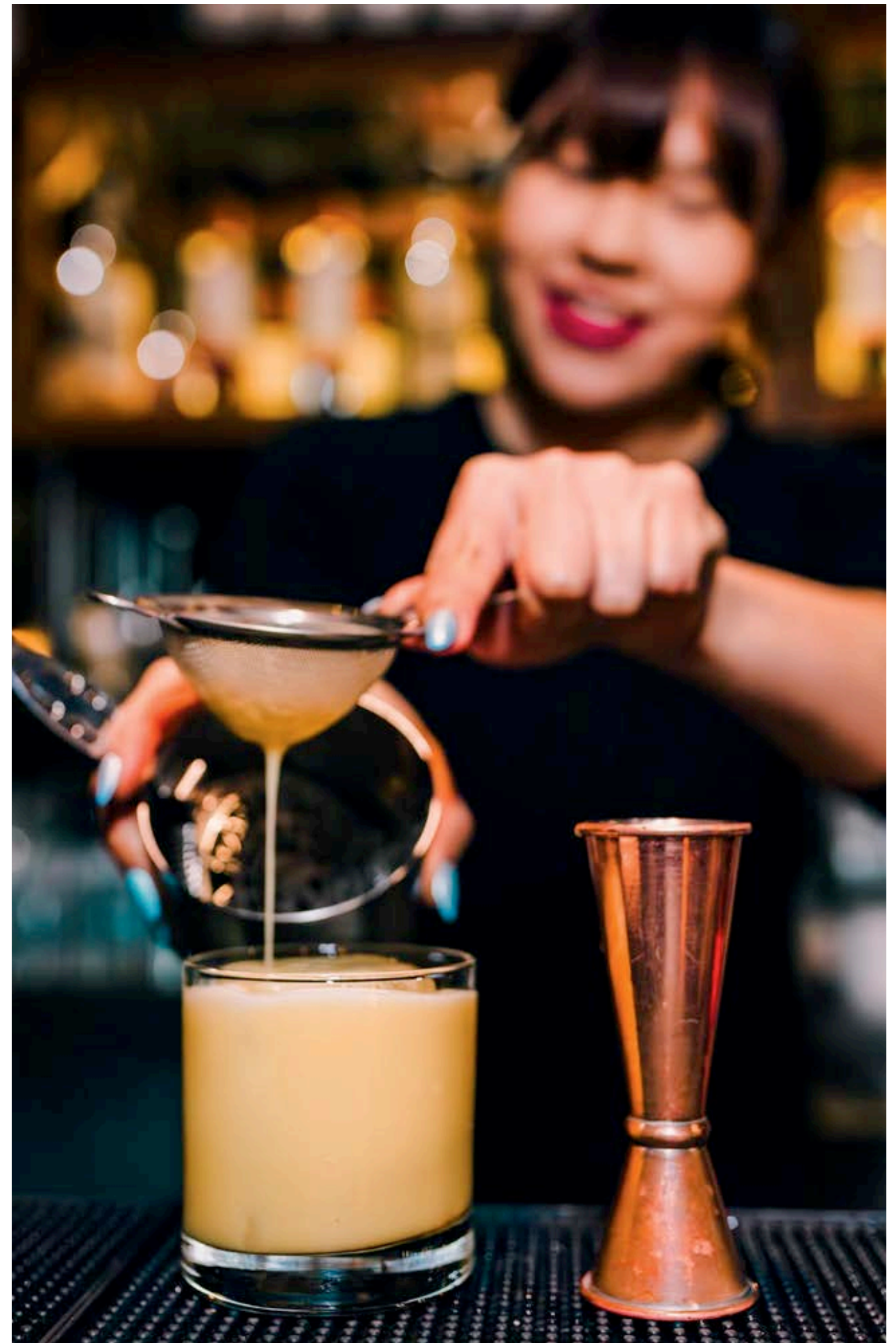
PEDRO KOK

ANTES DE se tornar o escritor japonês mais lido do mundo, eterno candidato ao Nobel de Literatura, Haruki Murakami teve um bar chamado Peter Cat. Obcecado por gatos e jazz, não necessariamente nessa ordem, ele juntou as duas paixões em um pequeno espaço sem janelas e meio sujo em Kokubunji, nos arredores de Tóquio. Durante o dia, Murakami e a mulher serviam café. Quando o sol caía, ofereciam comidas e coquetéis para os clientes. Nos finais de semana, organizavam apresentações ao vivo. No resto do tempo, ele mesmo escolhia a trilha sonora, a partir de um dos mais de 10 000 títulos de sua coleção particular. O negócio não era rentável, mas sobreviveu durante sete anos. Em entrevista ao *New York Times*, o autor justificou o esforço que fez para manter o espaço: "Ele me permitia ouvir jazz de manhã até a noite".

A devoção à música, não importa de onde venha — e a adoração pela bossa nova é inegável — faz parte da cultura nipônica. Não à toa, espaços como o Peter Cat são conhecidos como *jazz kissa,* ou "café de jazz". São locais a que os clientes vão para ouvir alguma coisa e beber, por vezes muito. O conceito "bares de audição" surgiu ainda na década de 1950, mas ganhou força com o passar do tempo. Em meados de 1970, apenas na cidade de Tóquio havia mais de 250 estabelecimentos do gênero. Nos últimos anos, passou também a inspirar outros bares ao redor do mundo.

A novidade: o modelo ganha tração no Brasil, depois de um tempo de discrição. O fenômeno começou em São Paulo,

INSTAGRAM @HONEYVOXHIFI

INSTAGRAM @ CELESTE_LAVRADIO

TENDÊNCIA Honey Vox HiFi, em Curitiba, e Celeste, no Rio: rápido crescimento

com o bar Caracol, inaugurado há cinco anos. No ano passado, no entanto, o conceito explodiu. Outras casas abriram, tanto na capital paulista quanto em outras cidades, como o Celeste, no Rio de Janeiro, e o Honey Vox HiFi, em Curitiba. A lista de estabelecimentos cresce, com variações. Algumas casas têm pista de dança. Outras têm mais mesas para o jantar. O Matiz, em São Paulo, mescla apresentações ao vivo e feiras de vinis. "A ideia é fomentar a cultura da música", diz Yuri Mendonça, um dos sócios do bar. "A reação na pista quando alguém toca com vinil é impagável. É diferente, tem um som muito mais quente, com maior refinamento."

Quem visita o Domo, localizado na região da Vila Buarque, também em São Paulo, precisa ficar atento para não perder a entrada, facilmente confundida com um dos prédios antigos do local. Dentro, no entanto, há um refúgio para os amantes da música. Atrás do alto balcão do bar há mais de quatrocentos vinis, que ocupam o lugar de destaque normalmente dedicado às fileiras de garrafas. Duas caixas de som, situadas dos lados do balcão, reproduzem com fidelidade os discos escolhidos pelo DJ convidado. A lista muda sempre e contempla tanto nomes nacionais quanto estrangeiros, como o argentino Luis Balcarce, responsável pelo selo independente Queruza. O projeto arquitetônico, pensado a partir das caixas de som, garante a acústica. “Toda a disposição do espaço, da curvatura da estante às placas de absorção, foi pensada para que a sala soasse viva”, diz Rodolfo Herrera, um dos sócios do Domo. “Não queríamos passar a impressão de estarmos em um estúdio, com uma acústica mais seca.”

Algumas adaptações, no entanto, são necessárias para que esses bares funcionem pelas plagas de cá. No Japão, a atenção é toda para os discos. A bebida é acompanhamento relevante, mas não decisivo. Por aqui, embora a música seja protagonista, é preciso garantir que os clientes consigam conversar e encontrem não apenas uma carta de coquetéis, mas também pratos de qualidade. No Domo, há um menu que mistura influências brasileiras e asiáticas assinado pela chef Gabriela Rodrigues. O sucesso desses bares, ressalve-

KEHRER VERLAG

ORIGEM *Jazz kissa* no Japão: bares do tipo surgiram ainda na década de 1950

se, não se deve apenas ao ambiente acolhedor ou à boa carta de coquetéis e ao menu variado. Há um interesse genuíno do público em ouvir trilha de qualidade, em toada que fuja do lugar-comum das plataformas de streaming, de mãos dadas com o atual gosto nostálgico pelos bolachões. “As pessoas ficam surpresas com a qualidade do som e com a quantidade de álbuns recentes que são lançados em vinil”, diz Herrera. “Muitos querem ver o disco girando e usam o aplicativo Shazam para descobrir a música que está tocando.” Vale uma frase de Arnold Schoenberg, citada com frequência por Murakami: “A música não é um som, mas uma ideia”. ■

O LEGADO DA ALEGRIA

Ao sair de cena, Silvio Santos deixou uma herança financeira bilionária e um negócio dos sonhos na TV para as seis filhas – um processo de sucessão que se realizou com surpreendente suavidade e que agora será testado em definitivo

KELLY MIYASHIRO

MAGO DA TV “Quem quer dinheiro?”: o símbolo das telas envolveu o público com seu carisma como ninguém

ROBERTO NEMANIS/SBT

Horas após a morte de Silvio Santos, no sábado 17, aos 93 anos, sua família deu uma prova de fidelidade ao comunicador. Para decepção de muitos fãs, o clã anunciou que não haveria velório aberto: em respeito à vontade do maior ícone da TV brasileira, ele seria sepultado com discrição em uma cerimônia tradicional judaica para os íntimos. Logo em seguida, porém, a viúva Iris e as seis filhas de Silvio — Cintia, Silvia, Daniela, Patricia, Rebeca e Renata — tomaram outra decisão que, dessa vez, ia contra as instruções do homem do Baú. Avesso a bajulações, Silvio desejava que sua emissora, o SBT, não fizesse homenagens quando ele morresse. O canal hesitou, mas, diante da comoção, a família autorizou que se derrubasse sua programação para dar lugar a uma cobertura de tributos a Silvio. As filhas ousaram desobedecer para fazer aquilo que o pai lhes ensinara a vida inteira: a brigar por audiência com tenacidade — afinal, o SBT estava entregando ibope para a concorrente Globo, que se adiantou com programas especiais.

Nos bastidores do império empresarial de Silvio, a postura das herdeiras não surpreendeu. Ao menos uma década antes de sua partida, causada por uma broncopneumonia decorrente de infecção pelo H1N1, o apresentador iniciara uma transição de poder para as filhas que a princípio despertou ceticismo, dadas as idas e vindas típicas do patrão — mas acabou tendo desenlace suave. A tal ponto que muitos, no mercado de comunicação ou na audiência, nem se deram conta de que Silvio, o visionário onipresente nos negócios

ROGÉRIO PALLATTA/SBT

O CLÃ Com Patricia, Cintia, Daniela, Iris, Renata, Rebeca e Silvia: transição

por seis décadas, andava afastado do dia a dia nos anos recentes. Conforme revelou a VEJA uma fonte próxima à família, a pandemia de covid-19 teve papel determinante nisso. Tão logo veio o lockdown, Silvio sumiu por mais de um ano das telas. Quando retornou, já estava na trilha da aposentadoria. Apesar da repulsa à palavra “sucessão”, ele mudou sua percepção com a pandemia — que o deixou aterrorizado com a ideia de morrer e o fez desacelerar o ritmo até parar, saindo de cena à francesa, após gravar uma última edição do *Programa Silvio Santos,* em 2022, passando o comando à filha Patricia Abravanel.

ACERVO SBT

LARGADA No rádio: o começo de um mito

A transição de poder no SBT e demais empresas do grupo — da Liderança Capitalização ao Baú da Felicidade, passando pela fabricante de cosméticos Jequiti — incluiu expedientes convencionais nesse tipo de mudança, como a contratação da consultoria americana McKinsey no início do processo, em 2015. Mas o rito seguiu um estilo bem Silvio Santos. Os cargos de chefes ou apresentadoras não foram entregues de mão beijada às filhas: o pai quis assegurar que cada herdeira provasse seu valor começando "de baixo". Patricia deflagrou sua jornada fazendo pequenas peças publicitárias da Jequiti, enquanto as outras, como Silvia e Renata, também começaram na pro-

TOBIAS VACLAV/SBT

VIRADA Primórdios do Baú: um astro do povão

dução de programas e como trainees da empresa até assumirem postos dentro do Grupo Silvio Santos. Hoje, Daniela responde pela programação do SBT, mas é a caçula Renata quem foi escolhida para tocar com autonomia os negócios, sendo a presidente do conselho que rege o conglomerado.

O maior desafio que as Abravanel vão enfrentar a partir de agora — além da divisão de um patrimônio estimado em mais de 1,6 bilhão de reais, segundo a *Forbes* — é provar que são capazes de manter a roda mágica criada pelo pai girando. Silvio, como se sabe, descortinou um mundo admirável e altamente lucrativo a partir do zero: foi camelô e locutor de rádio

até herdar do colega Manuel de Nóbrega o falido Baú da Felicidade, nos anos 1950. O pulo do gato que fez da empresa de carnês um grande negócio e depois pautou toda sua trajetória na TV foi a decisão de se assumir como um comunicador popular, abraçando o povão e seus anseios sem pudor — e lhe oferecendo pílulas de escapismo em atrações que iam do *Show de Calouros* ao reality *Casa dos Artistas*.

Ocorre que os tempos são outros, e cabe às filhas adaptar essa filosofia vencedora ao público da era das redes sociais. Estratégias não faltam. Nos últimos anos, Daniela, atualmente CEO do SBT, investiu mais de 100 milhões de reais para reformular a grade da emissora, contratou influenciadores para estrear novos programas e agora põe em prática sua ideia mais ambiciosa: o serviço de streaming gratuito +SBT, que agregará em seu catálogo programas antigos da casa e produções inéditas, começando com um carro-chefe providencial: a minissérie documental *Silvio Santos Vale Mais do que Dinheiro* — projeto que irritou Silvio no começo, mas teve seu aval depois. O desafio de fundo é reconquistar a vice-liderança de ibope, perdida para a Record de Edir Macedo em 2020. "É o que está me deixando mais ansiosa", declarou a filha número 3 a VEJA, dias antes da morte do pai, no lançamento da plataforma.

O último lance audacioso de Silvio nos negócios foi a criação da Jequiti — que, a despeito da incredulidade até de seus executivos, abocanhou um nicho no mercado de beleza popular. Agora, contudo, a Jequiti converteu-se na primeira prova

INSTAGRAM @PATRICIAABRAVANEL

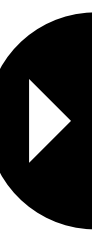
NO AR Patricia e Rebeca, com Celso Portiolli: nos passos do pai

de fogo das herdeiras. Apesar da expansão, a marca hoje dá prejuízo — e, recentemente, ao insistirem num valor maior que os 450 milhões de reais oferecidos, as herdeiras viram a venda da empresa para a Cimed desandar. O legado da alegria de Silvio é inesgotável — mas, como qualquer negócio, é preciso sagacidade para se manter no trono. ■

CONFRARIA CRIATIVA

Em *Tipos de Gentileza,* Yorgos Lanthimos põe estrelas como Emma Stone mais uma vez em cena num filme estranho, provando que lidera a panelinha mais quente do cinema atual

CARIMBADOS Emma Stone e Jesse Plemons: parcerias que não se esgotam

ATSUSHI NISHIJIMA

AS LUZES DO CINEMA se apagam e surge na tela uma combinação familiar. Emma Stone, William Dafoe e Margaret Qualley, estrelas de *Pobres Criaturas,* se revezam em três histórias independentes e de espírito nonsense. Isso denuncia: o que se vê ali é um filme do grego Yorgos Lanthimos. No longa ***Tipos de Gentileza,*** já em cartaz no país, o diretor volta-se a seus devaneios peculiares numa tríade de contos sobre obsessão, controle e obediência pouco palatáveis à lógica e de humor sombrio característico. Um pacote que reforça a ideia: já consagrado em Hollywood, o cineasta diferentão não precisa agradar a ninguém fora ele próprio — além, é claro, da trupe de atores fiéis que dão rosto às suas viagens estilísticas pouco convencionais sem pensar duas vezes.

Dono de um cinema autoral inconfundível, Yorgos está no centro da mais badalada versão atual de um velho fenômeno: as panelinhas de diretores cultuados. Cair no gosto de um cineasta em particular pode ser ótima estratégia de sobrevivência na selva hollywoodiana: dos seguidores numerosos de Wes Anderson — que vão de Bill Murray a Tilda Swinton — a parcerias consolidadas como o trio Martin Scorsese, Robert De Niro e Leonardo DiCaprio, a história do cinema está recheada dessa curiosa simbiose entre atores e diretores. A recorrência do trabalho, no geral, é benéfica para ambos: ao cair nas graças de um diretor, essas estrelas ganham um selo de prestígio que normalmente é passaporte para indicações a prêmios como o Oscar; enquanto

DIVULGAÇÃO

ORIGINAL O diretor grego: cineasta trabalha com grupo de atores fiéis

isso, os maiorais das panelinhas têm a chance de trabalhar com profissionais que conversam com sua dinâmica de filmagem e identidade artística. No universo das séries, nomes como Ryan Murphy e Mike Flanagan também "reciclam" seus atores preferidos a cada produção, criando uma forma de universo pessoal que ajuda, inclusive, a identificar uma produção como sendo de sua autoria. Há, é fato, o risco de que a parceria caia na monotonia e acabe limitando o trabalho das duas partes — mas aí é só fazer como o espanhol Pedro Almodóvar, que vai renovando sua lista de atores e atrizes-fetiches com o andar da carruagem.

No caso de Lanthimos, Emma Stone se estabeleceu como rosto principal de seu clã: além de *Tipos de Gentileza,* a atriz esteve à frente da comédia histórica *A Favorita* (2018), do curta *Vlihi* (2022) e do arrasa-quarteirões *Pobres Criaturas* (2023), que lhe rendeu o Oscar de melhor atriz com a excêntrica Bella Baxter. Com tanta química entre os dois, Emma tem futuro garantido no "yorgosverso": ela já está escalada para *Bugonia,* filme do cineasta previsto para 2025, no qual vai repetir a parceria com Jesse Plemons. O ator chegou ao clubinho em *Tipos de Gentileza* e, ao que parece, não deve deixar tão cedo a lista de contatos frequentes de Lanthimos. O cinema, afinal, é a arte da confraria criativa. ■

Amanda Capuano

EDUARDO ORTEGA

ÍNTIMO Trabalho feito em 1991: temas enigmáticos da fase final de produção

AS CORES DA TRAGÉDIA

Uma grande retrospectiva no Masp, em São Paulo, resgata os trabalhos finais de José Leonilson, o artista plástico de alma pop que virou símbolo da luta contra a aids **THIAGO GELLI**

“TEM GENTE que é perigosa porque tem uma arma na mão. Eu tenho uma coisa dentro de mim que me torna perigoso. Basta me cortar”, explicou o cearense José Leonilson Bezerra Dias — o Leonilson — à crítica Lisette Lagnado em uma de suas últimas entrevistas, no fim de 1992. Então aos 35 anos, o artista plástico teria apenas mais um aniversário antes da morte, provocada por complicações da aids, em maio do ano seguinte, e havia acabado de realizar uma de suas criações mais impactantes: *O Perigoso,* série de sete desenhos ilustrativos das suas idas ao hospital, inaugurada por uma folha de papel sobre a qual jorrou uma única gota de sangue vermelho e fresco — que desde então se coagulou e escureceu. A partir desta sexta-feira, 23, ela é um dos mais de 300 trabalhos do artista que cobrem as paredes do Masp, em São Paulo, na exposição ***Leonilson: Agora e as Oportunidades,*** dedicada aos seus últimos cinco anos de produção e de vida.

Parte da programação de 2024 do museu, voltada a histórias da diversidade LGBTQIA+, a mostra enfatiza os trabalhos inspirados pela homossexualidade do artista, sua relação com a doença e seus dilemas pessoais. Assumidamente autobiográfico, Leonilson não dava nome aos bois nem oferecia explicações claras, mas utilizava figuras e palavras simples rodeadas por eloquentes espaços vazios para expor seu drama em desenhos, pinturas e bordados. Suas obras logo se tornaram não só um registro do calvário pessoal, mas testemunho trágico da epidemia da aids.

FALCÃO JR

ANTES E DEPOIS *Olhos Atentos* e *Slave (no alto e à esq.),* da fase pré-aids, e o bordado *Cheio; Vazio,* criado após a doença: do hedonismo à introspecção

Parte da geração 80, Leonilson era inegavelmente pop, o que fez dele um equivalente do cantor Cazuza nas artes plásticas. Recorria a letras de músicas para adornar suas ilustrações, escrevia também em inglês e espanhol, traçava grafismos identificáveis com referências a mapas, cartuns e à arte de rua — e os coloria em tons vibrantes. Assim como os americanos (e contemporâneos) Keith Haring e Jean Michel-Basquiat, Leonilson partiu de inspirações marginais, da crônica da vida gay urbana à arte popular, para atingir uma universalidade notável. Não tardou, como ambos, a ver as adversidades cruzarem seu caminho — Basquiat foi vitimado pelas drogas e Haring também pelo vírus HIV.

É na transição da arte luminosa para seu introspectivo período final que a mostra do Masp capta Leonilson. Em resposta ao cerceamento da liberdade física, passou a incorporar a temática homossexual em suas obras, tanto para expor seus desejos quanto para provocar. Apesar da criação católica, não se sentia culpado pela contradição entre o Deus do Vaticano e seu desejo carnal, ilustrando encontros em toaletes, fetiches masoquistas e figuras masculinas entrelaçadas a símbolos religiosos — na sua visão, “a *Bíblia* é um livro não apenas gay, mas muito gay”. Não se considerava militante, mas defendia que o amor entre homens fosse como qualquer outro e se solidarizava com outras minorias. No trabalho de 1991 que dá nome à mostra, sugere ser um só junto aos negros, judeus, mulheres, pessoas com deficiência e comunistas. Mesmo assim, recusava que suas obras fossem vistas como meras mensagens políticas, e por isso as preenchia de vazios e silêncios enigmáticos.

Pouco após produzir *Agora e as Oportunidades,* Leonilson recebeu o diagnóstico de HIV, que logo reconfigurou toda a sua arte. Com ares de marcha fúnebre, a obra dali até 1993 é moldada pela passagem do tempo e o avanço da doença. Ilustrações feitas para a coluna de Barbara Gancia no jornal *Folha de S.Paulo* registram o enfraquecimento de suas funções motoras, partindo de críticas precisas ao governo Collor até um trabalho final rabiscado em folha de caderneta com os dizeres: “Não ouço, não vejo, não falo”. Ao mesmo tempo, gravava fitas para um projeto que nunca pô-

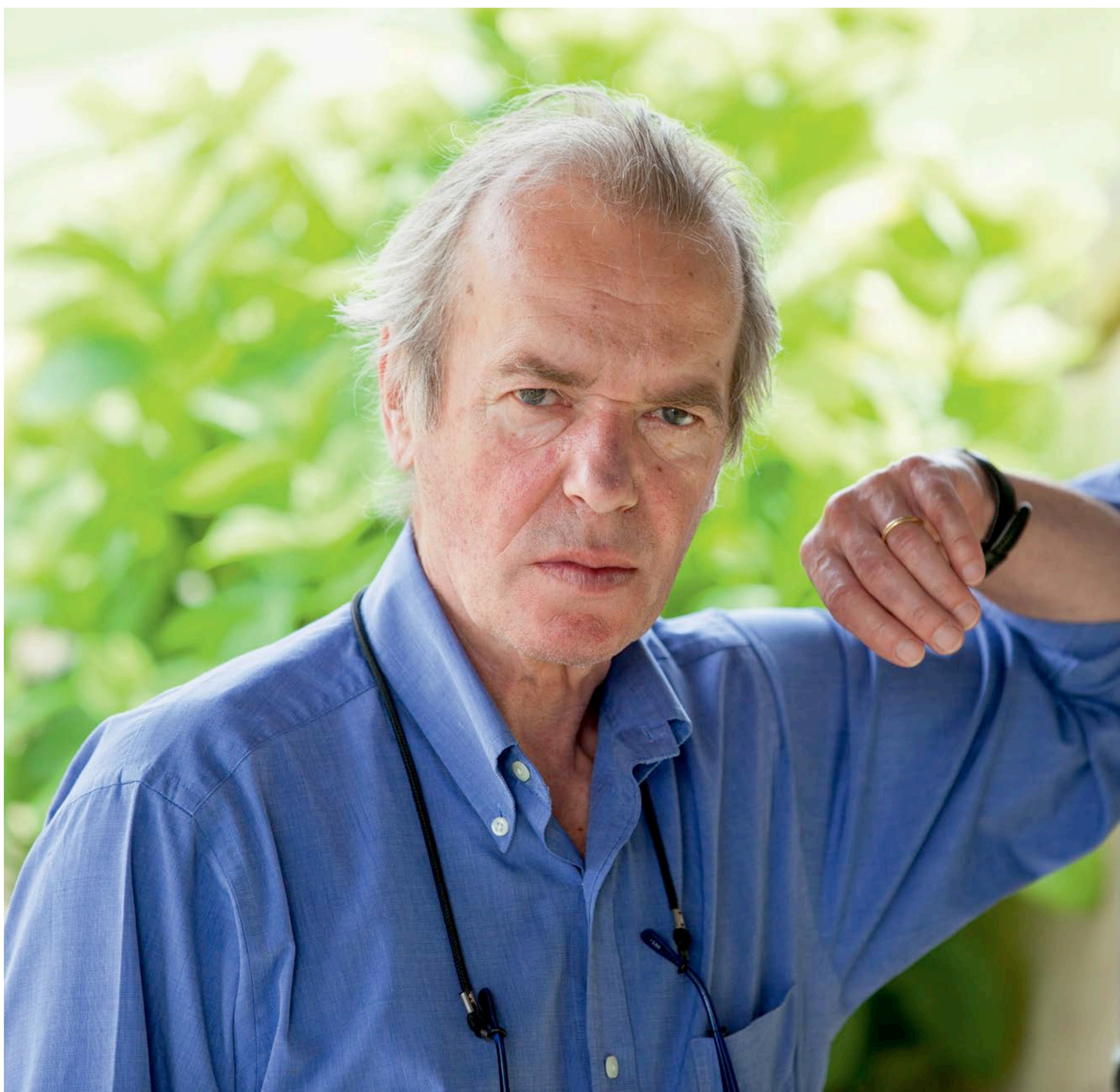
de finalizar, todas recuperadas pelo cineasta Carlos Nader para o documentário *A Paixão de JL* (2015), também exibido no museu. Nelas, narra o medo anterior à doença, sua descoberta, os impactos na vida romântica e a relação com os pais — que amava, mas para os quais só se assumiu por necessidade, quando o fim da vida já era certeza.

RONALDO MIRANDA

INTERROMPIDO
No ateliê: alergia a tinta impediu Leonilson de pintar

Em seus últimos meses, a tragédia foi agravada pelo surgimento de uma alergia às tintas. Ele, então, se voltou aos desenhos e aos bordados — interesse vindo da criação por uma mãe costureira e um pai comerciante de tecidos. Assim concebeu sua instalação final, inaugurada na Capela do Morumbi, em São Paulo, semanas após sua morte e recriada no Masp. Desde então, o artista foi celebrado em centenas de exposições dentro e fora do Brasil, e figura nas coleções de museus como o MoMA de Nova York e a Tate Gallery londrina. Mas não é o reconhecimento que o imortaliza, e sim a lacuna que deixa. Como nos espaços em branco das telas que pintou, Leonilson se faz presente na ausência. ■

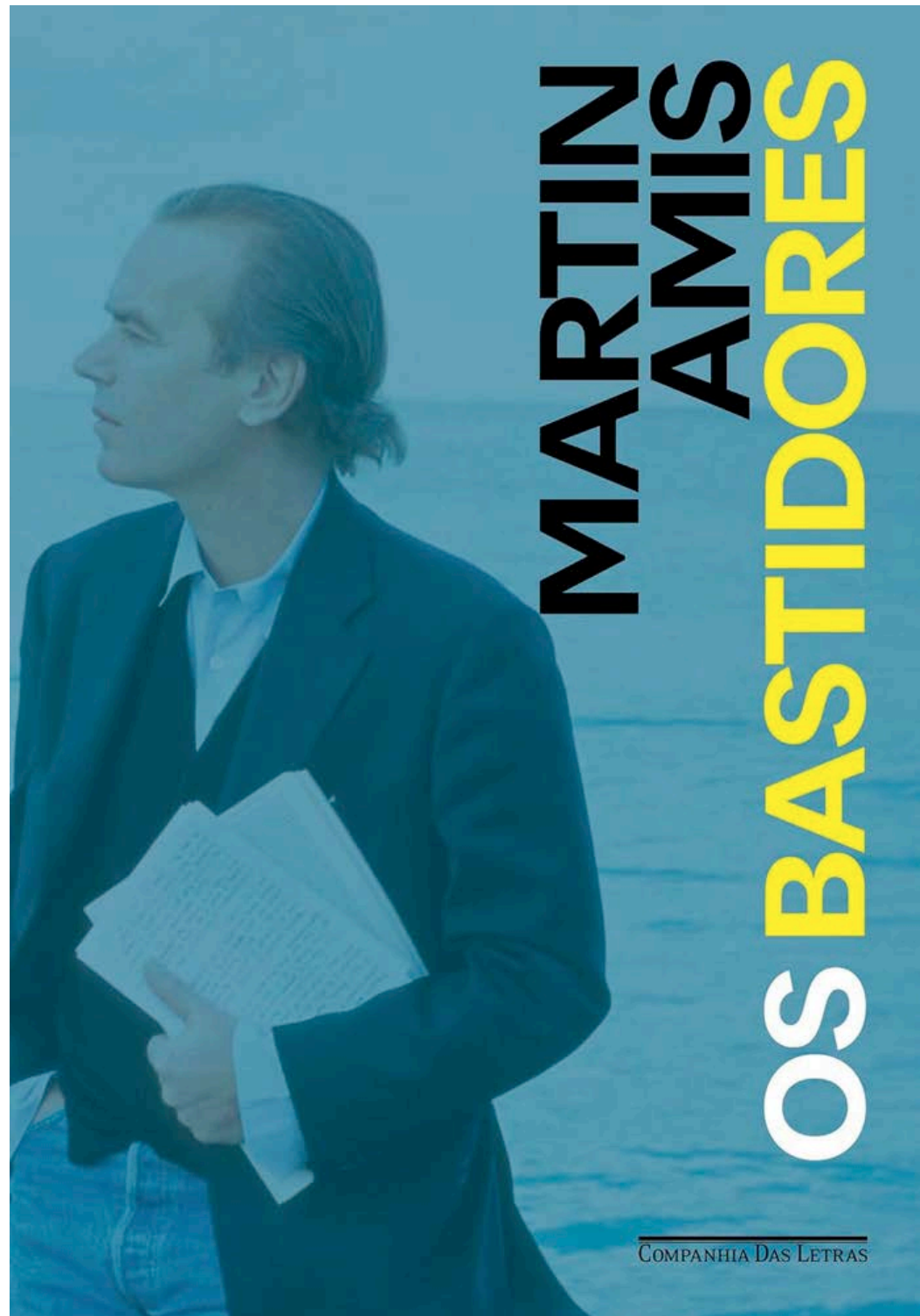
PÁGINAS DE UMA VIDA

Em seu derradeiro romance, *Os Bastidores*, o britânico Martin Amis tece um belo testamento literário e atesta por que ele foi um dos maiores escritores de nosso tempo **DIEGO BRAGA NORTE**

LEONARDO CENDAMO/GETTY IMAGES

ELEGÂNCIA Martin Amis: um "Mick Jagger da literatura" que hipnotizou leitores sendo pop e lascivo – mas nunca vulgar

A VIDA profissional pode ser bem complicada para filhos de pessoas talentosas que decidem seguir a profissão dos pais. O filho do Pelé optou por não fazer gols; o filho do Bob Dylan é um compositor medíocre; e o filho do José de Alencar foi um poeta dispensável. Nesse sentido, o escritor inglês Martin Amis (1949-2023) pode ser considerado o *nepo baby* — expressão que designa os filhos de famosos — que deu certo. Seu pai foi o renomado romancista Kingsley Amis, e sua madrasta, a também proeminente escritora Elizabeth Jane Howard. Amis não só trilhou o caminho de ambos: superou-os com louvor.

Autor de catorze romances, quatro coletâneas de contos e oito livros de ensaios, Amis é frequentemente chamado de “Mick Jagger da literatura”. A comparação faz sentido. Afinal, ele é lascivo sem ser vulgar; é pop sem descuidar da erudição; é agressivo, jamais violento. E, se Jagger canta e dança para hipnotizar seu público, Amis domina a técnica narrativa para mesmerizar seus leitores. Quem atravessou as quase 400 páginas de *A Zona de Interesse* — recentemente adaptado para as telas por Jonathan Glazer e ganhador do Oscar de melhor filme internacional — sabe que, uma vez iniciados, os livros de Amis são consumidos avidamente. É um autor magnético, talvez o melhor em sua fabulosa geração de prosadores britânicos, que reúne nomes como Julian Barnes, Maggie Gee, Ian McEwan, Rose Tremain e Salman Rushdie.

A obra ***Os Bastidores — Como Escrever,*** lançada em 2020 e publicada agora no Brasil, fecha o trabalho de Amis com bri-

OS BASTIDORES,
de Martin Amis (tradução de José Rubens Siqueira; Companhia das Letras; 592 págs.; 199,90 reais e 49,90 reais em e-book)

lhantismo. Apesar do subtítulo, ninguém vai aprender a ser um escritor ao lê-la. Afinal, o título original — *Inside Story: a Novel*, algo como "Bastidores: um Romance", em tradução livre — deixa claro que se trata de uma obra de ficção. E, mais especificamente, de um romance autobiográfico. Morto em decorrência de um agressivo câncer em 2023, Amis já sabia que tinha pouco tempo restante quando escreveu seu último livro. Assim, optou por fazer um balanço de sua vida, amizades, influências (Vladimir Nabokov à frente) e amores. É um testamento literário.

O próprio autor e sua família protagonizam o livro, além de dois de seus melhores amigos, o escritor americano Saul Bellow e o também autor e jornalista inglês Christopher Hitchens. Há muitas personagens e passagens fictícias, mas, por ser um livro fortemente ancorado na realidade, foi chamado aqui e acolá de autoficção — algo que obviamente desagradou ao artífice da coletânea de ensaios *The War Against Cliché* (A Guerra contra o Clichê). Em suas palavras: "O livro é sobre uma vida, a minha, então não vai ser lido como um ro-

A24 FILMS

CORTANTE O filme *Zona de Interesse:* adaptação de obra-prima do autor inglês

mance". O autor pouco fala sobre sua adolescência e estudos universitários: concentra-se na infância tumultuada de filhos de pais separados e em sua bastante agitada vida adulta, incluindo muitas viagens e uma mudança continental.

Com didatismo e muita ironia (algo inscrito no DNA dos britânicos), Amis faz o relato brincando com suas próprias dicas literárias. Por exemplo: logo após advertir que um escritor deve evitar "qualquer referência à mecânica de fazer amor, a menos que contribua para nossa compreensão do personagem ou da situação afetiva", ele inicia um capítulo descrevendo a aproximação, o interesse mútuo e a conjunção carnal entre um casal. Em outro momento, afirma que

Saul Bellow foi corajoso ao escrever vários livros sobre pessoas reais e conhecidas, correndo riscos — exatamente o que Amis faz em *Os Bastidores*.

Os dois grandes temas da literatura (e da vida) norteiam o romance: amor e morte. Eros e Tânatos estão sempre presentes no relato, com o autor falando do seu amor pelas palavras, pelas ideias, por suas mulheres, filhos e amigos, mas também discorrendo sobre a morte de pessoas queridas e sobre sua relação com a finitude.

Três relatos são bastante impactantes pela carga afetiva e pela descrição quase clínica do declínio físico e mental. Amis fica tocado ao acompanhar a grande mente e personalidade de Bellow esfumaçando-se diante do Alzheimer. E também descreve os dias finais do poeta inglês Philip Larkin e do jornalista Hitchens. Ambos tiveram a mesma doença, câncer de esôfago — mesmo tipo, aliás, que viria a vitimar o próprio Amis. Mas, enquanto Larkin é retratado como um sujeito retraído, depressivo e com sérios problemas de relacionamento com o sexto oposto, seu amigo Hitch transborda energia e mantém o bom humor mesmo diante de algo que está prestes a aniquilar sua existência.

Com sua vida e sua escrita, Amis demonstra que não há vencedor possível no duelo entre Eros e Tânatos. Não há sequer um embate, pois eles se complementam e um não existe sem o outro. Para ele, é justamente do encontro de Eros, “a força mais potente e mais inefável da natureza”, com Tânatos que resulta a arte, a magia humana que sobrevive ao tempo. ■

CARLOS SOMONTE/MGM

MISTÉRIO Naomi e Tatum em cena: ilha de bilionário sedutor vai de lugar dos sonhos a pesadelo absoluto

CINEMA

PISQUE DUAS VEZES ***(Blink Twice*, México/ Estados Unidos, 2024. Em cartaz no país)**

Boa parte do tempo, a garçonete Frida (Naomi Ackie) se sente invisível — logo a surpresa quando, num evento beneficente, o bilionário Slater King (Channing Tatum) lhe dá atenção. O bonitão emenda a festa com uma viagem à sua ilha particular, convidando Frida para se unir a seus amigos. O lugar exuberante é palco de jantares regados a álcool e drogas, e de uma série de bizarrices: de cobras venenosas a funcionários carrancudos, a ilha parece mexer com a cabeça dos visitantes — até um desaparecimento transformar a festa em pesadelo. Estreia na direção da atriz Zoë Kravitz (filha do cantor Lenny Kravitz e da atriz Lisa Bonet), o filme foi comparado a *Corra!*, suspense de Jordan Peele no qual a confusão mental e os maiores medos de uma pessoa se cruzam num beco aparentemente sem saída.

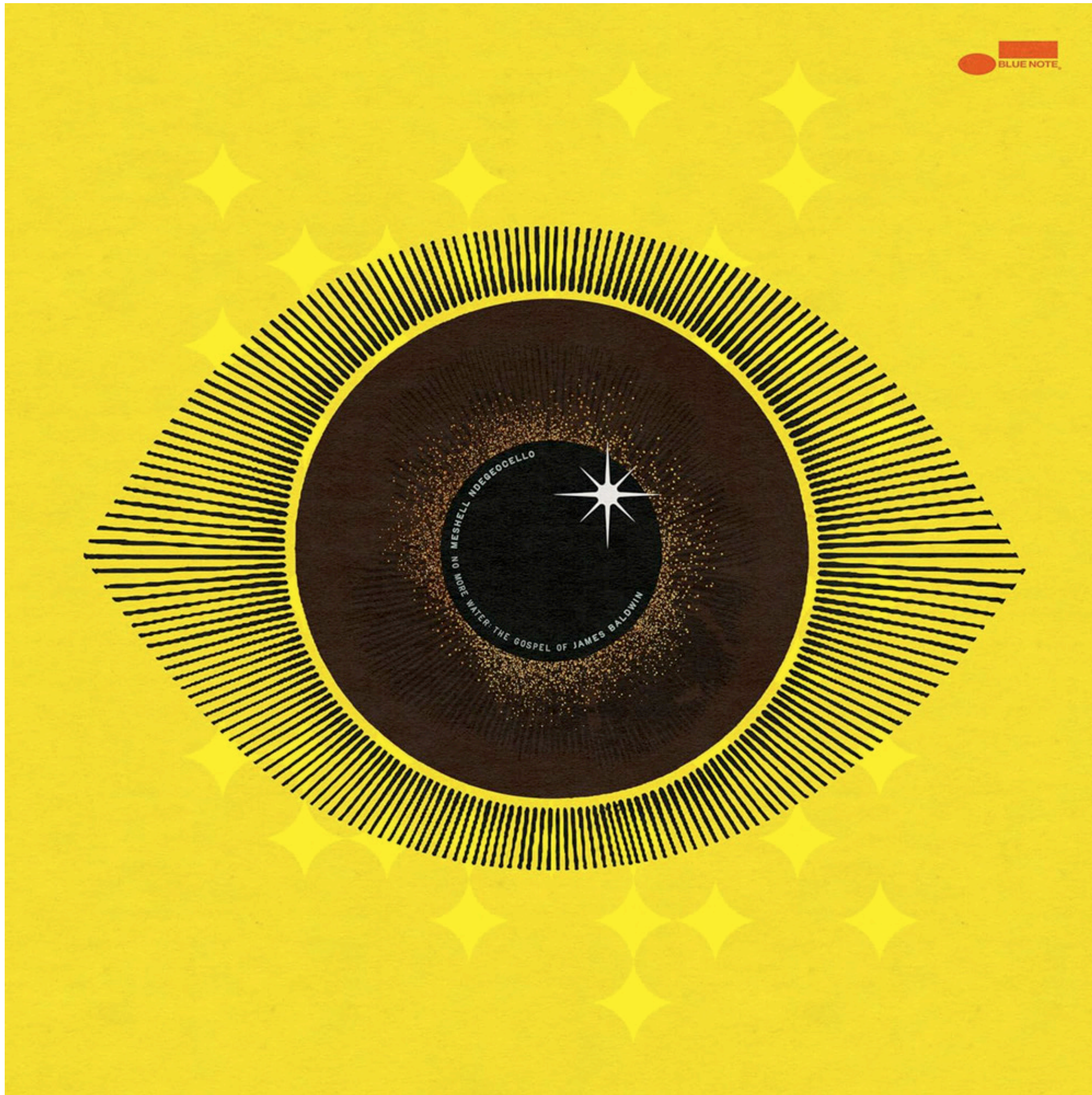
TELEVISÃO

PACHINKO– SEGUNDA TEMPORADA

(oito episódios disponíveis semanalmente até 11 de outubro, às sextas, na Apple TV+)

APPLE TV+

FORÇA Sunja *(no centro)* e família: vida dura no Japão fica pior com a Segunda Guerra

Filha de coreanos durante a ocupação dos japoneses na Coreia, Sunja (Minha Kim) aprendeu a ser resiliente desde cedo, mas teve a falta de sorte de engravidar de um homem casado. Salva da desgraça por um pastor que aceitou assumir a criança, ela se muda para o Japão quando a vida no país fica insustentável. Na nova temporada, porém, os horrores da Segunda Guerra põem a vida de Sunja em provações ainda maiores, com consequências que afetarão drasticamente as próximas gerações de sua família nesse dorama que paira muito acima dos novelões do gênero em voltagem e qualidade.

DISCO

NO MORE WATER: THE GOSPEL OF JAMES BALDWIN, **de Meshell Ndegeocello (nas plataformas de streaming)**

Poeta e ativista pelos direitos civis, o americano James Baldwin (1924-1987) tem seus escritos pungentes sobre desigualdade racial, religião e sexualidade vertidos em músicas pela rapper e baixista Meshell Ndegeocello, de 55 anos. Figura marcante na luta contra o racismo — e amigo de Nina Simone —, Baldwin acreditava que só na música seus textos teriam a força emocional que buscava. O álbum comprova isso: intercalado por manifestos, vai de faixas dançantes, como *Travel*, ao jazz de *On the Mountain*. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 152#] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [2 | 89#] GALERA RECORD

3 **VERITY**
Colleen Hoover [4 | 122#] GALERA RECORD

4 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [7 | 10#] BUZZ

5 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [6 | 111#] BERTRAND BRASIL

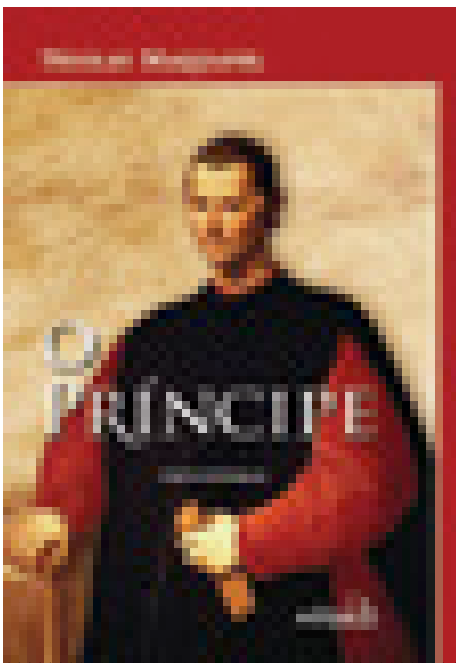
6 **O LIVRO DO BILL**
Alex Hirsch [5 | 4#] UNIVERSO DOS LIVROS

7 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [8 | 99#] RECORD

8 **FOGO E SANGUE**
George R.R. Martin [3 | 26#] SUMA DE LETRAS

9 **O LADO FEIO DO AMOR**
Colleen Hoover [0 | 28#] GALERA RECORD

10 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [10 | 103#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1. **O PRÍNCIPE**
   Nicolau Maquiavel [1 | 60#] VÁRIAS EDITORAS
2. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
   Djamila Ribeiro [7 | 135#] COMPANHIA DAS LETRAS
3. **O ANIMAL SOCIAL**
   Elliot Aronson e Joshua Aronson [2 | 10#] GOYA
4. **O PACTO DA BRANQUITUDE**
   Cida Bento [4 | 25#] COMPANHIA DAS LETRAS
5. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
   Byung-Chul Han [9 | 68#] VOZES
6. **O LADO B DE BONI**
   José Bonifácio Oliveira Sobrinho [8 | 2] BEST SELLER
7. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
   Yuval Noah Harari [6 | 368#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
8. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
   Clarissa Pinkola Estés [0 | 199#] ROCCO
9. **SILVIO SANTOS – A BIOGRAFIA DEFINITIVA**
   Marcia Batista e Anna Medeiros [0 | 7#] UNIVERSO DOS LIVROS
10. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
    Anne Frank [0 | 324#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **PRINCÍPIOS MILENARES**
Tiago Brunet [0 | 1] ACADEMIA

2 **MARKETING IDEOLÓGICO**
Davi Ribas [0 | 1] GENTE

3 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [4 | 48#] HARPERCOLLINS BRASIL

4 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [3 | 181#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [2 | 34#] VÉLOS

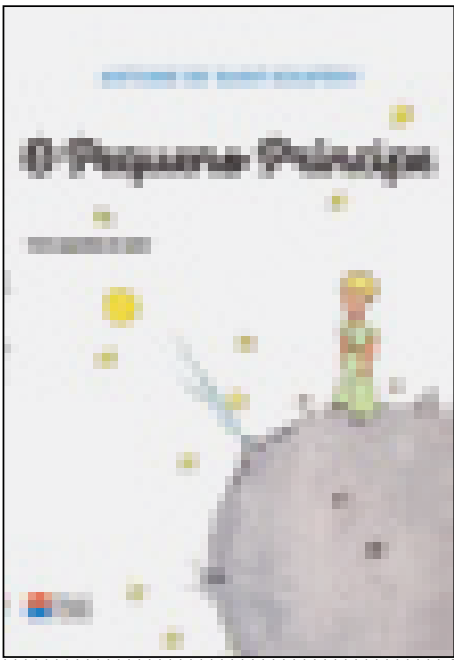
6 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [5 | 32#] ROCCO

7 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [0 | 2#] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **A FÓRMULA DE MILHÕES**
Alan Spadone [0 | 1] GENTE

9 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [6 | 62#] ALTA BOOKS

10 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [9 | 464#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 432#] VÁRIAS EDITORAS

2 **APOSTANDO NO AMOR**
Lynn Painter [0 | 1] INTRÍNSECA

3 **MARVIN GRINN E A GAIOLA DOURADA**
Armando Ribas Neto [0 | 1] VITROLA

4 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [10 | 17#] INTRÍNSECA

5 **CORALINE**
Neil Gaiman [4 | 80#] INTRÍNSECA

6 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [2 | 437#] ROCCO

7 **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS**
Holly Jackson [3 | 27#] INTRÍNSECA

8 **MERGULHO NA ESCURIDÃO**
Elley Cooper e Scott Cawthon [8 | 8#] INTRÍNSECA

9 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [0 | 38#] VR

10 **AS CRÔNICAS DE NÁRNIA – COLEÇÃO COMPLETA**
C.S. Lewis [0 | 1] HARPERCOLLINS BRASIL

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, Travessia, **Barra Bonita:** Real Peruíbe, **Barueri:** Travessa, **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Navegar, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Limeira:** Livruz, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Livro Presente, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Leitura, **Santos:** Loyola, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, **São Paulo:** A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Paisagem, Santuário, SBS, Simples, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha:** Leitura, **Vitória:** Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Paisagem, Sinopsys, Submarino, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes, Um Livro

JOSÉ CASADO

ACABOU O DINHEIRO

LULA ESTÁ inconformado com a independência dos deputados e senadores, mas não sabe o que fazer, não encontra os meios ou apenas não quer mudar o que está aí. No impasse, segue na rendição à realidade de uma Presidência institucionalmente debilitada em duas décadas de sucessivas crises — as do mensalão, do petrolão, do impeachment e da tragicomédia bolsonarista, entre outras.

Vive a nostalgia dos velhos tempos, os primeiros deste século, quando era tudo diferente no Palácio do Planalto. O governo tinha força para insinuar — com frequência, deixava explícito — o elevado custo da resistência aos desejos do presidente: verbas federais seriam redirecionadas aos adversários do parlamentar rebelde na própria base eleitoral. Deputados e senadores faziam fila nos corredores da Casa Civil e dos ministérios, oferecendo votos em plenário em troca da "liberação" do financiamento de projetos previstos nas emendas ao Orçamento.

Foram anos dourados para Lula, eleito e reeleito com mais de 60% dos votos à Presidência, então reconhecida pelos poderes quase imperiais. Governou embalado pelo vento da bonança econômica, amparada num ciclo de alta nos preços das

mercadorias exportadas, com legitimidade renovada em sucessivos recordes de popularidade (até 67% de aprovação).

Passaram-se duas décadas. Lula saiu da prisão, livrou-se dos processos do petrolão e reconquistou a Presidência por margem estreita (1,8 ponto percentual). Voltou ao Planalto com a antiga receita de governar sem maioria congressual. Dispensou a ideia de coalizão, esboçada na campanha, e retomou a gerência do varejo de alianças ocasionais para votações, com o uso de cargos e verbas para emendas parlamentares.

Fez uma escolha política. Acabou surpreendido. O poder quase imperial do presidente havia sido dissipado na poeira da História. Ele tropeçou num Congresso mais autônomo, onde a maioria já não depende do governo para distribuir nos seus distritos eleitorais. Hoje, tudo o que os ministérios têm para oferecer aos parlamentares é um "cardápio de emendas", o menu oficial das ambições governamentais à espera de financiamento. Agora, são os ministros que dependem dos deputados e senadores.

Lula se repete nas queixas. "Hoje você tem metade do Orçamento na mão do Congresso, não tem nenhum país do mundo que tenha essas condições", disse na semana passada às repórteres Rosane de Oliveira, Andressa Xavier e Giane Guerra. "O Congresso tomou conta. Tem um ditado que diz o seguinte: as pessoas têm facilidade de se acostumar com coisas boas. Então, se o cidadão tem o direito de ter uma emenda de 30 milhões, 40 milhões, 50 milhões de

“Governo, Congresso e Judiciário seguem perdidos sobre como administrar o Estado”

reais, e se diz que presidente da comissão *(do Legislativo)* tem direito a 300 milhões, 400 milhões de reais, isso pode tornar a pessoa viciada e não querer abrir mão.”

A Constituição manda o Congresso fazer o orçamento e o governo executá-lo. Lula acha que dinheiro na mão de deputado e senador é vendaval. E tem razão, em parte. Nas condições atuais, que aceitou no período pós-eleição, é um mistério quem envia, quem recebe e qual o destino de alguns bilhões consumidos na rubrica emenda parlamentar. Não significa que era melhor e mais transparente quando o poder de decisão estava concentrado no governo. Dinheiro é coisa perigosa, dizia Miguel Arraes, lenda da política nordestina. Acrescentava, talvez em contrição: “Nas mãos de um homem público, é sempre um desastre”.

Agora, acabou a grana. Lula se mostra impaciente com a inércia do próprio governo e, sobretudo, com a perspectiva de atravessar os últimos dois anos de mandato na gerência de um caixa esvaziado, insuficiente para bancar os investi-

mentos que julga essenciais à campanha eleitoral de 2026. Cerca de 96% do Orçamento federal estão vinculados ao pagamento de despesas básicas com previdência, saúde, educação, programas assistenciais, dívida e funcionalismo público. Sobram apenas 4% dos recursos para livre gasto, incluídos investimentos públicos. Nem Lula nem o Congresso e o Judiciário se mostram dispostos a mudar isso aí, revisando a vinculação (96%) das receitas.

Preferem continuar entretidos na disputa de poder sobre a fatia menor do Orçamento, num país onde o peso do Estado na economia já supera 34% do produto interno bruto. Reuniões como a patrocinada pelo Supremo transmitem ao público a mensagem de que não sabem o que fazer. Na vida real sabem, mas não querem. Se querem, não demonstram coragem de fazer. Governo, Congresso e Judiciário seguem perdidos sobre como administrar o Estado brasileiro no século XXI. ■